POR ISSO A GENTE ACABOU

DANIEL HANDLER

ILUSTRAÇÃO
MAIRA KALMAN

CIA. DAS LETRAS

POR
ISSO
A
GENTE
ACABOU

POR ISSO A GENTE ACABOU

DANIEL HANDLER

ILUSTRAÇÕES
MAIRA KALMAN

TRADUÇÃO DE
ÉRICO ASSIS

Para Charlotte —
por isso a gente se juntou

D. H. + M. K.

Caro Ed,

Daqui a um segundo você vai ouvir o *tump*. Na porta da frente, aquela que ninguém usa. Quando ela tocar no chão, vai balançar as dobradiças, porque é pesada e importante, e vai ter esse outro barulho junto com o *tump*, e a Joan vai tirar os olhos de seja lá o que for que ela estiver cozinhando. Ela vai olhar para a panela de novo, preocupada, porque, se for até a porta para ver o que é, vai cozinhar demais. Eu a vejo franzindo a testa no reflexo do molho borbulhante ou sei lá o quê. Mas ela vai ver, ela vai. Você não vai, Ed. Não veria. Você deve estar no andar de cima, suado, sozinho. Você devia estar tomando banho, mas está de coração partido na cama, eu espero, por isso é a sua irmã, a Joan, que vai abrir a porta mesmo que o *tump* seja para você. Você nem vai saber o que é nem ouvir o que está sendo jogado na sua porta. Você não vai nem entender por que aconteceu.

O dia está lindo, ensolarado e tudo mais. É daqueles dias em que você acha que tudo vai dar certo etc. Não era o dia para isso, nem para nós, que saímos de 5 de outubro a 12 de novembro. Mas já é dezembro e o céu está claro, assim como tudo agora está claro para mim. Estou contando por que a gente acabou, Ed. Estou escrevendo, nesta carta, toda a verdade sobre o que aconteceu. E a verdade é que, porra, eu te amei demais.


YOU EITHER HAVE THE
FEELING
OR YOU DON'T
FRÁGIL

O *TUMP* É DA CAIXA, ED. É isso que eu estou deixando para você. Achei no porão, fui lá e peguei a caixa quando todas as nossas coisas começaram a ficar demais para a gaveta do meu criado-mudo. E também achei que a minha mãe fosse descobrir umas coisas, porque ela adora bisbilhotar no que não deve. Então foi tudo para a caixa e a caixa foi para o closet, deixei em cima daqueles sapatos que eu nunca uso. Todo suvenir de amor que a gente tinha, os prêmios e os destroços dessa relação, que nem confete na sarjeta depois que o desfile passa, o tudo e o não sei que mais chutado para o meio-fio. Estou largando essa caixa toda de volta na sua vida, Ed, cada pertence do meu eu com você. Vou largar essa caixa na sua varanda, Ed, mas é você, Ed, quem está sendo largado.

O *tump*, eu admito, vai me fazer sorrir. Uma coisa bem rara, ultimamente. Tenho ficado que nem a AimeéRondelé em *O céu também chora*, um filme, um filme francês, você não assistiu. Ela é assassina e estilista, e só sorri duas vezes no filme inteiro. A primeira é quando o chefão que matou o pai dela é jogado de um prédio, e não é nessa vez que estou pensando. É aquela do final, quando a Aimeé finalmente consegue o envelope com as fotos e o queima sem abrir naquele cinzeiro esplendoroso e fica com aquele vestido verde sensacional assistindo os tordos rodearem o pináculo da igreja. Eu entendo. O mundo entrou nos eixos de novo, o sorriso é por isso. Eu te amava e aqui vão as suas coisas, para longe da minha vida onde você deve ficar, o sorriso é por isso. Sei que você não vê, Ed, mas se eu contar a trama toda talvez você

entenda desta vez, porque mesmo agora ainda quero que você veja. Eu não te amo mais, claro que não, mas ainda tem alguma coisa que posso te mostrar. Você sabe que eu quero ser diretora, mas você nunca viu de verdade os filmes da minha cabeça e foi por isso, Ed, que a gente acabou.


YOU EITHER HAVE THE
FEELING
OR YOU DON'T
FRÁGIL

ESCREVI A FRASE QUE EU MAIS GOSTO na tampa da caixa, é do Hawk Davies, que é uma lenda, e estou escrevendo esta carta em cima da tampa da caixa, usando-a de mesa, para poder sentir o Hawk Davies fluindo em cada palavra que escrevo para você. O caminhão da loja do pai do Al às vezes balança, então as palavras podem ficar tremidas, mas azar o seu que vai ter que ler cada uma delas. Liguei para o Al hoje de manhã e, logo que eu disse "Adivinha?", ele respondeu: "Você vai pedir para fazer uma entrega com o caminhão do meu pai".

— Você é um bom adivinho — falei. — Quase isso.

— Quase?

— O.k., está bem, é isso.

— Certo, me dá um segundo para eu achar as chaves e já te pego.

— Deve estar na sua jaqueta, depois de ontem.

— Você também é uma boa adivinha.

— Não quer saber qual é a entrega?

— Você me diz quando eu chegar.

— Eu quero dizer agora.

— Não interessa, Min — ele disse.

— Me chame de La Desperada — falei.

— Hein?

— Vou devolver as coisas do Ed — falei depois de respirar fundo, e aí ouvi o Al respirar fundo também.

— Finalmente.

— Pois é. A minha parte do acordo, né?

— É, quando você estivesse pronta. Então, está pronta?

Mais um suspiro, mais um bem profundo, mas tremido.

— Sim.

— Você está triste?

— Não.

— *Min*.

— Tudo bem, estou.

— O.k., peguei as chaves. Cinco minutos.

— O.k.

— O.k.?

— É que eu estou olhando para a frase na caixa. Hawk Davies, sabe? "*You either have the feeling or you don't*"

— Cinco minutos, Min.

— Al, desculpa. Eu nem devia...

— Min, não tem problema.

— Mas não precisa. É que a caixa é tão pesada que eu não sei...

— *Não tem problema*, Min. E claro que eu preciso.

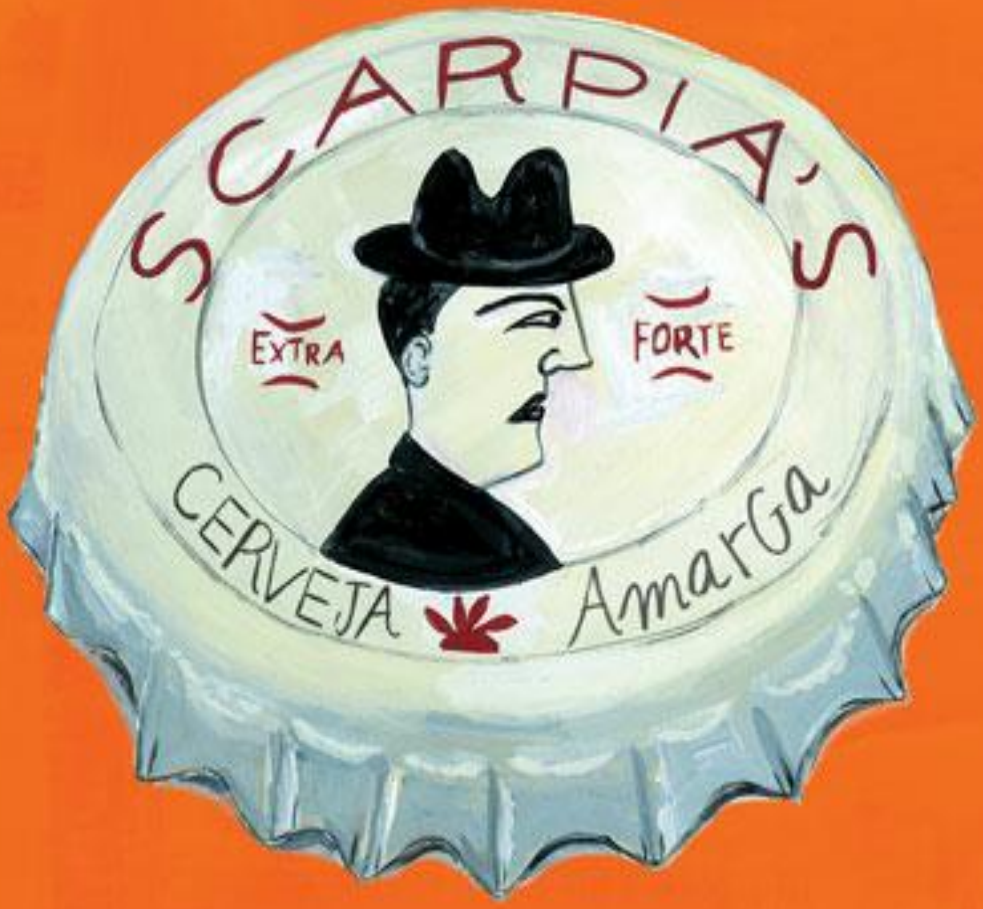
— Por quê?

Ele suspirou no telefone e eu continuei olhando para a caixa. Vou sentir falta da frase quando abrir o closet, mas não, Ed, não sinto saudade de você.

— Porque, Min — disse o Al —, as chaves estavam na minha jaqueta, como você falou.

O Al é uma pessoa boa, muito boa, Ed. Foi na festa do Al que você e eu nos conhecemos, não que ele tivesse te convidado, porque ele não tinha opinião formada sobre você na época, então não convidou nem você nem ninguém da sua turminha de atletas toscos para a festa de Dezesseis do Desgosto dele. Saí mais cedo do

colégio para ajudar com o *pesto* de dente-de-leão verde que fizemos com gorgonzola em vez de parmesão para ficar mais amargo e que servimos por cima do nhoque cor de nanquim da loja do pai dele misturado com vinagrete de laranja sanguínea da salada de frutas e cozinhamos aquele bolo de chocolate preto oitenta e nove por cento de cacau no formato de um grande coração negro tão amargo que não conseguimos comer, mas você simplesmente apareceu sem ser convidado com o Trevor e o Christian e os outros e ficou escondido num canto e não tocou em nada além de, tipo, nove garrafas de cerveja preta Scarpia's. Eu fui uma boa convidada, Ed, e você não disse nem "amargo aniversário" nem deu um presente para o seu anfitrião, e foi por isso que a gente acabou.


SCARPIA'S
EXTRA
FORTE
CERVEJA
AMARGA


SCARPIA'S
EXTRA
FORTE
CERVEJA
AMARGA

ESTAS SÃO AS TAMPINHAS das garrafas de cerveja preta Scarpia's que você e eu tomamos no quintal do Al naquela noite. Eu ainda vejo as estrelas brilhando e formigando e a gente esbaforindo fumaça do frio, você de jaqueta do time e eu com o casaco de lã que sempre pego emprestado na casa do Al. Já estava me esperando, lavado e dobrado, quando subi com o Al para dar o presente dele antes de os convidados chegarem.

— Eu falei que não queria presente — disse o Al. — Eu te falei que a festa já era suficiente, não era compulsório trazer...

— Não é *compulsório* — eu disse, porque tinha o mesmo jogo de vocabulário que o Al quando a gente era calouro. — Eu achei uma coisa. Que é perfeita. Abre.

Ele tirou a sacola de mim, nervoso.

— Vamos lá, feliz aniversário.

— O que é?

— Tudo que o seu coração deseja. Espero. Abre. Você vai me deixar louca.

Rasga, arranca, rasga, e ele meio que deu um suspiro. Foi recompensador.

— Onde você achou?

— Não é, tipo, não é *igualzinha* àquela que o cara usa na cena da festa do *Una settimanastraordinaria*?

Ele sorriu para a caixinha. Era uma gravata, verde-escura com uma linha costurada de diamantes estilizados. Estava na minha gaveta das meias fazia meses, esperando.

— Tire — falei. — Use hoje. Não é *igualzinha*?

— Quando ele sai do Porcini XL10 — ele disse, mas estava olhando para mim.

— A cena que você mais gosta de todos os filmes do mundo. Espero que você tenha amado.

— Eu amei, Min. Amei mesmo. Onde você achou?

— Dei uma passadinha na Itália e seduzi o Carlo Ronzi, e aí quando ele caiu no sono fui no figurino dele e...

— *Min*.

— Liquidação. Deixa que eu ponho em você.

— Eu sei pôr uma gravata, Min.

— Não no seu aniversário. — Dei um jeito no colarinho dele. — Elas vão te comer com os olhos.

— Quem?

— As meninas. As mulheres. Na festa.

— Min, vai ser o mesmo pessoal que sempre vem.

— Não tenha certeza disso.

— Min.

— Você não está pronto? Quer dizer, eu estou. Já superei o Joe. Foi só um pega de verão, chega. E você? Los Angeles já faz quase um milhão de anos...

— Foi no ano passado. *Este* ano, na verdade, mas no semestre passado.

— É, e começou o último ano, a primeira coisa que vamos fazer. Está preparado? Para a festa, para o romance, para *Una settimanastraordinaria*? Você não está, tipo, sedento por...

— Estou sedento por *pesto*.

— Al.

— E para que as pessoas se divirtam. Só isso. É só um aniversário.

— É o Dezesseis do Desgosto! Você está dizendo que se a menina parar na frente do Porcini-sei-lá-o-quê...

— Tudo bem, para o carro eu estou pronto.

— Quando você tiver vinte e um — falei —, eu te compro o carro. Hoje é a gravata e algo mais...

Ele suspirou, bem baixinho, para mim.

— Nem tenta, Min.

— Eu encontro o que o seu coração mais deseja. Olha só, já fiz uma vez.

— Estou falando da gravata. Parece que você está fazendo tranças numa passadeira. Solta.

— Tudo bem, tudo bem.

— Mas obrigado.

Arrumei o cabelo dele.

— Feliz aniversário — falei.

— O casaco de lã está ali quando você ficar com frio.

— Sim, porque eu vou estar jogada num canto sabe-se lá onde e você estará num mundo de paixão e aventura.

— E de *pesto*, Min. Não esquece do *pesto*.

Lá embaixo, a Jordan tinha colocado o mix da amargura, no qual havíamos trabalhado arduamente, e a Lauren estava andando com um palito de fósforo comprido acendendo velas. *Silêncio no set*, era isso que parecia, os dez minutos em que tudo crepita e nada acontece. E então, com um *vuush* da porta de tela dos pais dele, um carregamento inteiro de Monica e o irmão dela e aquele cara que joga tênis entraram com vinho que tinham surrupiado da *openhouse* da mãe dela — ainda embrulhado em papel de presente feinho — e aumentaram a música e a noite começou. Fiquei quieta na minha procura, mas continuava em busca de

alguém para o Al. O problema é que as meninas eram todas erradas, de glitter na bochecha ou agitadas demais, ou não sabiam nada de cinema ou já tinham namorado. E aí já era tarde, o gelo tinha virado água na tigelona de vidro, como as calotas polares. O Al ficava dizendo que era hora do bolo e, como uma música que esquecemos que estava no mix, você entrou na casa e na minha vida.

Você parecia forte, Ed. Acho que você sempre pareceu forte, os seus ombros e o queixo, os seus braços te conduzindo pela sala, o pescoço onde agora sei que você gosta de ser beijado. Forte e limpo, confiante, até amigável, mas não muito disposto a agradar. Alto como um grito, bem descansado, robusto. De banho tomado. Lindo, Ed, era isso que eu queria dizer. Suspirei que nem o Al quando dei o presente perfeito para ele.

— Eu amo essa música — alguém falou.

Acho que você sempre faz isso nas festas, Ed, andar com os cotovelos de sala em sala, cumprimentando todo mundo com os olhos na sala à frente. Alguns ficavam olhando, teve uns caras que fizeram "toca aí" com você, e o Trevor e o Christian quase bloquearam os homens que nem guarda-costas. O Trevor estava bem bêbado e você o acompanhou por uma porta até sair de vista e eu esperei até a música chegar de novo no refrão antes de ir te procurar. Não sei por quê, Ed. Não é que eu nunca tivesse te visto. Todo mundo te conhece, você é, tipo, sei lá, o filme que todo mundo vê quando é criança, todo mundo te viu, ninguém lembra de não te ver. Mas de repente eu queria mesmo, de verdade, te ver de novo naquele instante, naquela noite. Passei por aquele cara que ganhou o prêmio de ciências, olhei na sala de jantar, na salinha com as fotos emolduradas do Al sem jeito na escadaria da igreja. Estava abafado, cada sala, muito calor e muito barulho, e eu subi as escadas correndo, bati na porta para o caso

de já haver alguém na cama do Al, peguei o casaco de lã e então fui para fora tomar um ar e talvez te ver no quintal. E eu vi, você estava lá. O que me levou a fazer essa coisa, você lá parado e sorrindo, segurando duas cervejas enquanto o Trevor passava mal na floreira da mãe do Al? Não era para eu estar olhando, eu não. Não era o *meu* aniversário, foi isso que eu pensei. Não tinha motivo para eu ter saído assim, no quintal, assim, de repente. Você era o Ed Slaterton, qual é, falei para mim mesma, você nem tinha sido convidado. O que é que eu tenho? O que eu estava fazendo? Mas da boca para fora eu estava conversando com você e perguntando o que tinha acontecido.

— Não é comigo — você disse. — Mas o Trev está meio mal.

— Vai se foder — o Trevor balbuciou dos arbustos.

Você riu e eu ri também. Você ergueu as garrafas na luz do alpendre para ver qual era qual.

— Toma, essa aqui ninguém tocou ainda.

Eu não costumo beber cerveja. Não bebo nada, na verdade. Peguei a garrafa.

— Não era para o seu amigo?

— Ele não devia misturar — você disse. — Já tomou metade de uma Parker's.

— É mesmo?

Você olhou para mim e aí pegou a garrafa de volta porque eu não conseguia abrir. Em um segundo você abriu e pôs as duas tampinhas na minha mão como se fossem moedas, um tesouro, um segredo, e aí me devolveu a garrafa.

— A gente perdeu — você explicou.

— O que ele faz quando vocês ganham? — perguntei.

— Bebe meia garrafa de Parker's — você disse, e aí...

A Joan me contou que teve uma vez que você levou um soco numa festa depois de perder um jogo, então é por isso que você vai

na festa dos outros quando perde. Ela me disse que ia ser difícil namorar o irmão dela, o astro do basquete.

— Você vai ser viúva — ela me disse, lambendo a colher e aumentando o volume do Hawk. — Uma viúva do basquete, num tédio sem fim enquanto ele bate bola mundo afora...

Eu pensei, e fui burra, que não ia me importar.

E aí você perguntou o meu nome. Respondi que era Min, apelido de Minerva, deusa romana da sabedoria, porque o meu pai estava fazendo mestrado quando eu nasci, e que, nem pergunte, não ia mesmo ter jeito, só a minha vó podia me chamar de Minnie porque ela me disse que, quando eu imitava a voz dela, eu era a melhor de todas.

Você disse que o seu nome era Ed. Como se eu não soubesse. Perguntei como vocês perderam.

— Não — você disse. — Se eu tiver que te contar como a gente perdeu, vou ferir todos os meus sentimentos.

Gostei, "todos os meus sentimentos".

— Cada um deles? — perguntei. — De verdade?

— Bom — você disse, e deu outro gole. — Talvez me restem um ou dois. Talvez eu ainda tenha um sentimento.

Eu também tinha um sentimento, um feeling. É claro que você acabou me dizendo, Ed, já que você é menino, por que perdeu o jogo. O Trevor roncava na grama. A cerveja tinha gosto ruim e eu cuidadosamente coloquei a garrafa atrás de mim no chão gelado, e lá dentro as pessoas estavam cantando. "Amargor para você, nesta data fedida, muitas calamidades" — e o Al nunca me deu uma dura por ter ficado lá fora com um garoto sobre o qual ele não tinha opinião formada em vez de entrar para vê-lo apagar as dezesseis velas negras naquele coração negro e incomível —, "muitos anos de dor." Você me contou a história toda, os seus braços magros na jaqueta feia, e refez todos os seus movimentos.

O basquete ainda é incompreensível para mim, esse negócio de bater bola, gritar, correr de uniforme, e embora não tenha ouvido eu estava ligada em cada palavra. Sabe do que eu gosto, Ed? Da palavra "bandeja". Tem uma coisa sexy. Eu saboreei aquela palavra — "bandeja", "bandeja", "bandeja" —, as suas fintas e faltas, os seus arremessos livres e tocos e as cagadas que fizeram tudo ir por água abaixo. A bandeja, aquele movimento fluido que saiu como você queria, enquanto todos os convidados ficavam cantando na casa, "O Al é só amargura, o Al é só amargura, o Al é só amargura, ninguém pode negar". A canção que eu guardei para o filme, tão alta, passando pela janela, que as suas palavras viraram um borrão dos esportes quando você terminou o seu jogo e atirou a garrafa para que se partisse elegantemente contra a cerca, e aí você começou a perguntar:

— Posso te chamar para...

Achei que você ia pedir para me chamar de Minnie. Mas você queria saber se podia me telefonar. Quem era você para fazer aquilo, quem era eu para dizer sim? Eu teria dito sim, Ed, teria deixado você me chamar daquilo que eu odiava ser chamada por aquela que me ama mais do que todos. No lugar disso falei que sim, claro, você podia me chamar para a gente ver um filme no fim de semana que vem, e Ed, o negócio de ter o que o seu coração deseja é que o seu coração não sabe o que deseja até aparecer. Como uma gravata em liquidação, uma coisinha perfeita num balaio de nadas, você estava lá, sem ser convidado, e agora a festa tinha acabado e você era tudo que eu queria, o melhor presente. Eu não estava nem procurando, não por você, e agora você era o que o meu coração desejava, chutando o Trevor para que ele acordasse e saindo a trotar pela noite doce.

— Aquele era o... *Ed Slaterton*? — a Lauren perguntou, de sacola na mão.

— Quando? — falei.

— Antes. Não diz *quando*. Era ele. Quem convidou? Que *piração* ele aqui.

— Eu sei — falei. — Né? Ninguém?

— E ele pegou o seu telefone?

Escondi as tampinhas na mão para ninguém ver.

— Hã.

— O Ed Slaterton te convidou para sair? O Ed Slaterton te *convidou* para sair?

— Ele não me convidou — falei, tecnicamente. — Ele só perguntou se podia...

— Se podia o quê?

A sacola fazia barulho no vento.

— Se ele podia me convidar para sair — admiti.

— Minha Nossa Senhora — disse a Lauren, e aí, veloz: — Como diria a minha mãe.

— Lauren...

— A Min foi convidada para sair pelo *Ed Slaterton* — ela avisou a casa inteira.

— O quê? — a Jordan foi lá fora. O Al ficou olhando assustado pela janela da cozinha, franzindo o cenho na frente da pia como se eu fosse um guaxinim.

— A Min foi convidada para sair...

— É mesmo? — A Jordan estava procurando por ele no quintal.

— Não — falei. — Não foi assim. Ele só pediu o meu telefone.

— Claro, pode ser qualquer coisa — a Lauren bufou, jogando guardanapos molhados na sacola. — Pode ser que ele trabalhe na telefônica.

— Para.

— Talvez seja obcecado por DDDs.

— *Lauren...*

— Ele te *convidou* para *sair*. O Ed Slaterton.

— Ele não vai ligar — falei. — Foi só da festa.

— Não se rebaixe — a Jordan disse. — Você tem todas as qualidades que o Ed Slaterton procura nas mil namoradas dele, se pensar bem. Você tem duas pernas.

— E você é uma forma de vida de base carbono — a Lauren falou.

— Parem — falei. — Ele não é... ele é só um cara.

— Olha só ela, *só um cara*. — A Lauren continuou a recolher o lixo. — O Ed Slaterton te convidou para sair. Que loucura. Tipo, *Olhos no telhado* de loucura.

— Não é tão louco quanto este, deve-se dizer, ótimo filme, que se chama *Olhos no teto*. *Porém*, ele não vai ligar.

— Não acredito — a Jordan disse.

— Não tem no que acreditar — falei para todo mundo no quintal, inclusive para mim. — Foi uma festa, e o Ed Slaterton estava aqui e acabou e agora vamos limpar tudo.

— Então vem me ajudar — o Al finalmente falou e ergueu a tigela do ponche, que estava pingando. Corri na cozinha atrás de uma toalha.

— Jogo essas fora?

— O quê?

Ele apontou para as tampinhas na minha mão.

— Sim, claro — falei, mas enfiei no bolso de trás e ele não viu. O Al me entregou tudo, a tigela, a toalha para secar, e ficou me olhando.

— O Ed Slaterton?

— Pois é — falei, tentando bocejar. Por dentro eu me tremia toda.

— Ele vai mesmo te ligar?

— Não sei.

— Mas você... *quer*?

— Não sei.

— Não sabe?

— Ele não vai me ligar. É o Ed Slaterton.

— Eu sei quem ele é, Min. Mas você... o que vocês...?

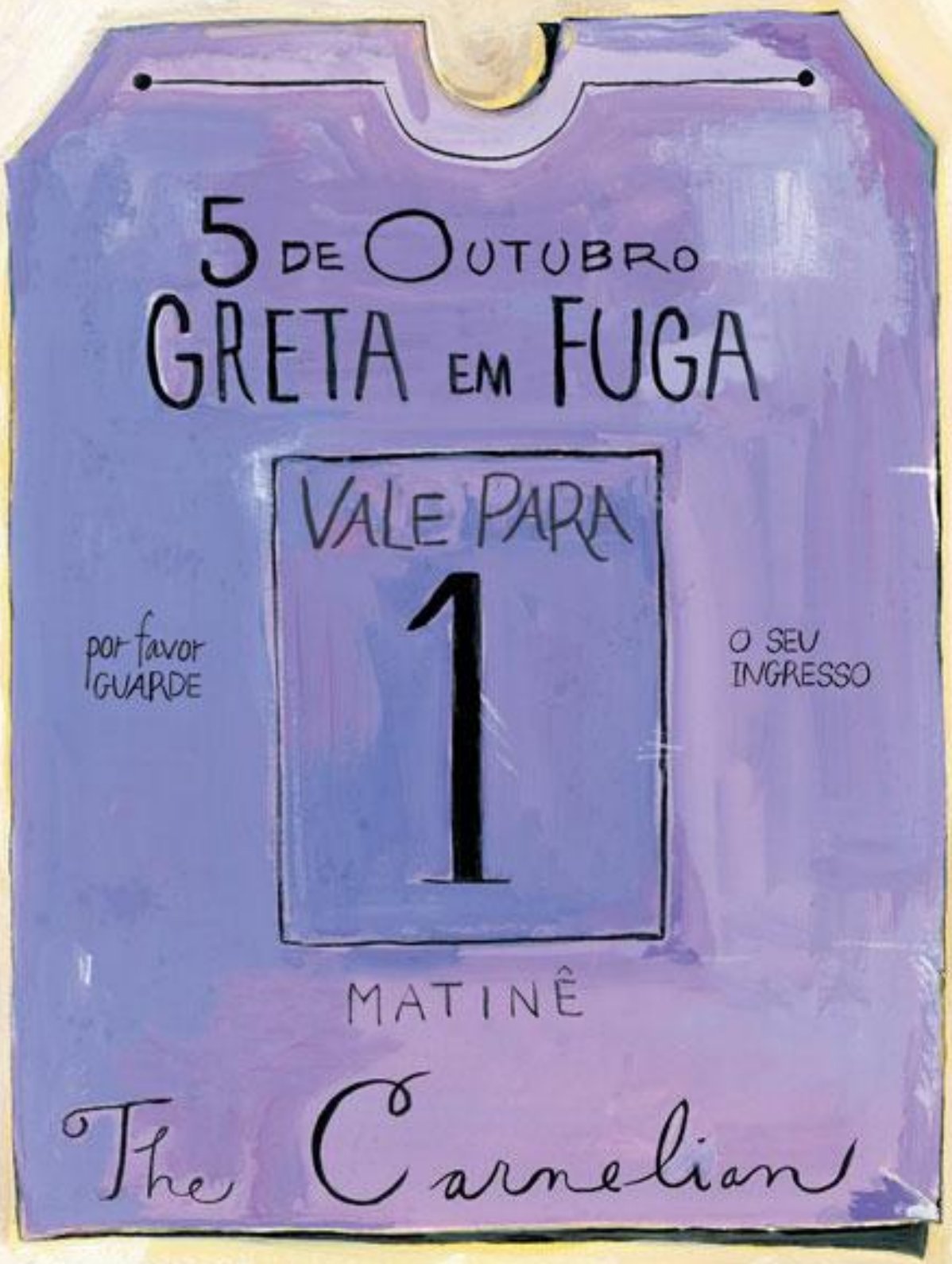
— Não sei.

— Sabe sim. Como não sabe?

Sou muito boa em mudar de assunto.

— Feliz aniversário, Al.

O Al só fez que não, provavelmente porque eu estava rindo, acho. Acho que eu estava rindo, a festa tinha acabado e aquelas tampinhas pegavam fogo no meu bolso. Pegue-as de volta, Ed. Aí estão. Pegue também o sorriso e a noite, pegue tudo de volta, era isso que eu queria que você fizesse.


5 DE OUTUBRO
GRETA EM FUGA
VALE PARA
1
por favor GUARDE
O SEU INGRESSO
MATINÊ
The Carnelians

ESTE É O INGRESSO DO PRIMEIRO FILME que a gente assistiu, que diz: *Greta em fuga*, Matinê, 5 de outubro, uma data que vai me provocar para sempre. Não sei se é o seu ou o meu, mas sei que comprei os dois e fiquei esperando e tentei não ficar andando naquele friozinho. Você estava quase atrasado, o que acabou se tornando normal. Foi um feeling. Você não ia aparecer, esse feeling, a câmera indo e voltando pela rua vazia no filme daquela data, *5 de outubro*, eu sozinha, cinzenta, caminhando diante da lente. E daí, pensei. Você é só o Ed Slaterton. Apareça. Quem se importa? Apareça, apareça, onde você está? Vai se foder, estava todo mundo certo, mostre que estão errados, onde você está?

E aí, do nada, você estava na minha vida de novo, me chamando por cima do ombro com o cabelo penteado e úmido, sorrindo, talvez nervoso. Talvez sem fôlego, que nem eu.

— Oi — saiu como um guincho.

— Oi — você disse. — Desculpa se eu me atrasei. Esqueci qual era o cinema. Eu nunca vim aqui. Confundi com o Internationale.

— O Internationale? — o Internationale, Ed, não é o Carnelian. O Internationale exibe adaptações britânicas dos três mesmos livros da Jane Austen desde sempre, fora os documentários sobre poluição. — E quem estava te esperando no Internationale?

— Ninguém. Muito solitário. Prefiro aqui.

Ficamos ali parados e eu abri a porta.

— Então você nunca veio aqui?

— Uma vez numa excursão da oitava série, para ver alguma coisa da Segunda Guerra Mundial. O meu pai já me trouxe, junto com a Joan, antes de ele conhecer a Kim, acho, era preto e branco.

— Eu venho aqui tipo toda semana.

— Bom saber — você disse. — Sempre vou saber onde te encontrar.

— Mmm — falei, saboreando.

— O.k., o que é mesmo que a gente vai assistir?

— *Greta em fuga*. É a obra-prima do P. F. Mailer. Difícil de conseguir assistir na telona.

— Arrã — você disse, olhando para a entrada vazia. Tinha só os barbudos solitários de sempre, outro casal que devia ser da universidade e uma senhora com um chapéu lindo que eu fiquei observando. — Vou comprar os ingressos.

— Eu já comprei.

— Ah — você disse. — Bom, quer alguma coisa? Pipoca?

— Com certeza. O Carnelian tem pipoca de verdade.

— Legal. Quer manteiga?

— Como você quiser.

— Não — você disse, e me tocou, só no ombro, com certeza você não lembra, mas para mim foi de desmaiar. — Como *você* quiser.

O que eu queria foi o que aconteceu. Sentamos na sexta fileira, onde sempre gosto de ficar. O mural esmaecido, o chão grudento. Os barbudos idênticos e separados em assentos distantes, como os cantos de um retângulo. O perfil da senhora nos fundos tirando o chapéu e ajeitando-o ao lado. E você, Ed, o

seu braço como uma emoção à minha volta, nós sentados no escuro e as luzes se apagando.

Greta em fuga começa, brilhante, lindo, com a cortina se abrindo. A Lottie Carson é uma das dançarinas de palco numa *chorusline*, com aquela covinha que a transformou tanto na Paixão Cinematográfica da América quanto em amante do P. F. Mailer naquelas lindas festas das fotos do *Quando apagam as luzes*: *pequena história ilustrada do cinema*, com os braços dele a envolvendo. Ela está só um pouquinho mais velha do que eu agora, com um leque de renda, um chapeuzinho, uma música chamada "Chéri, você é meu mimo" toda pomposa, com orquestra e uma maçã resplandecente de papelão que desce pelos fios das vigas. O Miles de laRaz não consegue tirar os olhos dela, com o bigodinho encerado no camarote onde ele é flanqueado por dois guarda-costas carrancudos, e você segurou a minha mão com as suas duas mãos, quente e elétrico depois de soltar a pipoca.

Nos bastidores ele é um canalha, como se já não soubéssemos pelo bigode. "Greta, já falei um milhão de vezes para não dar trela para o vagabundo do trombone." "Ah, Joe, ele é só meu amigo, só isso" etc. Mais diálogos, outra música, mas...

... você me beijou. Foi repentino, acho, embora não seja repentino beijar alguém num encontro, principalmente quando se é Ed Slaterton e, se é para eu escrever a verdade, quando se é Min Green. Foi um bom começo, carinhoso e chocante, ainda consigo sentir aqui no pescoço, no caminhão do pai do Al, algo leve mas agitado. O que você vai fazer, me perguntei, e aí, enquanto o *rá-tá-tá* das metralhadoras fazia a curva de balas no estojo do instrumento no beco, e a Lottie Carson gritava no seu casaco de peles, eu o beijei de volta.

A Lottie Carson tem que sair da cidade, mas nós ficamos por ali. O braço direito do Miles de La Raz, o careca que também

faz *Jantar à meia-noite* de óculos e resfriado, põe a Lottie no trem e ela joga o casaco de peles no rosto tagarela dele num acesso de mau humor, mas você não deve lembrar da cena porque agora vinha de língua com a boca molhada e um leve toque de creme dental de menta. O Al e eu assistimos no segundo ano, sessão dupla com *Pegue o revólver*, na casa dele com pizza e café gelado que me deixou com a língua travada, embora o Al tenha ficado só trêmulo e com o joelho que não parava de mexer e sem saber onde enfiar as mãos. Então já conheço a cena. E como ela se arrepende de ter jogado o casaco, porque o trem vai para o norte, para o extremo norte na montagem que eu amo, ainda melhor na telona com os cantos da imagem nublados, anunciando "Buffalo! Próxima parada: Buffalo!", e as cidades cada vez mais engraçadas, "Worchester! Badwood! Chokypond! Ducksbreath!", até que ela chega no maldito Yukon com o Will Ringer todo empacotado num trenó de cachorros pronto para transportá-la pelo resto do caminho até o lugar onde ela vai se esconder, a sua mão no meu pescoço e eu sem saber se você vai deslizá-la para tocar no meu top, o segundo dos que eu mais gosto, com aqueles botões de pérola estranhos e que tem que lavar na mão, ou se só estava de passagem para me segurar pela cintura antes de seguir para baixo, e se resolver eu impedi-lo, ou se eu quiser, se você contar para alguém, as suas mãos em mim e só passaram vinte minutos do primeiro filme do primeiro encontro. Então eu detenho o beijo, e a Lottie Carson dorme sozinha no iglu e o Will Ringer — com neve na barba que ele vai tirar por causa dela, porque ela vai pedir, porque ele a ama —, ele dorme com os cachorros. Ficamos quietos até acabar, no escuro, só de mãos dadas até o fim e aquele beijo, aquele grande beijo, e aí estamos piscando os olhos no saguão e eu perguntei o que você tinha achado.

— Hã — você disse, deu de ombros, olhou para mim, deu de ombros de novo e fez uma gangorra de mais ou menos com a mão, e eu queria agarrar o seu pulso e pôr a sua mão bem onde eu tinha feito você parar antes. O meu coração, Ed, era *tum-tum-tum* para que aquilo acontecesse, naquela hora, 5 de outubro, no Carnelian.

— Bom, eu gostei — falei, esperando que não estivesse vermelha de pensar naquilo. — Obrigada por assistir comigo.

— É — você disse. — Quer dizer, de nada.

— De nada?

— Você sabe o que eu quis dizer. Desculpa.

— Você queria pedir desculpas?

— *Não* — você disse. — Quer dizer, o que vamos fazer agora?

— Hã — falei, e você me olhou como se não soubesse as falas. O que eu ia fazer com você? Estava esperando que você tivesse uma ideia, porque a do filme tinha sido minha. — Está com fome?

Você deu um sorriso gentil.

— Eu jogo basquete — você respondeu. — Então a resposta é sempre sim.

— O.k. — falei, pensando que podia tomar um chá. E ver você comer? Seria assim a tarde, todo aquele 5 de outubro? Com a Greta ainda deslumbrante no meu cérebro, eu queria fazer algo com você, não sei...

E aí eu suspirei, suspirei mesmo. Eu tinha que mostrar para você, porque não era algo que você via direito, um caminho a tomar, um lugar para ir, uma abertura da história que podia tornar *5 de outubro* um filme tão adorável quanto este que tínhamos acabado de assistir. Era mais que a senhora que passou por nós, mais que qualquer coisa que você pudesse vislumbrar à

luz normal daquela tarde modorrenta. Era o sonho de uma cortina se abrindo, e eu peguei a sua mão para poder conduzi-lo a um lugar que fosse diferente de um velho agarrando um menino no cinema, um lugar melhor que chá para a moça e refeição completa para o atleta, como todas as outras tardes de todo mundo, algo mágico numa tela grande, algo mais, algo...

... *extraordinário*.

Suspirei e apontei o caminho. Eu te dei uma aventura, Ed, estava bem diante do seu nariz mas você não viu até eu ter que chamar a sua atenção, e foi por isso que a gente acabou.



DEVOLVER ISTO ME PARTE O CORAÇÃO, mas você já está de coração partido, então acho que ficamos quites. Bom, nunca mais vou querer olhar para Lottie Carson, por motivos óbvios, então, se eu não te devolvesse isto, ele ficaria definhando numa pilha de lixo por aí em vez de te olhar assim que você abrir a caixa e fazê-lo chorar com este sorrisão, este lindo sorriso, o amplo e famoso sorriso da Lottie Carson.

— Que foi? — você disse, e viu a senhora descer a quadra.

— Lottie Carson — falei.

— Quem é?

— Do filme.

— Sim, eu a vi no fundo. A do chapéu.

— Não, aquela é a *Lottie Carson* — falei. — Acho que é. Ela estava *no* filme. A *Greta*.

— É mesmo?

— É.

— Tem certeza?

— Não — falei. — Claro que não tenho certeza. Mas pode ser.

Demos a volta e você apertou os olhos e franziu o cenho.

— Ela não está nem um pouco parecida com o filme.

— Aquilo faz muitos e muitos anos — falei. — Você tem que usar a imaginação. Se for ela, quer dizer que ela entrou no Carnelian para se assistir, em fuga, e só nós sabemos disso.

— Se for ela — você repetiu. — Mas como você pode confirmar?

— Não tem como a gente *confirmar* — falei. — Não agora. Mas, sabe, eu tive um feeling lá. Durante o beijo no final.

Você sorriu e eu sabia em que beijo estava pensando.

— Você teve um feeling.

— Não *esse* beijo — falei, o feeling de novo, as nossas mãos segurando o meu cabelo carinhosamente para não cair nos nossos rostos. — O beijo no filme.

— Espera aí — você disse, e voltou ao cinema. A porta se fechou e eu o vi pelo vidro manchado como um filme fora de foco, uma cópia não restaurada. Você foi rapidinho na parede e se inclinou, aí, rápido, rápido, rápido, você voltou e saiu pela porta e me pegou pelo braço e nós atravessamos a Décima fora da faixa até a frente da lavanderia. Vi a hora no relógio na parede em cima do rack de roupas em que eles ficam mexendo para encontrar a sua. Vi que o filme era curto, que eu tinha bastante tempo antes de dizer para minha mãe que ia para casa e dizer para o Al que ia ligar para dar todos os detalhes. As roupas se mexiam como se fosse um teste de incêndio, enfileiradas e organizadas dando voltas nos plásticos, aí pararam e um vestido feio foi devolvido ao cliente

num abraço amarrotador. Mas você me puxou pelo rosto, a sua mão tão quente em mim, e vi o que você queria me mostrar. "Cartazetes", é assim que chamam, sei por causa do *Quando apagam as luzes*:*pequena história ilustrada do cinema*, você tinha afanado o cartazete do Carnelian. É de verdade, *vintage*, você vê pela tinta, enrugada e brilhante na sua mão. A Lottie Carson com a nevasca ao fundo, bonitinha que só ela no casaco de pele, a Paixão Cinematográfica da América.

— Esta menina — você disse. — Esta atriz e a senhora lá na rua. Você diz que são a mesma.

— Olha para ela — falei, e segurei a outra ponta. Perdi o fôlego ao tocar nisso. Eu estava segurando uma ponta e você, outra, e a terceira tinha o logo da Bixby Brothers Pictures e o outro canto estava rasgado, tinha ficado num percevejo na entrada quando você roubou para a gente olhar junto para Lottie Carson.

— Se for ela, deve morar aqui — percebi. Ela agora estava meio longe, de casaco, quase, quase no meio da quadra. — Por perto, eu quis dizer. Em algum lugar. Que seria...

— Se for ela — você disse de novo.

— Os olhos parecem os mesmos — falei. — O queixo. Olha a covinha.

Você olhou longe na quadra, depois para mim, depois para a foto.

— Bom — você disse. — *Esta* com certeza é ela. Mas a senhora no fim da rua pode não ser.

Parei de olhar para ela e olhei, meu Deus que lindo, para você. Eu te beijei. Ainda sinto a minha boca na sua, agora tenho um feeling do feeling que tive naquela hora, mesmo que não tenha mais.

— Mesmo que não seja — sussurrei no seu pescoço quando acabou, a cliente da lavanderia nos lançou um *arrãm*, com o vestido feio jogado sobre o cotovelo, e eu me soltei de você —, a gente devia segui-la.

— O quê? Seguir?

— Vamos — falei. — Podemos ver se é ela. E, bom...

— Melhor do que ficar me vendo comer — você disse, lendo a minha mente.

— Bom, em vez disso a gente podia almoçar. Ou se você tiver que ir, sei lá. Para casa ou outra coisa?

— Não — você disse.

— Não, você não quer, ou não, você não tem que ir para casa?

— Não, quer dizer, sim, tudo bem, se você quiser.

Você começou a atravessar para o lado dela da rua, mas eu te segurei pelo braço.

— Não, fica aqui. Devemos segui-la a uma distância discreta — essa eu tinha aprendido em *Meia-noite no Marrocos*.

— Hein?

— Vai ser fácil. Ela anda devagar.

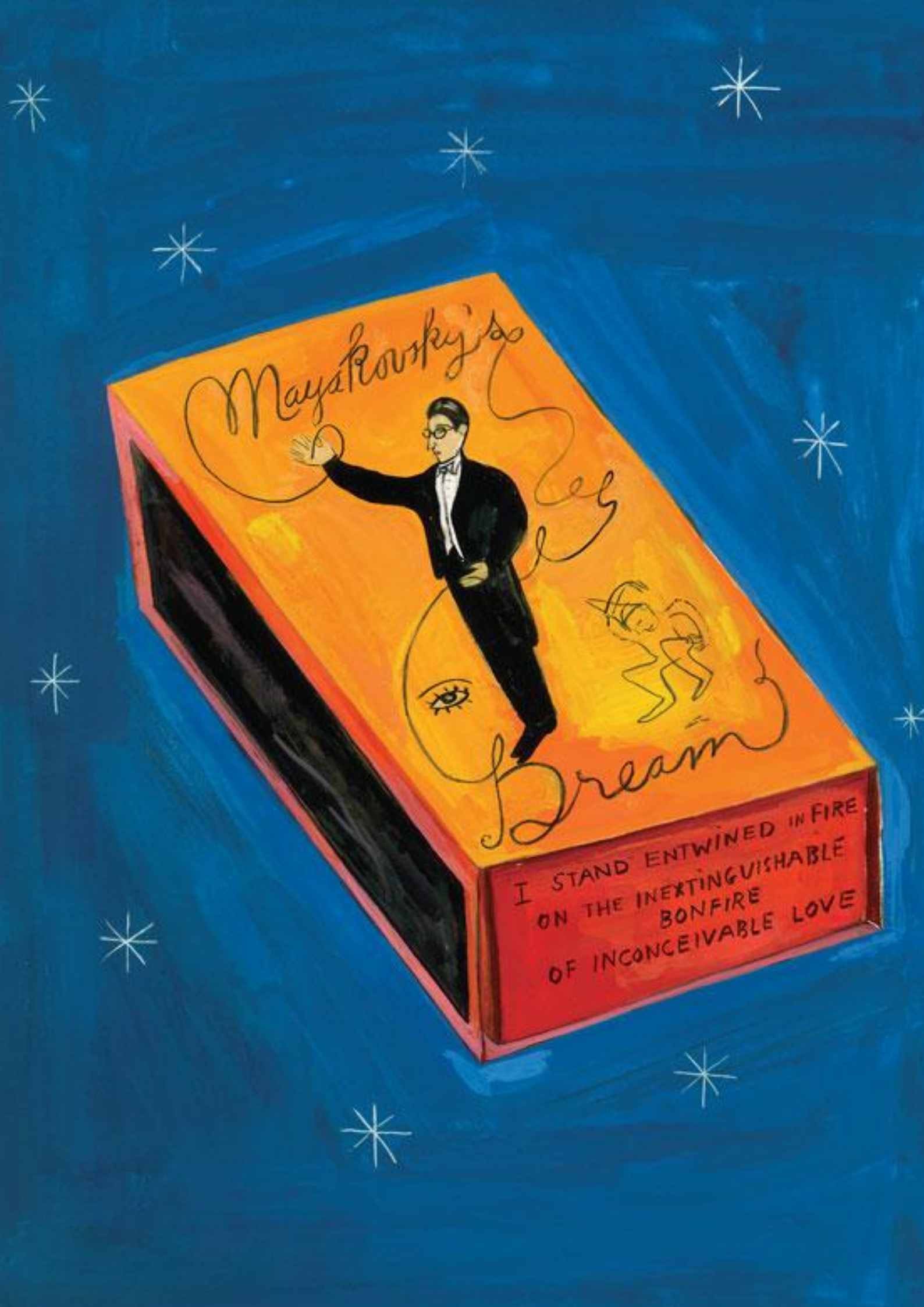
— Ela é velha — você concordou.

— Tem que ser — falei. — Ela deve estar aí pelos... sei lá, ela era jovem quando fez *Greta em fuga*, que foi em... deixa eu ver — virei o cartazete e pisquei para as curiosidades.

— Se for ela — você disse.

— Se for ela — falei, e você pegou na minha mão. *E mesmo que não seja*, eu queria sussurrar de novo no seu pescoço, cheirando a sua barba feita e o seu suor. Vamos, foi o que eu pensei, o filme deixando trilhas de vapor na minha mente. Vamos ver aonde isso vai nos levar, esta aventura com o *trum* da música e a nevasca de neve teatral, a Lottie Carson vai para longe do iglu

e o Will Ringer grunhindo e batendo o pé antes, é claro, ela acorda os cachorros e *mush!-mush!-mush!*,e a Greta escolhe o homem certo, não importa quão humilde seja o seu iglu, as lágrimas de alegria dela congelando em diamantes na covinha com aquela luz que só o Mailer sabia fazer. Vamos, vamos rápido para chegar o final feliz com o casaco de peles dos sonhos, puro pelo de urso-polar, o Will Ringer bronzeado, envolvendo-a tão alegre e radiante e agradável com o anel de surpresa no bolso quando o FIM se agita na tela enorme e triunfal, o beijo, aquele beijo. Chéri, esse foi meu mimo. Eu tive um feeling de como aquele dia ia acabar, *5 de outubro*, um feeling que vinha dos fundos do cartazete, o pôster promocional da Lottie Carson, uma linha do tempo com as datas da vida e obra dela. O aniversário dela estava chegando — ela tinha quase oitenta e nove. Foi isso que eu pensei, andando descuidada pela rua. Cinco de dezembro, foi isso que eu vi enquanto andávamos juntos em 5 de outubro, vamos, vamos juntos fazer algo extraordinário, e eu comecei a fazer planos, achando que íamos chegar lá.


Mayakovsky's
Dream
I STAND ENTWINED IN FIRE
ON THE INEXTINGUISHABLE
BONFIRE
OF INCONCEIVABLE LOVE

SE VOCÊ ABRIR, VAI VER QUE ESTÁ VAZIA, e vai parar um instante para se perguntar se estava vazia quando me deu — eu consigo até ver —, outro gesto vazio que você pôs na minha mão que nem um suborno que não dá certo. Mas a verdade, e estou te dizendo a verdade, é que estava cheia, vinte e quatro fósforos alinhadinhos e acomodados ali dentro. Está vazia agora porque eles se foram.

Eu não fumo, embora isso pareça fantástico nos filmes. Mas acendo fósforos naquelas noites vazias e pensativas quando subo no telhado da garagem para ficar com o céu enquanto os meus pais dormem inocentes e carros solitários passam em ruas distantes, quando os travesseiros não esfriam e os lençóis cobrem o meu corpo não importa quanto eu me mexa ou fique parada. Fico ali com as pernas penduradas e acendo fósforos e os vejo chamejarem até apagar.

Esta caixa durou apenas três noites, não consecutivas, antes de todos os fósforos acabarem e a caixa ficar com o nada que você vê agora. A primeira foi a noite do dia em que você me deu, quando a minha mãe finalmente bateu na porta me mandando ir para a cama e eu desliguei o telefone com o Al. Eu estava muito elétrica e feliz para dormir, e o dia inteiro ficou passando na salinha de projeção do meu cérebro. Tem uma foto no *Quando apagam as luzes*: *pequena história ilustrada do cinema* do Alec Matto fumando sentado na cadeira de uma sala com uma fatia de luz intensa por cima da cabeça dele projetada numa tela que a

gente não vê. “Alec Matto revisando copiões de *Aonde foi Julia?* (1947) em sala de projeção particular.” A Joan teve que me dizer o que são copiões, é quando o diretor tira um tempo à noite, fumando, para ver tudo o que foi gravado no dia, talvez uma cena só, um homem abrindo a porta várias vezes, uma mulher apontando pela janela, apontando pela janela, apontando pela janela. São os copiões, e levei sete ou oito fósforos no telhado em cima da garagem para repassar o nosso copião esbaforido, o aguardar nervoso com os ingressos na mão, a Lottie Carson indo para o norte com todos aqueles trens, beijar você, beijar você, a conversa estranha no Bazar A-Post que me deixou toda angustiada depois que falei com o Al sobre isso, mesmo que ele dissesse que não tinha opinião formada. Os fósforos eram meio que “bem me quer, mal me quer”, mas aí vi na caixa que havia só vinte e quatro, o que acabaria em *mal*, então deixei só aqueles pouquinhos brilharem e esfumaçarem um tanto, cada um deles uma emoção, um choquezinho delicioso para cada parte que eu lembrava, até eu queimar o dedo e voltar para dentro ainda pensando em tudo que havíamos feito juntos.

— O.k., e agora?

Depois de duas quadras, a Lottie Carson tinha dobrado uma esquina e entrado no Sonho de Maiakóvski, um restaurante russo com muitas camadas de cortina na janela. Não conseguíamos ver nada, pelo menos não do outro lado da rua.

— Nunca tinha notado esse lugar — falei. — Ela deve ter ido almoçar.

— É meio tarde para almoçar.

— Talvez ela também jogue basquete, por isso está sempre comendo.

Você bufou.

— Ela deve jogar na Western. São umas velhinhas mesmo.

— Bom, vamos atrás dela.

— Lá?

— Que foi? É um restaurante.

— Parece caro.

— Não vamos pedir muita coisa.

— Min, a gente nem sabe se é ela.

— Vamos ficar ouvindo se o garçom a chama de Lottie.

— Min...

— Ou de madame Carson, ou algo assim. Olha, não parece um lugar onde uma estrela de cinema iria, que ela iria sempre?

Você sorriu para mim.

— Não sei.

— Claro que é.

— Então é.

— É sim.

— Tudo bem — você disse, e atravessou a rua, me puxando pelo braço. — É sim, é sim.

— Espera, vamos esperar.

— O quê?

— Vai parecer suspeito entrar direto. Vamos esperar, sei lá, três minutos.

— Claro, assim ninguém vai notar.

— Você tem relógio? Esquece, a gente conta até duzentos.

— O quê?

— Os segundos. Um. Dois.

— Min, duzentos segundos não são três minutos.

— Claro que são.

— Duzentos segundos nunca dariam três minutos. São cento e oitenta.

— Ah, agora lembrei que você é o rei da matemática.

— Para.

— Que foi?

— Não fica me zoando por causa da matemática.

— Não estou te zoando. Estou só *lembrando*. Você ganhou o prêmio no ano passado, não foi?

— Min.

— Que foi?

— Só fui finalista, não ganhei. Outros vinte e cinco ganharam.

— Bom, mas a questão é...

— A questão é que dá vergonha, e o Trevor, e todo mundo, fica me sacaneando.

— Eu não. Quem faria isso? É só *matemática*, Ed. Não é, sei lá, tipo, tricô. Não que tricô...

— É tão gay quanto.

— O quê? Não... matemática não é *gay*.

— É sim, um pouco.

— O *Einstein* era gay?

— Ele tinha cabelo de gay.

Olhei para o seu cabelo, depois para você. Você sorriu para um chiclete na calçada.

— A gente — falei. — A gente vive em diferentes, hã...

— É — você falou. — Você vive lá onde três minutos são duzentos segundos.

— Ah, é. Três. Quatro.

— Para, até já passou — você me puxou todo alegre para atravessar fora da faixa, segurando as minhas mãos como se estivéssemos dançando. Duzentos segundos, pensei, cento e oitenta, quem se importa?

— Espero que seja ela.

— Pois é — você disse. — Eu também. Mas mesmo que não seja...

Mas, assim que a gente entrou, a gente percebeu que tinha que sair. Não foi por causa do veludo nas paredes. Não foi por causa dos abajures, do tecido vermelho que ficava rosa com a iluminação ou das continhas de vidro penduradas nas cortinas que rodopiavam como prismas à brisa da porta aberta. Não foi por causa dos smokings dos homens saracoteando nem dos guardanapos vermelhos dobrados para parecerem bandeiras com uma voltinha na ponta de mastro, empilhados numa mesa de canto para reposição, bandeiras sobre bandeiras sobre bandeiras sobre bandeiras como se uma guerra tivesse acabado e a rendição fosse total. Não foi por causa dos pratos com a cursiva vermelha dizendo "Sonho de Maiakóvski" e um centauro segurando um tridente sobre a cabeça barbada e um casco erguido para nos conquistar e nos pisotear até virarmos pó e nada. E não foi só por nós. E não foi só porque a gente era colegial, eu caloura e você formando, as roupas totalmente erradas para um restaurante que nem esse, cores fortes demais e amarrotadas demais e cheias de zíperes demais e manchadas demais e comuns e desajeitadas e gastas e modinha e exageradas e casuais e incertas e fanfarronas e suadas e esporte e erradas demais. E não foi só a Lottie Carson não ter voltado o olhar para nós, e não foi só que ela estava olhando para o garçom, e não foi só que o garçom estava segurando uma garrafa, envolta por um guardanapo vermelho, inclinada bem acima da sua cabeça, e não foi só porque a garrafa, resfriada com um resplendor no pescoço, estava cheia de champanhe. Não foi só por isso. Foi o cardápio, é claro, é claro, posicionado num pequeno pódio na porta, e como era tudo fodidamente caro para nós que éramos fodidamente sem dinheiro. Então fomos embora, entramos e logo saímos, mas não antes de você pegar uma caixa de fósforos da taça de brandy gigante perto da porta e colocar na minha mão,

mais um presente, mais um segredo, mais uma hora de se curvar para me beijar.

— Não sei por que estou fazendo isso — você disse, e eu te beijei na nuca, com a mão cheia de fósforos.

A noite depois de eu perder a virgindade, depois que você me deixou em casa e depois de várias horas vazias da tarde deitada na cama, cansada e inquieta, até que eu me sentei e fui lá fora ver o sol cair no horizonte — aí foram mais sete ou oito fósforos. E então a terceira noite foi aquela depois que a gente terminou, que valia um milhão de fósforos mas acabou sendo só o que sobrou. Naquela noite parecia que, ao acendê-los e jogar pelo telhado, os fósforos iam botar fogo em tudo, as centelhas das pontas das chamas queimando o mundo e todas as pessoas que existem nele de coração partido. Fumaça que eu queria por tudo, na fumaça eu queria você, embora num filme isso não fosse funcionar, efeitos demais, pomposo demais para como eu me sentia: tão diminuída e tão mal. Corte esse incêndio do filme, não importa quanto eu assista nos copiões. Mas eu quero assim mesmo, Ed, quero o que não tem como acontecer, e foi por isso que a gente acabou.


Pinhole
DELUXE

ATRAVESSANDO A RUA do Sonho de Maiakóvski, voltando como uma bola de pingue-pongue, nos escondemos no Bazar A-Post olhando as prateleiras de sei lá o quê, esperando e esperando a Lottie Carson acabar a sua escala glamorosa e ir embora para que a seguíssemos até em casa. Não podíamos ficar matando tempo na rua, acho, ou vai saber por que estávamos no Bazar A-Post com as velhas gêmeas eternamente amuadas que cuidam da loja, e todos aqueles disparates, caros e coloridos, que as pessoas compram umas para as outras de aniversário quando essas pessoas não se conhecem o bastante para saber onde encontrar e comprar o que elas querem de verdade. Pelo menos esta câmera é a única coisa que você me comprou do Bazar A-Post, Ed, isso eu garanto. Fiquei andando entre animais de corda e cartões safadinhos enquanto você se abaixava sob uns móbiles até que finalmente disse o que tinha em mente.

— Não conheço nenhuma menina que nem você — você disse.

— Hein?

— Eu disse que não conheço nenhuma...

— Que nem eu no quê?

Você suspirou e aí sorriu e aí deu de ombros e aí sorriu. O móbile tinha estrelinhas prateadas e cometas cintilantes em círculos na volta da sua cabeça, como se eu tivesse acabado de te dar uma porrada num desenho animado.

— Das artes? — você sugeriu.

Fiquei bem na sua frente.

— Eu não sou das artes. A Jean Sabinger é das artes. A ColleenPale é das artes.

— Elas são estranhas — você disse. — Peraí, são amigas suas?

— Se forem, elas não são estranhas?

— Se forem, eu peço desculpas por ter falado isso — você disse. — Talvez eu quisesse dizer espertas. Tipo, naquela noite você nem sabia que a gente tinha perdido o jogo. Eu achei que todo mundo sempre sabia.

— Eu nem sabia que tinha jogo.

— E um filme que nem aquele — você fez que não com a cabeça e soltou o ar de um jeito estranho. — Se o Trev souber que eu vi aquilo, ele vai achar, sei lá o que ia achar. Esses filmes são muito gay, sem querer ofender o seu amigo Al.

— O Al não é gay — falei.

— O cara faz bolo.

— *Eu* que fiz.

— Você? Sem querer ofender, mas estava horrível.

— Era para ser — falei. — O negócio é que era para ser *amargo*, ruim, para um Dezesseis do Desgosto, em vez de doce.

— Ninguém comeu, sem querer ofender.

— Para de dizer sem querer ofender quando diz coisas que ofendem. Você não ganha permissão automática.

Você inclinou a cabeça para mim, Ed, como um cachorrinho confuso querendo saber por que o jornal está no chão. Na hora foi bonitinho.

— Ficou brava comigo? — você perguntou.

— Não, brava não — falei.

— Viu, essa é outra coisa. Eu não sei falar. Você é diferente das garotas normais, sem querer ofender, Min, ops, desculpa.

— Como são as outras garotas? — perguntei. — Quando elas ficam bravas?

Você suspirou e passou a mão no cabelo como se fosse um boné que quisesse pôr ao contrário.

— Bom, elas não me beijam que nem a gente fez. Na verdade, elas não me beijam de jeito algum, mas quando ficam bravas param de falar e cruzam os braços, uma coisa meio de beicinho, e vão ficar com as amigas.

— E você faz o quê?

— Compro flores.

— Sai caro.

— É, bom, esse é outro problema. Elas não teriam comprado os ingressos como você fez, no cinema. Eu pago tudo, senão a gente briga e eu compro flores de novo.

Eu gostei, admito, que a gente não tenha fingido que não havia outras garotas. Sempre tinha uma garota com você nos corredores do colégio, como se viessem de brinde com a mochila.

— Onde você compra?

— Na Willows, perto do colégio, ou no Jardim das Delícias Terrenas se as da Willows não estiverem fresquinhas.

— Você aí falando de flores fresquinhas e o Al que é gay.

Você corou, um vermelho fogo nas bochechas como se eu tivesse te dado um tapa.

— Isso que eu quis dizer — você disse. — Você é inteligente, você diz coisas inteligentes.

— Você não gosta do jeito que eu falo?

— É que eu nunca ouvi antes — você disse. — É tipo provar... tipo, por exemplo, uma comida apimentada ou uma coisa assim. Tipo, vamos provar a comida do Sei-lá-onde-lândia.

— Entendi.

— E aí você gosta — você disse. — Geralmente. Quando você prova, aí você não quer... não quer mais as outras meninas.

— Como é que as outras meninas falam?

— Não falam muito. Normalmente acho que sou eu que falo.

— Basquete. Bandejas.

— Não só isso, mas é isso: ou do treino, ou do técnico, se a gente vai ganhar na semana que vem...

Eu olhei para você, Ed, e, putz, você estava lindo naquele dia, você está fazendo com que eu me debulhe no caminhão agora, e todos os outros dias também. Fins de semana e dias de semana, quando você sabia que eu estava olhando e nem imaginava que eu estava viva. Mesmo com as estrelinhas em volta da cabeça você estava lindo.

— Basquete é chato — falei.

— Uou — você disse.

— Isso também é diferente?

— Essa eu não gostei. Aposto que você nunca foi num jogo.

— Meninos jogando a bola um para o outro e quicando no chão. Não é assim?

— E filme antigo é tudo chato e brega — você disse.

— Você adorou *Greta em fuga*! Sei que adorou!

E eu sei que adorou.

— Eu vou jogar na sexta — você disse.

— E eu fico na arquibancada e te vejo ganhar e as animadoras de torcida gritam o seu nome e eu espero sozinha até você vir do vestiário para ir numa festa da fogueira com um monte de estranhos?

— Eu cuido de você — você falou, bem tranquilo. Você estendeu a mão e passou no meu cabelo, na minha orelha.

— Porque eu seria, tipo, o seu caso.

— Se você ficasse comigo depois do jogo, estaria mais para namorada.

— Namorada — falei. Era como provar sapatos.

— É o que as pessoas iam pensar e dizer.

— Iam pensar que o Ed Slaterton está saindo com a menina das artes.

— Eu sou cocapitão — você falou, como se houvesse alguma possibilidade de alguém na escola não saber. — Você vai ser o que eu disser que é.

— E você vai dizer que eu sou o quê? Das artes?

— Inteligente.

— Só inteligente?

Você fez que não.

— O negócio todo que eu estou tentando falar — você disse — é que você é diferente, e fica perguntando das outras meninas, mas o que eu quis dizer é que não penso nelas, por causa do seu jeito.

Eu cheguei mais perto.

— Diz isso de novo.

Você sorriu.

— Mas eu nem falei direito.

O que toda menina quer dizer para todo menino.

— Diz — falei. — Para eu saber o que você quer dizer.

— Comprem alguma coisa — disse a Velha Um. — Ou caiam fora da minha loja já.

— Nós estamos *olhando* — você disse, fingindo que olhava uma lancheira.

— Cinco minutos, pombinhos.

Lembrei de olhar para a porta do Sonho.

— Nós a perdemos de vista?

— Não — você disse. — Estou de olho.

— Aposto que isso é outra coisa que você nunca faz.

Você deu uma gargalhada.

— Não, para mim é normal passar os fins de semana perseguindo antigas estrelas de cinema.

— Eu só quero saber onde ela mora — falei. Senti o aniversário da Lottie Carson, no verso do cartazete, soltando faíscas na minha bolsa, um plano secreto.

— Tudo bem — você disse. — É divertido, é uma coisa para se fazer. Mas o que a gente faz quando chegar lá?

— Nós vamos descobrir — falei. — Talvez seja como em *Notícias de Istambul*, quando a Jules Gelsen descobre aquele porão cheio de...

— Qual é a sua com filme antigo?

— Como assim?

— Como assim como assim? Você mistura filme antigo com tudo. Aposto que já está pensando em outro agora.

Era verdade: na última tomada de *A vida criminosa de Rose*, outro com a Gelsen.

— Bom, é que eu quero ser diretora.

— É mesmo? Uau. Como o Brad Heckerton?

— Não, quero ser uma *boa* diretora — falei. — Por quê? O que você achou?

— Eu não achei nada.

— E você vai ser o quê?

Você piscou.

— Vencedor do estadual, espero.

— E depois?

— Depois vai ter uma festança e então vou cursar qualquer faculdade que me quiser, e aí eu descubro para onde vou depois.

— Dois minutos!

— O.k., o.k. — você ficou mexendo num cesto de cobras de borracha, *parecer ocupado, parecer ocupado*. — É melhor eu comprar alguma coisa para você.

Eu franzi o cenho.

— Mas é tudo feio.

— A gente acha alguma coisa, tem que matar tempo. Do que uma diretora vai precisar?

Você ficou me entrevistando entre os corredores. Máscaras para os atores? Não. Cata-ventos para cenários? Não. Joguinhos de tabuleiro safados para a festa pós-entrega dos prêmios? *Para com isso.*

— Uma câmera — você disse. — Pronto.

— É uma câmera pinhole.

— Eu não sei o que é isso.

— É de papelão — eu não falei que também não sabia o que era, só tinha lido aquilo na caixa. Também não falei que eu sabia a verdade, que eu sabia, é claro que eu sabia, que tinha tido um jogo e você tinha perdido naquela noite em que te encontrei no quintal do Al. Mas você parecia gostar, acho, na época eu esperava que você gostasse, que eu fosse diferente.

— Papelão, e daí; aposto que você nem tem câmera.

— Diretores não mexem nas câmeras. Isso é com o DP.

— Ah, claro, o DP, quase me esqueci dele.

— Você não sabe o que é um DP.

Você veio com três dedos para fazer cocégas na minha barriga, lá onde moram as borboletas.

— Não começa. Ponte aérea, falta técnica, eu tenho um dicionário de basquete na cabeça, e você não conhece nada. Vou comprar esta câmera para você.

— Aposto que nem dá para tirar foto de verdade com ela.

— Vem com filme, diz aqui.

— É de papelão. As fotos não iam sair direito.

— Que nem, como é que se diz, em francês? Para esses filmes estranhinhos?

— O quê?

— Tem tipo, sabe, uma expressão oficial para descrevê-los.

— Filmes clássicos.

— Não, não esses gays como o seu amigo. Tipo, os mais, mais estranhos.

— O Al não é gay.

— O.k., mas qual é a palavra? É em francês.

— Ele tinha uma namorada no ano passado.

— O.k., o.k.

— Ela mora em Los Angeles. Ele a conheceu num troço de verão que ele fez.

— O.k., eu acredito. A menina de Los Angeles.

— E não sei qual é o negócio em francês que você está falando.

— É para esses filmes superestranhos, tipo, oh não, ela está caindo para cima na escada dentro do olho de alguém.

— Mas como é que você sabe dessa coisa do cinema?

— Da minha irmã. Ela quase terminou a faculdade de cinema. Ela faz a estadual. Você devia conversar com ela, aliás. Você me lembra ela um pouco...

— É como sair com a sua irmã?

— Uau, de novo não sei dizer se você está brava.

— Então é melhor ir comprar flores.

— O.k., você não está brava.

— Fora! — guinchou a segunda gêmea, como uma maldição tirânica.

— Passa isso aqui — você disse, e jogou a câmera para ela pegar. Agora tome de volta, Ed. Eu já via ali aquela

arroganciazinha, de ser cocapitão, que tudo podia ser *o que eu disser que é*, como você disse. Namorada, quem sabe. — Cobra isso e nos deixa em paz.

— Não tenho por que tolerar isso — esbravejou ela. — Nove e cinquenta.

Você tirou uma nota do bolso e deu para ela.

— Não fica assim. Você sabe que é a minha preferida.

Foi a primeira vez que eu vi essa parte também. A velha se derreteu numa poça e sorriu pela primeira vez desde a Era Paleozoica. Você piscou e pegou o troco. Eu devia ter visto, Ed, como sinal de que você não merecia confiança. Mas só vi como um sinal de charme, e é por isso que não acabei tudo ali naquele instante, como eu devia ter feito e queria queriaqueria ter feito. Em vez disso fiquei acordada até tarde com você, num ônibus por ruas estranhas de um bairro perdido e distante onde a Lottie Carson se escondia numa casa com um jardim cheio de estátuas que faziam sombras no escuro. Em vez disso só te dei um beijo de obrigada na bochecha, e saímos abrindo o pacote e lendo juntos as instruções de como fazer. É fácil, era fácil, fácil demais de fazer. *Avant-garde* era o termo que você estava pensando, aprendi no *Quando apagam as luzes*: *pequena história ilustrada do cinema*, mas a gente ainda não sabia. Tinha um milhão de coisas, tudo, que eu não sabia. Eu era burra, a expressão oficial para dizer feliz. Peguei esta coisa que estou te devolvendo, a coisa que você me deu quando a estrela que estávamos esperando finalmente surgiu.


OK
PRETO E
BRANCO
VERATRUE
PROCESSO
36
CS
135
100

— ESTÁ ABRINDO!

— Onde?

— Não, a porta!

— O quê?

— Do outro lado da rua! É ela! Ela está indo embora!

— O.k., deixa eu abrir.

— Depressa!

— Não faz tanto alarde, Min.

— Mas é agora.

— O.k., deixa eu ler as instruções.

— Não tem tempo. Ela está vestindo as luvas. Aja normalmente. Tira a foto. É o único jeito da gente saber que é ela.

— O.k., o.k., *prenda o filme no puxador A*.

— Ed, ela está indo.

— Espera — rindo. — Diz para ela esperar.

— Espere, espere, nós achamos que você é uma estrela de cinema e queremos tirar uma foto para ter certeza? Eu faço, me dá aqui.

— Min.

— É minha mesmo, você que me deu.

— É, mas...

— Você acha que meninas não sabem mexer em câmera?

— Acho que você está segurando de cabeça para baixo.

Mais dez passos pela quadra, mais risadas.

— O.k., *agora*. Ela vai dobrar a esquina.

— *Focar assunto no enquadramento...*

— Abre a coisa.

— Como?

— Me devolve.

— Ah, assim. *Agora*. *Pronto*. E agora? Espera aí. Ah, sim.

— Sim?

— Acho que sim. Fez um clique.

— Olha só você, *fez um clique*. É assim que você vai ser diretora?

— Vou mandar outra pessoa fazer isso. Um jogador de basquete em fim de carreira.

— Para.

— O.k., o.k., aí você puxa de novo? Né?

— Hã...

— Qual é, você não é bom *nas matemáticas*?

— Para, e isso não é matemática.

— Vou tirar outra. Lá, no ponto de ônibus.

— Não fala tão alto.

— E outra. Pronto, sua vez.

— Minha vez.

— Sua vez, Ed. Tira. Tira algumas.

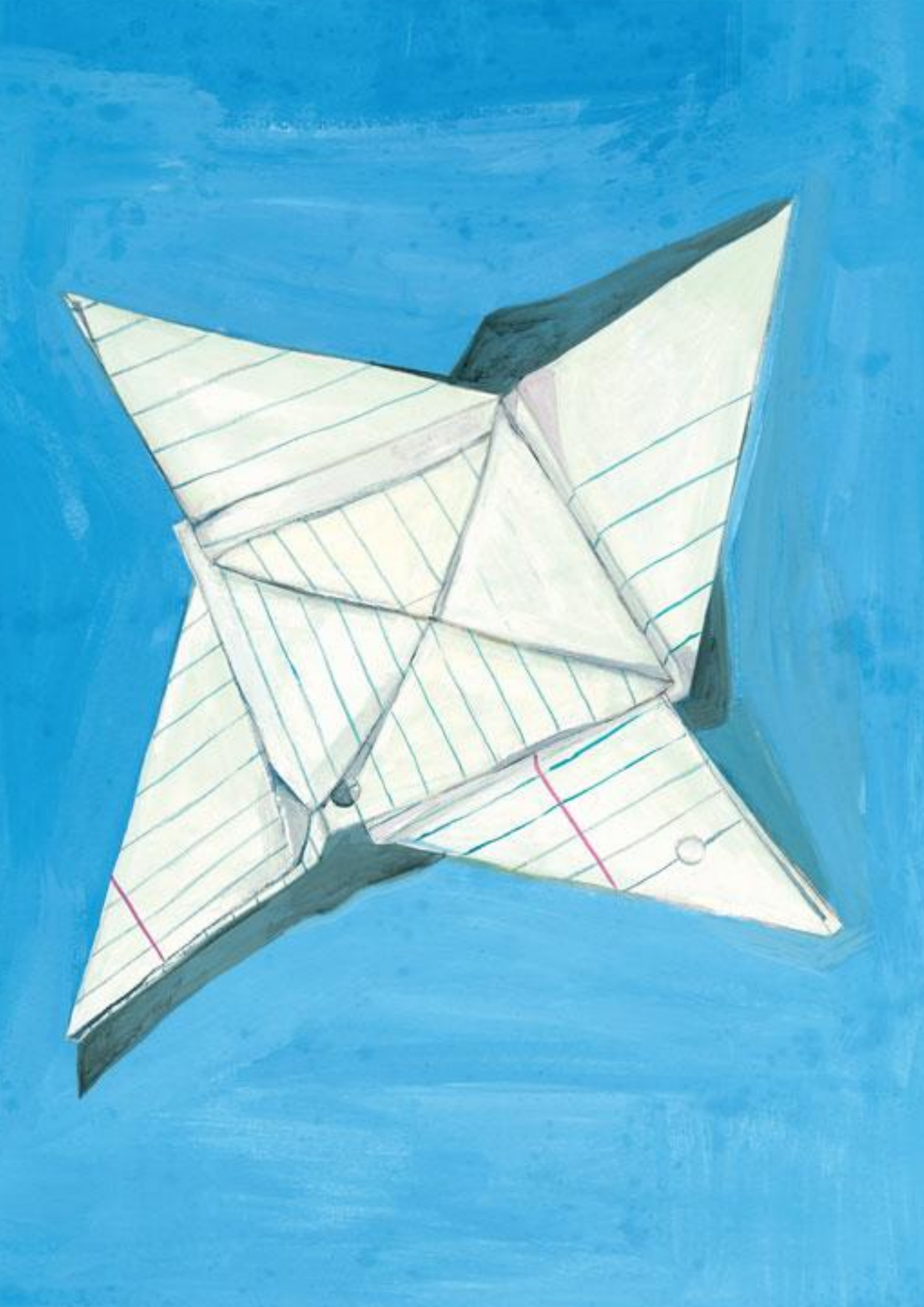
— O.k., o.k. Quantas tem?

— Tira quantas quiser. Aí a gente manda revelar e vê.

Mas a gente não revelou, né? Aqui está, sem revelação, um rolo de filme com todos os mistérios não revelados. Nunca levei a lugar nenhum, só deixei esperando numa gaveta sonhando com estrelas. Foi a nossa época, ver se a Lottie Carson era quem achávamos que era, todas aquelas fotos que tiramos, nos matando de rir, beijando de boca aberta, gargalhando, mas a gente nunca revelou. A gente achou que tinha tempo, correndo atrás dela, pulando no ônibus e tentando ver de relance a covinha depois das enfermeiras cansadas nas roupas de hospital e as mães nos

telefones com as sacolas de compras nos colos das crianças nos carrinhos. A gente se escondeu atrás de caixas de correio e postes a meia quadra de distância enquanto ela seguia pela vizinhança dela, onde eu nunca tinha estado, o céu ficando escuro logo no nosso primeiro encontro, sempre achando que depois a gente ia revelar. A gente procurou na caixa de correio, torcendo por um envelope que dissesse "Lottie Carson", você se apressando para entrar na varanda enfeitada dela, perfeita para ela, enquanto eu esperava com as mãos na cerca vendo você pular para dentro e depois voltar. Você escalou em cinco velozes segundos, por cima das pontas de ferro que esfriavam as minhas mãos no escuro, depressa, depressa, depressa pelo jardim com aquele não sei quê de gnomos e leiteiras e cogumelos e Virgens Marias vencidos pela sua astúcia como o time adversário. Você passou voando por todas aquelas estátuas de pedra em silêncio, e se eu pudesse jogava todas elas na merda da sua porta, fazendo um barulho tão alto quanto a sua calma, tão furioso quanto quando a gente estava gargalhando, com tanta frieza e desprezo quanto quando eu estava sem fôlego e com calor te vendo entrar sorrateiro atrás de evidências e voltar dando de ombros e de mãos vazias e a gente ainda sem saber, ainda não tinha certeza, não sem ter revelado tudo. Aqueles beijos intensos no ônibus demorado para casa de noite com ninguém além de nós dois reclinados nos últimos assentos e o motorista mantendo os olhos na estrada sabendo que aquilo não era da conta dele, e mais beijos na parada quando nos despedimos daquele encontro, e o seu grito andando em zigue-zague para longe depois que não deixei você me levar em casa para ver a minha mãe te alvejar por toda a calçada perguntando onde diabos eu estava. "Te vejo segunda!", você gritou, como se tivesse acabado de descobrir os dias da semana. A gente achou que tinha tempo. Eu acenei mas não podia responder, porque finalmente

tinha me permitido sorrir tanto quanto eu queria a tarde inteira, a noite inteira, cada segundo de cada minuto com você, Ed. Que merda, acho que eu já te amava. Condenada, como um taça de vinho sabendo que um dia vai cair, sapatos que logo vão ficar gastos, a blusa nova que logo você vai sujar. O Al deve ter ouvido isso na minha voz quando eu liguei e o acordei, porque era tarde, aí disse para ele esquecer, desculpa ter te acordado, vai para cama, não, tudo bem, também estou cansada, amanhã tento de novo, quando ele disse que não tinha opinião formada. Já. Primeiro encontro, o que eu ia fazer com o eu imbecil e essa emoção de "te vejo segunda"? Achando que havia tempo, bastante tempo para ver as fotos que a gente tinha feito? Mas a gente nunca revelou. Tudo mal revelado, a coisa toda, jogada numa caixa antes de a gente ter chance de saber o que tinha conseguido, e foi por isso que a gente acabou.

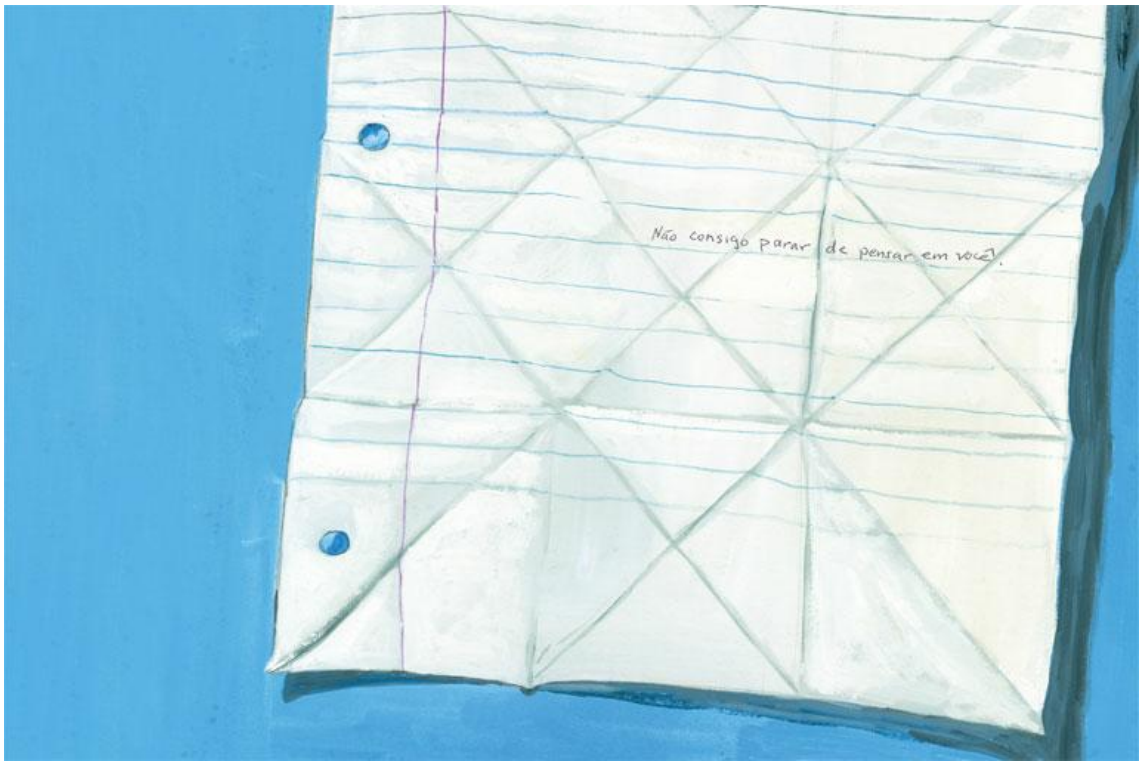


AÍ ESTÁ. Levei todo tempo do mundo para deixar do jeito que era, as suas incríveis habilidades em matemática contribuindo para essa dobradura. Quando abri a minha gaveta na segunda de manhã, parecia que uma espaçonave de origami dos velhos filmes de ficção científica do TyLimm tinha aterrissado sobre o *Entendendo nossa terra*, pronta para soltar o eletrodizimador na espinha dorsal da Janet Bakerfield e destruir o cérebro dela. Foi o que o bilhete fez comigo também, quando eu o abri e li. Fiquei toda formigando e me sentindo burra.

Talvez você tenha esperado por mim naquela primeira manhã no colégio, eu nunca te perguntei. Talvez você tenha escrito isso no último minuto depois do segundo sinal e tenha jogado pela abertura do armário antes da volta olímpica que todos os atletas fazem nessa época do ano, deixando os molengões girando ao bater nas mochilas deles, que nem máquina de fliperama. Você não sabia que eu só olho o armário depois do primeiro período. Você nunca entendeu o meu cronograma, Ed. Não dá para entender, Ed, como você nunca sabia onde me encontrar mas mesmo assim sempre me encontrava, os nossos caminhos eram como um cabo de guerra durante todo o longo e tedioso horário do colégio, as manhãs em que eu andava com o Al e geralmente a Jordan e a Lauren nos bancos da direita enquanto você fazia umas cestas de aquecimento nas quadras dos fundos, deixando a mochila jogada junto com as outras, mais os skates e as camisetas numa pilha de tédio, nem uma única aula em comum, o seu Almoço Cedo e a sua enterrada com o resto de maçã, como se

tudo fosse parte do mesmo jogo, o meu Almoço Tarde no canto estranho do gramado, cercada pelas patricinhas e pelos hippies disputando as ondas sonoras com músicas concorrentes, exceto nos dias de calor, quando eles faziam uma trégua de reggae. Em *Barcos na noite*, o Philip Murray e a Wanda Saxton se encontram na última cena sob o toldo, embaixo de chuva, a esposa errada e o noivo errado finalmente escorraçados pela trama, e saem juntos pela borrasca — sabemos desde a primeira cena, na noite de Natal, que os dois gostam de andar na chuva mas não têm ninguém para acompanhá-los. É o milagre dos finais. Mas não há intersecções entre nós, uma bênção, já que agora eu vivo com medo de dar de cara com você. A gente só se encontrava de propósito, depois do colégio mas antes do treino, você se trocando rápido e enxotando os colegas no aquecimento até ter que ir, mais um beijo, tenho que ir, mais um, certo, agora eu tenho que, preciso mesmo ir para lá.

E esse bilhete foi uma bomba de nervos, tiquetaqueando sob a superfície da minha vida normal, no meu bolso o dia inteiro lido e relido com fervor, na minha bolsa a semana inteira até eu ter medo de que ele ficasse amassado ou fosse roubado, na minha gaveta entre dois livros chatos para fugir da minha mãe e depois na caixa e agora jogado aí para você. Bilhetes, quem escreve um bilhete desses? Quem era você para escrever para mim? Ficou ressoando dentro de mim o tempo todo, uma explosão repetida, a alegria do que você escreveu como estilhaços nervosos na minha corrente sanguínea. Não posso mais ter isso perto de mim, vou lançar a granada de volta, assim que desdobrar e ler e chorar mais uma vez. Porque eu também, e vai se foder. Ainda.


Não consigo parar de pensar em você.


HALLOW-BAILE

QUANDO OLHO PARA ISSO aqui rasgado ao meio, penso no absurdo do que você fez e no absurdo de eu não ter dado bola. Não posso ficar olhando para ele enquanto escrevo sobre ele, porque tenho medo de que o Al veja e aí a gente vai ter que tocar no assunto de novo, como se você rasgasse mais uma vez, e mais uma vez eu ficasse quieta. Você deve achar que é da noite que fomos ao Baile, mas não é. Você deve achar que foi rasgado ao meio por acidente, sem motivo, do jeito que acontece com todos os cartazes de todos os eventos que acabam virando uma massa de papel molhado depois da chuva ou são arrancados pelos zeladores para dar lugar ao próximo, como os cartazes do Feriado Formal que agora estão por toda parte, com o traço delicado da Jean Sabinger que desenhou um desses objetos de decoração de vidro que, se você olhar bem de perto, tem o reflexo de gente dançando como se fosse numa casa de espelhos, substituindo os crânios e morcegos e abóboras deste pôster, mas foi você, seu puto. Você que rasgou e teve um chilique.

Os cartazes formavam uma grande pilha laranja sobre o colo do Al, sentado nos bancos do lado direito, quando eu cheguei no colégio com o cabelo ridiculamente úmido e a minha mochila, que carregava a lição de biologia avançada não feita. A Jordan e a Lauren também estavam lá, cada uma delas segurando — levei um segundo para entender — uma fita.

— Ah, não — falei.

— Bom dia, Min — o Al disse.

— Ah, não. Ah, não. Al, eu esqueci.

— Eu avisei — a Jordan disse para ele.

— Eu esqueci completamente, e preciso achar a NancieBlumineck e *implorar* para que ela me deixe copiar a lição de biologia. Não dá! Não posso. E eu não trouxe fita.

O Al pegou uma fita, pois já sabia.

— Min, você prometeu.

— Eu sei.

— Você prometeu para mim três semanas atrás, tomando um café *que eu paguei* no Federico's, e a Jordan e a Lauren são testemunhas.

— Verdade — a Jordan disse. — Somos. Fomos.

— Eu autentiquei a declaração — a Lauren falou, solene.

— Mas eu *não posso*, Al.

— Você prometeu — disse ele. — Prometeu pelo trejeito da TheodoraSire quando ela joga o cigarro na banheira do esqueci-o-nome.

— Tom Burbank. Mas, Al...

— Você prometeu que ia me ajudar. Quando eu fui informado que era obrigado a fazer parte do comitê de organização do Hallow-Baile Municipal, você não teve que prometer que ia participar de todas as reuniões, como a Jordan.

— É *muito* chato — a Jordan disse. — Os meus olhos rolaram lá para o fundo da cabeça. Só sobraram essas réplicas de vidro, Min, que eu deixei nos buracos que o tédio fez no meu crânio.

— E você não teve que prometer, como a Lauren fez, que ia segurar a mão da Jean Sabinger enquanto cada membro do subcomitê de decoração fazia comentários sobre os seis esboços do cartaz, dois dos quais a fizeram chorar, porque a Jean e eu ainda não nos falamos depois do incidente do Baile de Calouros.

— É verdade, o choro — a Lauren disse. — Tive que limpar o nariz dela eu mesma.

— Não é verdade — falei.

— Bom, é verdade que ela chorou. E a Jean Sabinger *chora*. Temperamento de artista, Min.

— Tudo que você prometeu fazer — o Al disse —, para conseguir ingressos grátis e entrar na lista de membros do subcomitê, foi passar uma manhã colando esses cartazes. *Esta* manhã, a propósito.

— Al...

— E não vem me dizer que eu sou imbecil — o Al continuou. — Sou o tesoureiro júnior do Colégio Hellman. Eu trabalho na loja do meu pai nos fins de semana. A minha vida inteira é imbecil. O Hallow-Baile Municipal é uma imbecilidade. Estar no comitê de organização de *qualquer coisa* é o cúmulo da imbecilidade, mesmo quando, principalmente quando, é obrigatório. Mas imbecilidade não é desculpa. Embora eu não tenha opinião formada...

— Oh-oh — a Jordan disse.

— ...há quem diga, por exemplo, que existe certa demonstração de imbecilidade em correr atrás do Ed Slaterton, e mesmo assim abusei do meu poder ontem, como membro do conselho estudantil, e olhei o telefone dele no escritório de matrículas porque você pediu, Min.

A Lauren fingiu que desmaiava.

— *Al!* — ela disse, com a voz da mãe. — Isso vai contra o código de ética do conselho estudantil! Vai levar muito tempo para eu voltar a confiar em você, muito, muito tempo... pronto, voltei.

Agora todos olhavam para mim. Ed, você nunca deu bola para nenhum deles.

— Tudo bem, tudo bem, eu vou colar os cartazes.

— Eu sabia — o Al disse, me entregando a fita. — Não duvidei nem por um instante. Em duplas, povo. Dois fazem do ginásio até a biblioteca, dois o resto.

— Eu vou com a Jordan — a Lauren disse, pegando metade da pilha. — Bem melhor do que interferir no festival de tensão sexual que você e a Min estão promovendo hoje de manhã.

— *Todas* as manhãs — a Jordan disse.

— Você acha que tudo é tensão sexual — falei para a Lauren. — Só porque foi criada pelo Senhor Supercristão e pela Senhora Supercristã. Nós, judeus, sabemos que tensões subjacentes são sempre culpa de falta de glicose.

— É, bom, vocês mataram o meu Salvador — a Lauren disse, e a Jordan deu tchau. — Não vou deixar acontecer de novo.

O Al e eu fomos para a entrada leste, passando por cima das pernas do Marty Weiss e daquela menina com cara de japonesa que segurava as mãos dele perto das floreiras mortas, e passamos a manhã liberados da educação física colando cartazes como se eles fossem servir para alguma coisa, o Al esticando e eu arrancando pedaços de fita para colocar nas pontas. O Al me contou uma longa história sobre a Suzanne Gane (aula de direção, gancho do sutiã) e aí falou:

— Então, você e o Ed Slaterton. Não conversamos ainda. O que... O que...?

— Sei lá — falei, *fita, fita*. — Ele... acho que está indo bem.

— O.k., não é da minha conta.

— Não é isso, Al. É que, sabe, ele é um troço... delicado.

— O Ed Slaterton, delicado.

— Não, *a gente* é. Quer dizer. Ele e eu, parece que a gente é.

— O.k. — o Al disse.

— Não sei o que vai acontecer.

— Então você não vai virar uma daquelas marias-cestinhas das arquibancadas? "Lindo lance, Ed!"

— Você não gosta dele.

— Não tenho opinião formada.

— Bom. Eles não chamam de "lance".

— Oh-oh, você aprendendo terminologias do basquete.

— Bandeja — falei. — É assim que chamam.

— Se abster de cafeína é que vai ser complicado. Não servem café nas arquibancadas, depois da aula.

— Eu não vou abandonar o Federico's.

— Claro, claro.

— Eu vou com você *hoje*.

— Esquece.

— Você não gosta dele.

— Não tenho opinião formada, já disse. Bom, me conta depois.

— Mas, Al...

— Min, atrás de você.

— O quê?

E lá estava você.

— *Ah!* — falei muito alto.

— Oi — você disse, e acenou para o Al, que ficou envergonhado com a pilha do Halloween, claro.

— Oi — falei.

— Você nunca anda por aqui — você disse.

— Estou no subcomitê.

E você só piscou.

— Está bem, te vejo depois?

— Depois?

— Depois do colégio, você vem ver o meu treino?

Depois de um segundo eu ri, Ed, e tentei usar aquele esquema multitarefa de olhar ao mesmo tempo para o Al com uma cara de "Dá para acreditar nesse cara?" e para você com outra de "A gente conversa depois".

— *Não* — falei. — Eu não vou *assistir o treino*.

— Bom, então me liga depois — você disse, e passou os olhos pela escadaria. — Deixa eu te passar o número mais fácil — você falou, e, sem pensar, Ed, aconteceu aquele absurdo, você rasgando uma tira do cartaz que a gente tinha acabado de prender. Você não pensou, Ed, é claro que não pensou, pois para o Ed Slaterton o mundo inteiro, tudo que estiver colado na parede, é só papel onde você pode escrever, então você pegou um canetão da orelha do Al antes que ele conseguisse dar um pio e me deu este número que estou devolvendo, este número que eu já tinha, este número que ainda está num cartaz na minha cabeça e nunca vai rasgar, antes de devolver a caneta e passar a mão no meu cabelo e descer a escada correndo, deixando esta metade na minha mão e a outra, ferida, na parede. Quando eu te vi ir embora, o Al te olhando ir embora, eu olhando o Al te olhando ir embora, percebi que devia dizer que você era um canalha por ter feito aquilo e não consegui fazer as palavras saírem. Porque naquela hora, Ed, no dia do meu último café depois do colégio com o Al no Federico's — porque, sim, porra, comecei a ficar sentada nas arquibancadas assistindo os seus treinos —, o número na minha mão era a passagem de saída das manhãs de colar cartazes da minha vida, dos meus amigos de sempre, de um cartaz que anunciava algo que todo mundo sabe que acontece todo ano. "Me liga depois", você disse, para eu poder te ligar depois, à noite, e é nessas noites que sinto a sua falta, Ed, mais falta, no telefone, seu lindo filho da puta.

Porque de dia era o colégio. Era o sinal alto demais ou cheio de estalos nos alto-falantes quebrados que nunca consertavam.

Era o assoalho ruim cheio de rangidos e pegadas, e os armários batendo. Era escrever o meu nome no lado direito superior da folha ou o sr. Nelson automaticamente deduziria cinco pontos, e no lado esquerdo superior ou o sr.Peters deduziria três. Era a caneta que desistia na metade do caminho e riscava tinta invisível no papel ou cometia suicídio e vazava na minha mão, e eu tentando lembrar se tinha tocado no meu rosto e se estava com cara de mineiro das esferográficas. Eram os meninos brigando perto das latas de lixo seja lá qual fosse o motivo, não são os meus amigos, não é a minha turma, o meu antigo vizinho de armário chorando no banco em que eu sentei no ano de caloura com uma turma que hoje em dia mal vejo. Provas, provas surpresa, trocar de nome durante a chamada quando tem substituto, qualquer coisa que faça o tempo passar, mais sinal. Era o diretor no alto-falante, dois minutos completos de som ambiente e coisas sendo arrastadas, depois um "É isso, Dave" em alto e bom som, e o barulho cessou. Era a mesa que vendia croissants do Clube de Francês, derrubada pelo Billy Keager como sempre, e a geleia de morango que deixou uma mancha grudenta no chão por três dias até alguém resolver limpar. Troféus velhos numa caixa, uma placa com os nomes deste ano esperando para ser preenchidos na etiqueta, branca e em formato de caixão. Era um profundo sonhar acordado e despertar com o professor querendo uma resposta, recusando-se a repetir a pergunta. Outro sinal, o aviso "ignorem o sinal" e o Nelson carrancudo dizendo "Ele falou para *ignorar*" enquanto todo mundo fechava as mochilas. Era a papelada no ginásio, grampeada ao contrário e todo mundo tendo que desvirar as folhas para preencher. Era a sacanagem e a seleção para a peça de teatro, as faixas com o grande jogo de sexta e a faixa maior roubada e o aviso para dedurar se alguém soubesse de alguma coisa. Eram a Jenn e o Tim quando eles acabaram, a Skyler que

perdeu o carro, o boato de que a Angela estava grávida mas depois o contraboato de que não, era só gripe, todo mundo vomita quando está gripado. Eram os dias em que o sol nem tentava sair das nuvens e você foi legal uma única vez na sua vida de estrela. Era a grama molhada, a umidade, as meias erradas que eu tinha esquecido de jogar fora e agora estava usando, a folha sorrateira caindo do meu cabelo onde deve ter ficado horas aninhada para a alegria de alguém. A Serena menstruada sem ter absorventes, como sempre, surrupiando das meninas que ela nem conhecia nos banheiros no segundo período. O grande jogo de sexta, vamos, Beavers, mostrem para eles, Beavers, a piada tão sem graça que só os calouros e o KyleHapley gostavam. Seleção para o coral, três garotas vendendo tricô para ajudar as vítimas do furacão, a biblioteca que não tinha nada não importa o que você precisasse procurar. Era o quinto período, o sexto, o sétimo, ficar olhando para o relógio e colando nas provas porque sim. Era ter fome repentina, cansaço repentino, calor, fúria, inacreditável e espantosa tristeza. Quarto período, como é que ainda pode ser o quarto, mas é. HesterPrynne, Agamemnon, John Quincy Adams, distância vezes velocidade igual a alguma coisa, menor denominador sei lá, o raio é metade do diâmetro, metáforas, o liberalismo. O blusão vermelho de alguém, a pasta aberta de alguém, ficar se perguntando como alguém podia perder um sapato, só um sapato, e não ver que ele passou semanas esperando lá no peitoril da janela. Ligue para este número no mural, ligue se você sofrer abusos, se você quiser se matar, se quiser ir para a Áustria no verão com os outros medíocres da foto. Era "ESFORÇO!" em letras feias num fundo esmaecido, "TINTA FRESCA" num chão seco, o jogo de sexta, precisamos da sua energia, traga a sua energia. As senhas dos armários, as máquinas de refrigerante, se encontrar, matar aula, fumar em segredo e

fones de ouvido e despejar rum no refrigerante e bala de menta para esconder o hálito, aquele menino doentinho dos óculos de aro grosso e a cadeira de rodas elétrica, graças a Deus que não sou eu, ou o colar cervical, ou a coceira ou o freio ou aquele pai bêbado que apareceu no baile e deu um soco na cara dela, ou aquela pobre criatura que precisa que alguém lhe diga "Você está sempre fedendo, dê um jeito nisso, ou as coisas nunca, nunca, nunca vão melhorar para você". Os dias eram o dia inteiro, todo dia, ganhar nota, anotar, colocar alguma coisa, tirar alguma coisa, abrir o sapo e ver se é igual à foto do sapo aberto. Mas à noite, à noite era você, finalmente no telefone com você, Ed, a minha alegria, o meu melhor.

A primeira vez que te liguei foi como a primeira vez que alguém ligou para alguém, Alexander Graham sei-lá-o-quê, casado com a Jessica Curtain naquele filme demente, franzindo o cenho com os testes na mesa de montagem, sem sucesso, até que finalmente ele diz a frase mágica pelo fio. Sabe qual foi, Ed?

— Alô? — Diabos, era a sua irmã.

— Hã, oi.

— Oi.

— Posso falar com o Ed?

— Posso saber quem é?

Ah, por que ela tinha que fazer isso? Foi o que eu pensei, agarrando o lençol.

— Uma amiga — falei, tímida, imbecil.

— Amiga?

Fechei os olhos.

— Sim.

Houve um instante mudo, um zumbido, e eu ouvi a Joan, embora eu ainda não conhecesse a Joan, suspirar e questionar se deveria me interrogar mais, enquanto eu pensava que podia

desligar naquela hora, como um ladrão na noite em *Como um ladrão na noite*.

— Espera — ela disse; aí passaram uns segundos, zumbidos e estalos, a sua voz longe dizendo "Que foi?" e a Joan tirando sarro, "Ed, você tem amigas? Porque tem uma menina dizendo que...".

— Cala a boca — você disse, bem baixinho, e depois — Alô?

— Oi.

— Oi. Hã, quem...

— Desculpa, é a Min.

— Min, oi, não tinha reconhecido sua voz.

— É.

— Espera, vou para outra sala porque a *Joanie está aqui do meu lado*.

— O.k.

A sua irmã disse alguma coisa, mais alguma coisa, água correndo. "Esses pratos são *meus*", você disse para ela. Alguma coisa, mais alguma coisa. "Ela é minha *amiga*." Alguma coisa, mais alguma coisa. "Sei lá." Alguma coisa. "Nada."

Fiquei esperando. "Senhor Watson" foi a primeira coisa que o inventor disse, miraculosamente, da outra sala. "Venha cá — quero falar com você."

— Oi, desculpa.

— Tudo bem.

— A minha irmã.

— É.

— Ela... bom, você vai conhecer.

— Tá.

— Então...

— Hã, como foi o treino?

— Tudo bem. O Glenn foi meio sacana, mas já virou normal.

— Ah.

— Como... o que é mesmo que você faz depois do colégio?

— Vou no café.

— Ah.

— Com o Al. Sabe, só para bater papo. A Lauren também foi.

— O.k., e como foi?

Ed, foi maravilhoso. Ficar gaguejando com você, ou mesmo parar de gaguejar e não dizer nada, era tanta sorte, tão fofo, uma conversa melhor que bater papo com qualquer outro. Depois de uns minutos a gente parava de fazer barulho, a gente se acomodava, e a conversa corria noite adentro. Às vezes eram só as risadas de comparar as preferências, adoro esse sabor, aquela cor é legal, aquele disco é horrível, nunca vi esse seriado, ela é legal, ele é um idiota, você está brincando, de jeito nenhum, o meu é melhor, seguro e hilário, como fazer cosquinhas. Às vezes eram histórias que a gente contava, se revezando e incentivando, não é chata, é legal, entendi, entendi, não precisa ficar dizendo, pode dizer de novo, nunca contei isso para ninguém, não vou contar para mais ninguém. Você contou daquela vez com o seu avô na porta. Contei daquela vez com a minha mãe no sinal vermelho. Você contou daquela vez com a sua irmã e a porta trancada, e eu contei daquela vez com a minha amiga e a carona errada. Aquela vez depois da festa, aquela antes do baile. Aquela vez no acampamento, nas férias, no quintal, descendo a rua, dentro daquele quarto que eu nunca mais vou ver, aquela vez com o pai, aquela vez do ônibus, aquela outra vez com o pai, aquela época estranha naquele lugar que eu já te contei na outra história daquela outra vez, as vezes que se ligam como flocos de neve numa nevasca que nós mesmos fizemos no nosso inverno preferido. Ed, aquilo era tudo, aquelas noites no telefone, tudo que a gente dizia até tarde, ficava muito tarde e aí mais tarde e aí bem tarde e enfim para a cama com a orelha quente e cansada e

vermelha de segurar o telefone tão perto, pertinho, para não perder uma palavra do que quer que fosse, porque quem ia se importar com o meu cansaço no labutar enfadonho diurno sem o outro. Eu acabaria com qualquer dia, todos os dias, por essas longas noites com você, e foi o que fiz. Mas é por isso que já estava condenado, bem ali. A gente não podia ter só as noites de magia zumbindo pelos fios. A gente tinha que ter os dias, também, os belos e impacientes dias que estragavam tudo com os cronogramas inevitáveis, os horários obrigatórios que não se cruzavam, os amigos leais que não se gostavam, os absurdos imperdoáveis rasgados da parede independentemente das promessas feitas depois da meia-noite, e foi por isso que a gente acabou.



VAMOS FICAR a SÓS
NAQUELE LUGAR

É DISTO QUE EU ESTOU FALANDO, ED: da verdade. Olha esta moeda. De onde ela veio? Que primeiro-ministro, que rei é esse? Em algum lugar do mundo aceitam isso como dinheiro, mas não naquele dia depois do colégio na Queijaria.

A gente tinha acertado, com mais argumentação e diplomacia que a minissérie de sete horas do Nigel Krath sobre o cardeal Richelieu, que iríamos jantar cedo ou tomar café tarde, lanche pós-treino ou seja lá como você chama quando o sol está se pondo e era para você estar em casa mas está comendo misto-quente na chapa e sopa de tomate aguada e escaldante em território neutro. Eles estavam cansados de não te conhecer, mesmo que tivesse passado pouquíssimo tempo. Eles pensavam, todos eles, a Jordan e a Lauren, fora o Al porque ele não tinha opinião formada, que eu estava te escondendo. Ou que eu tinha vergonha dos meus amigos? "É isso, Min?" Eu disse que você tinha treino e eles disseram que não era desculpa e eu disse que claro que era e aí a Lauren disse que de repente, se não te convidassem, como na festa do Al, aí talvez você aparecesse, aí eu falei o.k., o.k., o.k., o.k., calem-se, o.k., terça-feira depois do treino, depois do café no Federico's, vamos na Queijaria, que tem localização central e é igualmente detestada por todos, e aí eu te perguntei e você disse que claro, parecia bom. Sentei com eles e esperei. Os bancos estavam descascando e os guardanapos sugeriam que testássemos os nossos conhecimentos sobre queijos.

— Min, verdadeiro ou falso, o parmesão foi inventado em 1987?

Tirei o dedo da boca e dei uma pancada na Jordan.

— Você vai ser legal com ele, né?

— A gente sempre é legal.

— Não, nunca são — falei. — E amo vocês mesmo assim, geralmente, na maioria das vezes, mas hoje não.

— Se ele vai ser o que quer que seja para ele ser — a Lauren disse —, então ele deve nos ver do jeito que Deus nos criou, no nosso habitat natural, com os nossos...

— A gente nunca vem aqui — o Al disse.

— A gente já discutiu isso — lembrei a ele.

A Lauren deu um suspiro.

— O que eu quis dizer é que se a gente vai andar junto...

— *Andar junto?*

— Talvez não — a Jordan disse. — Talvez não aconteça. Talvez a gente só se veja no casamento, ou...

— *Parem.*

— Ele não tem irmã? — a Lauren perguntou. — Imagina nós duas vestidas de madrinhas! Cor de *ameixa*!

— Eu sabia que ia ser assim. É melhor eu ligar para ele não vir.

— Talvez ele já esteja com medo da gente e nem apareça — a Jordan disse.

— É — a Lauren falou. — Tipo, vai que ele nem queria o telefone da Min e vai que ele não ia ligar para ela e vai que eles nem estão...

Bati a cabeça na mesa e pisquei para um desenho de queijo brie.

— Não olha agora — o Al murmurou. — Mas tem uma bola de suor entrando.

É verdade que você estava particularmente e umidamente atlético. Eu me levantei e te beijei, me sentindo naquela cena de *O grande cofre* em que o Tom D'Allesandro não sabe que a DodieKitt está sendo feita de refém bem debaixo do nariz dele.

— E aí — você disse, depois olhou para os meus amigos. — Oi também.

— Oi — todos, malditos, disseram.

Você se acomodou.

— Faz muito tempo que eu não venho aqui — você disse. — No ano passado eu vim com alguém que gostava da... do que mesmo... da sopa picante de queijo.

— Fondue — a Jordan disse.

— Era a Karen? — a Lauren perguntou. — A das tranças e do gesso no tornozelo?

Você estava piscando.

— Era a Carol. E não era fondue. Era sopa picante de queijo — você apontou para "SOPA PICANTE DE QUEIJO" no cardápio e, por um segundo, ficou silêncio total.

— A gente sempre pede o especial do dia — disse o Al.

— Eu vou querer o especial do dia, então — você disse. — E, Al, não me deixa esquecer — você deu um tapa na mochila. — O Jon Hansen disse para eu te entregar um folheto do projeto de literatura.

A Lauren se virou para o Al.

— Você faz literatura com o Jonathan Hansen?

O Al fez que não e você tomou um gole demorado de água gelada. Fiquei olhando a sua garganta, eu queria cada palavra que você já tinha dito, todas para mim.

— A namorada dele — você enfim explicou. — A Joanna Algumacoisa-ton. Mas, e não vai contar por aí, não por muito tempo. Ah, sabe o que eu lembrei?

— Essa Joanna Farmington é minha amiga? — a Lauren perguntou.

Você fez que não e deu um sinal para o garçom.

— Jukebox — você disse. — Aqui eles têm uma jukebox boa — você jogou a mochila na mesa, achou a carteira, franziu o cenho olhando para as notas. — Alguém tem trocado? — e aí puxou a bolsa da Lauren. Não entendo muito de esporte, mas eu sentia o strike um, o strike dois, o strike três passarem voando pela sua cabeça. Você puxou o zíper e ficou remexendo as coisas. Os meus olhos fitaram os do Al tentando não fitar os meus. A única pessoa que não a Lauren que teria permissão de mexer na bolsa dela seria aquela que a encontrasse morta numa vala e estivesse procurando os seus documentos. Um absorvente apareceu pela parte de cima e aí você achou a bolsinha de trocados dela e sorriu e a abriu e pegou as moedas. — Nós todos vamos querer o especial do dia — você disse ao garçom, e aí se levantou e foi até a jukebox, me deixando sozinha numa mesa atônita.

A Lauren estava olhando para a bolsa como se fosse um bicho atropelado na estrada.

— Jesus Cristo e o pai biológico dele.

— Como diria a sua mãe — acrescentou a Jordan.

— Eles são assim — falei, desesperada. — Entre eles, estão sempre mexendo no dinheiro uns dos outros.

— *Eles são assim?* — a Lauren falou. — O que é isso, a vida na natureza? Eles são hienas?

— A gente espera que o acasalamento não seja para sempre — a Jordan resmungou.

O Al só olhou para mim, como se fosse pular no cavalo, dar um tiro do revólver, abrir o alçapão, mas só se eu pedisse. Não pedi. Você voltou e sorriu para todo mundo e, strike um bilhão, começou a tocar Tommy Fox. Ed, eu nem sei explicar, mas

Tommy Fox, eu nunca te contei, para nós é uma piada, e nem é uma piada boa, porque Tommy Fox vira piada fácil. Você sorriu de novo e ficou girando uma moeda na mesa, estala, gira, estala, gira, enquanto a gente ficava olhando.

— Essa não funcionou — você disse, apontando para o meio da mesa, a terra de ninguém onde a moeda inútil girava.

— Não me diga — a Lauren disse.

— Eu adoro a guitarra nessa — você disse, sentando-se e passando o braço por cima de mim. Eu me encostei nele, Ed, e o seu braço era bom até com Tommy Fox tocando de fundo.

— Ele está de brincadeira — falei. Desesperada, de novo. Eu me contorcia e mentia, Ed, por você. Aí a moeda estalou até parar e eu a enfiei no bolso e a gente comeu e ficou tentando falar e pagamos e fomos embora. Os seus olhos eram tão doces, me acompanhando até o ônibus enquanto eles iam para o outro lado. Eu os vi amontoadinhos e rindo, já estavam rindo. Ah, que seja o que for, Ed, fiquei pensando com a sua mão na minha cintura e a moeda no meu bolso. Onde quer que seja bom, seja qual for a terra estranha e distante, vamos lá, vamos ficar sozinhos lá.



OLHE BEM DE PERTO e você vai notar uns dois fios que saíram junto quando você arrancou o elástico do meu cabelo. Quem faria algo assim? Que tipo de homem faria isso, Ed? Na época eu não dava tanta bola.

A nossa primeira vez na sua casa, onde você vai ler isso, de coração partido. Indo para casa com você pela primeira vez, juntos no ônibus, depois de assistir o treino. Eu estava exausta, cansada por não ter tomado o meu Federico's de todos os dias. Cansada do tédio, mesmo, nas arquibancadas enquanto você fazia arremessos e o treinador assoprava aquele apito agudo dando conselhos do tipo "Tenta jogar mais perto da cesta". Dei uma dormidinha no seu braço, no ônibus, e quando acordei você estava olhando para mim, pensativo. Estava suado, um nojo. O meu hálito já estava

ruim só de dormir um minuto, como sempre. O sol entrava pelas janelas sujas do ônibus. Você disse que gostava de me ver dormir. Você disse que queria me ver acordando de manhã. Pela primeira vez, ou não a primeira, se é para contar a verdade verdadeira, tentei pensar em algum lugar, algum lugar extraordinário, onde aquilo pudesse acontecer. A escola inteira sabe que, se a gente chegar na final do estadual, toda a equipe fica num hotel e o treinador faz que não vê, mas a gente não chegou tão longe.

Quando passamos pela porta dos fundos, você gritou: "Joanie, cheguei!", e eu ouvi: "Você sabe das regras — não fale comigo até tomar banho!".

— Pode ficar com a minha irmã um segundinho? — você me perguntou.

— Eu não conheço a sua irmã — falei, numa sala de estar onde todas as almofadas do sofá estavam no chão como um dominó.

— Ela é legal — você disse. — Já falei de você para ela. Falem de cinema. Não a chame de Joanie.

— *Você* a chamou de Joanie — falei, mas você já estava correndo na escada. O sofá estripado de almofadas, pilhas de revistas separadas, uma xícara de chá, a sala inteira desorganizada. Pela porta eu ouvia a música que amei na mesma hora, mas não conseguia saber o que era. Parecia jazz, mas não era tão constrangedor.

Fui em direção à música, e a Joan estava dançando na cozinha de olhos fechados, fazendo par com uma colher de pau. Havia montinhos de legumes cortados no balcão, Ed, a sua irmã é linda e fantástica, pode dizer que eu falei.

— O que é isso?

— O quê? — ela não ficou surpresa nem nada.

— Desculpa. Eu gostei da música.

— Você não devia pedir desculpas por gostar da música. Hawk Davies, "The feeling".

— O quê?

— "*You either have the feeling or you don't.*" Nunca ouviu falar do Hawk Davies?

— Ah, sim, Hawk Davies.

— Para. É legal você não conhecer. Ah, ser jovem de novo.

Ela se virou e continuou dançando. Achei que eu devia voltar para a sala de estar.

— Você é a menina do telefone daquela noite.

— É — confessei.

— A *amiga* — ela declamou. — Qual é o seu nome, *amiga*?

Eu disse que era Min, apelido de... etc.

— Bom discurso — ela disse. — Eu sou a Joan. Gosto de Joanie tanto quanto você gosta de Minnie.

— É, o Ed me contou.

— Não acredite na palavra de um garoto que fica nojento de suor *todo santo dia... vai tomar banho*!

Ela gritou o final da frase para o teto. *Tump, tump, tump*, a luminária da cozinha tremeu e ouvimos o chuveiro sendo ligado. A Joan sorriu e olhou para mim de novo e voltou à tábua de picar.

— Sabe, espero que você não se importe, e, sem querer ofender, mas você não parece essas garotas de arquibancada.

— Não?

— Você é mais... — *pica, pica*, ela queria a palavra, *pica, pica*, certa. Atrás dela tinha um porta-facas. Se ela dissesse "das artes"... — ...interessante.

Eu me esforcei para não sorrir. "Obrigada" não parecia ser a resposta certa.

— Bom, hoje eu fui uma garota de arquibancada. Acho.

— *Ei!* — ela se empertigou, irônica, os olhos arregalados e a faca erguida como um mastro. — *Vamos assistir garotos treinarem para o jogo para depois vê-los jogarem o jogo!*

— Você não gosta de basquete?

— Desculpa, você gostou? Como é que foi ficar vendo o Ed?

— Chato — falei no mesmo instante. Solo de bateria no disco.

— E ainda namora o meu irmão — ela disse, fazendo "não" com a cabeça. Ela foi até o fogão, mexeu na panela e lambeu a colher, alguma coisa com tomate. — Você vai ser a viúva, a viúva do basquete, num tédio sem fim enquanto ele bate essa bola mundo afora. Se não gosta de basquete...

Já era verdade, Ed. Eu já tinha me perguntado se podia ficar fazendo lição de casa ou ficar lendo enquanto você treinava. Mas ninguém mais fazia isso. As outras namoradas não se falavam muito, muito menos comigo, só me olhavam como se o garçom tivesse trazido o molho errado para a salada. Mas era tão elegante e valeu a pena te ver acenar para mim, e o suor nas suas costas quando vocês se dividiam entre os com e os sem camisa.

— ...e não gosta de música, você gosta do quê?

— Filmes — falei. — Cinema. Eu quero ser diretora.

A música acabou, começou outra. A Joan me olhou como se eu tivesse dado um soco nela.

— Ouvi dizer... O Ed me disse que você estava estudando cinema. Na Estadual?

Ela suspirou, pôs as mãos na cintura.

— Eu estudei. Mas tive que mudar. Ser mais prática.

— Por quê?

O chuveiro desligou.

— A minha mãe ficou doente — ela disse, apontando com o queixo na direção do quarto mais distante, e isso é uma coisa que você nunca disse, nenhuma das noites no telefone.

Mas eu sou boa em mudar de assunto.

— O que você está fazendo?

— Almôndegas suecas vegetarianas.

— Eu também cozinho, com o Al.

— Que Al?

— Um amigo meu. Posso ajudar?

— A vida *inteira*, Min, há séculos eu espero que alguém faça essa pergunta. Espero que você concorde que aventais são inúteis, mas venha, pode pegar — ela foi até a porta e ficou mexendo na maçaneta um pouquinho antes de pôr aquilo na minha mão. Os elásticos, você os deixava por todo lado, em toda maçaneta de porta.

— Hã.

— Prenda o cabelo, Min. O ingrediente secreto é *não ter cabelo*.

— Então como se faz almôndegas suecas vegetarianas? Com peixe?

— Peixe é carne, Min. Cogumelos-ostra, castanhas, cebolinha, a páprica que ainda preciso achar, salsinha, raiz ralada, que você pode ralar aí. O molho eu já fiz, é o que está borbulhando. Parece bom?

— Sim, mas não parece muito sueco.

A Joan sorriu.

— Na verdade, não parece muito com *nada* — ela admitiu. — É uma tentativa, entende? *Tentar* é o que eu faço.

— Tentativas de almôndega, quem sabe podemos chamar assim? — falei, com o cabelo preso.

Ela me passou o ralador.

— Gostei de você — ela disse. — Se quiser, pode pegar emprestado o meu livro de cinema. E me diz se o Ed te tratar mal que eu faço filé dele — então imagino que você esteja agora num prato com limão e não sei que mais, Ed. Mas você desceu as escadas com o cabelo para todos os lados e roupas soltas, uma camiseta de banda, pés descalços e shorts.

— Oi — você falou e jogou os braços ao meu redor. Me deu um beijo e arrancou o elástico, *ai*, do meu cabelo.

— *Ed.*

— Prefiro assim, sem querer ofender, mas prefiro solto.

— Ela precisa prender — a Joan disse.

— Não, a gente vai sair — você disse.

— Sim, e cozinhar.

— Você podia pelo menos colocar uma música boa.

— Hawk Davies detona Truthster. Vai assistir TV. A Min está me ajudando.

Você foi até a geladeira fazendo um beiço e pegou leite, que bebeu direto da caixa e depois derramou numa tigela com cereais.

— Você não é minha mãe de verdade — você disse, obviamente uma piada antiga.

A sua linda irmã tirou o elástico da sua mão e pôs na minha, uma minhoca morta, uma serpente preguiçosa, um laço aberto pronto para lançar no rodeio.

— Se eu fosse sua mãe de verdade — ela disse.

— É, é, me estrangulava no berço — você saiu comendo o seu lanche, e a Joan e eu fizemos as almôndegas suecas vegetarianas, que acabaram ficando incrivelmente deliciosas. Contei a receita para o Al na mesma noite, e ele disse que parecia muito bom e que a gente podia fazer na sexta à noite ou no sábado à noite ou até no domingo à noite, ele podia pedir folga da loja para o pai, mas eu disse que não, que eu não ia estar livre nesse

fim de semana, ia ser um fim de semana agitado. A minha agenda estava cheia, não que eu tivesse uma agenda. Você se jogou todo estirado nas almofadas, porque elas estavam no chão, com os cereais e a TV imbecil que eu via mas não ouvia da cozinha. Cozinhar com a Joan como se ela fosse a minha irmã também, mais ou menos, a fervura, o calor, o cheiro de pimenta e doçura e fumaça, finalmente dançando do lado dela. Hawk Davies me passando aquele feeling, transmitindo a todo mundo aquele feeling naquela tarde na sua cozinha. Deixando o meu cabelo cair do cabelo preso, num elástico da sua maçaneta, e a sua camiseta subindo enquanto você estava jogado no chão, os shorts soltos e baixos, as costas à mostra, as que eu passaria o dia inteiro olhando.

Tome de volta, Ed. Tome tudo de volta.



ACHO QUE era para eu colocar isto aqui, acho que devia ter sido pendurado sobre a minha cama em diagonal como se estivesse demarcando alguma coisa: COLÉGIO HELLMAN BEAVERS. E acho que posso dizer que o motivo pelo qual isso nunca foi para lugar nenhum foi que as cores dos Beavers, amarelo e verde, contrastavam com o que tem em cima da cama, o cartaz do meu filme preferido deste mundo, *Nunca à luz de velas*, as sobrancelhas da TheodoraSire erguidas perpetuamente no cartaz, aquilo não fosse dizer nada além de que aquilo que se passava no meu quarto era deselegante e indigno de mim. Eu não pendurei lá, não queria pendurar lá, eu já devia saber.

A faixa podia dizer até COLÉGIO HELLMAN BEAVERS NOVA NAMORADA DO ED quando a encontrei na sexta-feira presa numa fenda do meu armário, balançando à brisa dos ventiladores velhos como a cena dos diplomatas em *Hotel*

Continental. Precisei dar uns puxões para sair, e senti meu rosto corado sorrindo, e eu me esforçando para não sorrir. Todo mundo sabe que, mesmo que as faixas estejam sempre à venda nos dias de jogo com as animadoras sorridentes de segunda linha designadas para biscatear desesperadamente no restaurante, elas são só para calouros e pais e outras almas sem noção e para as namoradas dos jogadores que as afanam para entregar como rosas de talo longo na sexta-feira de manhã. E as pessoas viram e entenderam. A Jillian Beach não tinha nada voando do armário dela, e bastante gente tinha me visto com você no treino daquela semana para entender de onde vinha a minha faixa. O cocapitão, que deve ter saído no meio dos suspiros, e a Min Green. As pessoas devem ter perguntado para a Lauren, para o Al, se era verdade. Eles devem ter dito "é", "só é", ou talvez coisa pior, não quero pensar.

E dentro do meu armário, o ingresso. Você não deve ter pago. Não sei como funciona, a seção reservada com as cordas para amigos e família, protegida por garotos da equipe juvenil todos ensimesmados com a importância dos seus cargos. Esses ingressos agora se foram, rasgados e queimados até virar nada e fumaça. Você depois me disse que sentia muito por não ter um para o Al, mas claro que ele podia ir na festa depois ou onde quer que a gente fosse se perder, mas o Al já havia me dito que tinha outros planos, não, obrigado. Quando cheguei no meu lugar, a Joan era minha companheira, com *biscotti* em papel laminado, ainda quentinhos.

— Ah, uma faixa — me lembro dela dizendo. — Agora todo mundo sabe de que lado você está, Min.

Ela tinha que gritar para falar comigo. Um pai atrás de nós botou a mão no meu ombro, "Fiquem sentadas, fiquem sentadas, embora o jogo ainda não tenha começado preciso ter visão

desimpedida do chão de madeira encerado e das garotas e seus saracoteantes pompons".

— Vamos, Beavers, é isso? — falei.

— É o "é isso" que deixa tudo melhor.

— Bom, é que... — eu queria dizer "meu namorado", mas tinha medo de que a Joan fosse me corrigir. — É do Ed. Estou tentando ser legal. E ele me deu.

— Claro que deu — a Joan disse, e desdobrou o papel laminado. — Pegue *biscotti*. Tentei usar noz em vez de avelã, diga o que achou.

Peguei nas mãos. A Joan não estivera em casa o resto da nossa primeira semana, e eu ficava sozinha lendo na sala de estar tumultuada enquanto você tomava banho. Embora você tivesse me convidado para subir. Mas eu tinha medo de que ela viesse para casa, eu não sabia quais eram as regras, então esperava você descer, ainda úmido do chuveiro, e a gente ficava deitado nas almofadas no chão com a TV conversando por nós. Posso dizer a verdade agora, eu preferia quando você me ajudava a tocar em você, passando as nossas mãos para dentro das suas roupas limpas, do que quando você tocava em mim, tão incerta que eu estava da Joan chegar e ver a gente.

— Você vai na festa depois?

— Eu? — a Joan disse. — Não, já acabou a minha época de fogueira, Min. Eu venho a alguns jogos, não todos, à metade deles mais ou menos, não quero ser uma má irmã, mas as festas depois são responsabilidade dele, é isso que eu digo. Eu digo para ele, não vá chegar tão tarde para depois passar o sábado inteiro dormindo; nada de não ir para casa; se vomitar, é você quem limpa.

— Parece justo.

— Diz isso para ele — ela bufou. — Ele não quer regras e exige café da manhã na cama.

Você deu um salto quando falaram o seu nome, naquele momento em que todos faziam barulho, e com entusiasmo. Os meus ouvidos doeram de tanto que eles te amavam, a bola que você pegou do treinador que jogou de lado, *bate, bate* como se a quadra inteira estivesse rugindo, e aí uma bandeja e parecia incerto de onde eu estava sentada, mas a bola entrou e o telhado veio abaixo e você saiu se pavoneando e agradecendo e deu tapas no Trevor rindo e aí, como a Gloria Tablet deve ter se sentido quando serviu café para o Maxwell Meyers e se viu fazendo um teste para o papel na manhã seguinte, aí você apontou para mim, bem para mim, e sorriu e eu congelei e agitei a faixa até anunciarem a próxima coisa e você jogou a bola*com força* para o Christian com um sorriso travesso.

— Viu o que eu disse? — a Joan falou.

— Talvez eu consiga dar um jeito nele.

Ela passou o braço por cima de mim. Ela estava usando alguma coisa, eu conseguia sentir o cheiro, talvez fosse a canela ou a noz-moscada.

— Ah, Min, espero que sim.

O resto da equipe foi anunciado. Soprando apitos. Pensei por um segundo que ia chorar com o que a Joan tinha dito, e balancei a faixa para evaporar os meus olhos lacrimejantes.

— Mas, se for fazer — ela avisou. — Ou, se não for, não deixe que ele volte muito depois da meia-noite.

— Você não é minha mãe de verdade — tive coragem de dizer, e aí me senti imbecil e percebi que era a piada errada. Era sua, era a sua piada com a Joan, mas ela franziu o cenho e olhou para os pompons. Ficou um silêncio, mas ao fundo todo mundo gritava. — Ficaram muito bons — falei dos biscoitos, código para "me desculpe".

— É, bom — ela disse, e deu tapinhas como um "eu te perdoo" na minha mão, mas tinha sido mesmo uma péssima piada. — Não vá comer todos — e o jogo começou. O rugido, o estrondo, era diferente de tudo que eu já tinha visto, até quando eu era caloura e fui no meu primeiro jogo porque tive os primeiros amigos errados e não sabia das coisas. O ginásio inteiro estava *vivo*, comemorando e acenando e agarrando os amigos, sinos quando alguém fazia ponto, afogados pelos gritos, encantados ou desapontados dependendo de que lado você estava. Assobios e depois a calmaria suarenta, os olhares, os ombros erguidos, o movimento dos braços de "ah, diabo" quando era falta ou erro. As mãos de todos erguidas na quadra, a bola é minha, a cesta, o ponto, o placar, a equipe, o jogo, te perder no meio dos magrelos, te achar de novo, te deixar para conferir os números na parede. Era um agito, Ed, e eu adorava aquele agito, batendo os pés nas arquibancadas para ajudar com o trovão, até os meus olhos acharem o relógio e só tinham passado míseros quinze minutos. Achei que já estávamos quase no fim, o ar saindo de mim aos assobios e a bandeirinha de repente uma barra pesada demais para erguer de novo. Quinze minutos, só, como podia ser só isso? Pisquei para o relógio para ter certeza, e a Joan estava sorrindo, me olhando.

— Pois é, né? — ela disse. — Nunca terminam. É a definição do dicionário de "pressa para nada".

Eu tinha te perdido por tanto tempo que quando te achei de novo o meu cérebro falou "Por que você está olhando para esse cara? Quem é ele? Por que esse cara e não os outros, qualquer outro?". Porque tinha algo de errado naquela foto em que eu aparecia. Era como uma maçã concorrendo a deputada, um rack de bicicleta usando maiô. Eu fui cortada e colada de um jeito errado num fundo que você via na hora — ou, talvez, depois de

quinze minutos — que não se encaixava, era assim que eu me sentia. Como o Deanie Francis em *A meia-noite se aproxima* ou o Anthony Burn como Stonewall Jackson em *Não se eu estiver vendo*, má escolha para o papel, mal elencado. A minha mochila, eu me perguntava — com lições de casa e o livro do Robert Colson que eu tinha emprestado para o Al e ele finalmente tinha devolvido fazendo peso nas minhas pernas — se teria que levar comigo para a noite de agito que tomava forma à nossa frente, já que o placar estava tendendo esmagadoramente para um lado. O que fazer com essa faixa e com esse palitinho plástico para segurar? Você joga na fogueira? Por que nunca se vê ninguém com a faixa na festa? O que estava eu, errada, fazendo aqui no ginásio, lugar em que eu nunca iria por vontade própria? Eles nem vendiam café e eu queria um, cara, como eu queria, pronta para socar aquela mãe cansada e arrancar a térmica dela. Mas não tinha como escapar, pois as janelas eram muito altas e nem estavam abertas, farelos e nozes nos pés, o irmão do Christian encostando em mim por acidente, a Joan rindo com a mãe de alguém do outro lado. Não vá embora; fique. Achei que estava ficando quieta, mas aos poucos a minha garganta começou a doer e a ficar quente de tanto gritar. Eu fiquei tonta e voltei a mim, te vi apontando para mim de novo e esperei que não tivesse perdido outras vezes, você sorrindo para me encontrar e aí me via zangada, entediada, os olhos sabe-se lá onde. Eu tentei, tentei de novo, agitando a faixa como uma refém. Eu te dei o meu espírito e você venceu.

O placar foi um bilhão a seis, ninguém se surpreendeu. Ninguém mais na Terra ia passar fome e todos iam encontrar o amor e a felicidade, pois vocês tinham ganhado, mas, se a gente tivesse perdido, eles teriam arrancado os seus olhos e nos jogado nus nas brasas quentes e nas serpentes venenosas com todos os

vivas e abraços no final, estranhos se abraçando como no fim de *O ômega vírus*, quando o Steve Sturmine encontra o antídoto. Os maiores são para você, Ed; me dei conta, enquanto você fazia a volta da vitória, que devia ter comprado flores e escondido em algum lugar para jogar sobre você, agora que os Beavers ganharam e, de acordo com todo mundo menos a garota das artes acometida pelo tédio e que estava gorda de tanto *biscotti*, salvaram toda a raça humana. Sinto muito — na hora eu senti muito, mas agora não —, mas para mim foi chato. "Não muito tarde!", a Joan me lembrou enquanto nós duas saíamos com a multidão, acenando para o carro dela enquanto eu te esperava sair feliz e limpo, o meu garotinho corajoso com a nova namorada, feliz com os seus colegas de equipe. Mas *era* tarde demais. Eu tive que ficar e fiquei, sabendo, entendendo, não gostando de nada. Foi só quando as outras namoradas arrancaram a faixa do palitinho que eu entendi que tinha que jogar o meu no lixo junto com os outros. Aí enrolei a minha faixa enquanto elas enrolavam as delas, concordando que o jogo tinha sido bom, divertido, algo perfeitamente aceitável de se fazer numa sexta-feira à noite. Esperei por você, Ed, para que tudo valesse a pena, e quando você me beijou e disse "Eu falei que você ia gostar", essa foi a única parte que eu gostei. Mas eu só beijei você, também, e te deixei jogar a minha mochila com a sua sobre os seus lindos ombros e caminhei do seu lado, os dedos suados no rolo da faixa, sem saber onde pôr as mãos enquanto nos agrupávamos no estacionamento para pegar carona para o Cerrity Park. O que mais eu podia fazer? Não havia escolha, até onde eu sabia. Você ganhou o jogo, nós ganhamos o jogo, a festa depois, a bebida, a grande fogueira, e enfim sós em algum lugar muito tarde, não tive escolha, desde o instante em que vi essa bandeira voando. Não tive opção. A gente não ia sair de fininho para o cinema, só ir a algum lugar para

conversar, algum outro lugar. Não o cocapitão, não naquela noite, não comigo, a nova namorada, e foi por isso que a gente acabou.



O CAMINHÃOZINHO PARECE ESTE EM QUE EU ESTOU, não tinha pensado nisso até agora. Estou aqui sacudindo neste caminhão, escrevendo para você com este caminhãozinho na outra mão, o Al do meu lado em silêncio e me deixando terminar de acabar com você, eu segurando este brinquedo e pensando se posso contar tudo sobre ele, toda a verdade. Isso faz com que eu me sinta como um filme animado experimental que vi no AnnualmationFest no Carnelian, uma garota num caminhão segurando um caminhão, e dentro do caminhão outra garota segurando outro caminhão etc. Terminando com você vezes infinito. Ainda não seria suficiente.

Quem sabe de onde vêm as coisas, não é? Quando a gente chegou no parque naquela noite, a fogueira já estava acesa, a gritaria, a festa. A gente estava no banco de trás do carro de alguém, esmagados e se beijando mesmo que tivesse mais uma pessoa, Todd, acho, mas não o Todd que eu conheço, no banco com a gente. Quando o carro parou, tinha algo de admirável à nossa frente no para-brisa, o laranja-claro e as sombras vibrando na frente daquilo como um documentário ridículo sobre o dia que virá quando o sol explodir e a raça humana pendurar as chuteiras. Mas era só o fogo, e as pessoas correndo dele, já bêbadas ou só loucas e frenéticas e livres. O meu rosto devia estar transparecendo que eu achava tudo lindo e maravilhoso.

— Eu disse — você falou. — Eu sabia que você ia gostar.

Você me beijou e eu te deixei pensar, queria concordar, que estava certo.

— Seria uma grande cena de abertura — admiti, olhando para fora. — Queria ter uma câmera.

— Eu te dei uma câmera — você falou.

— O Slaterton gastou dinheiro? — o não-sei-se-era-o-Todd disse. — Tipo, o dinheiro dele, da carteira dele? Esse negócio está ficando sério.

— Já *é* sério — falei, e me deitei sobre você, abri a porta do seu lado, por que não, queria que aquilo se espalhasse por toda a semana como uma pedra fazendo ondas no lago. Até as estrelas estavam lá e era frio, tinha um ângulo de onde a noite fazia vigília e aquele muro de calor da fogueira vinha da outra direção contra a gente. Você se esticou para fora do carro e ouvimos o rugido da festa, todos saudando o cocapitão conquistador. Duas garotas tinham um galgo de pelúcia, um bichão cinzento que só um tio querido daria de presente, e jogaram na fogueira para fazer faíscas e chiar: a mascote inimiga. Os olhos vagos de plástico, à prova de fogo, "me tirem daqui". Mas fizeram mais vivas e as buzinas dos carros que chegavam soaram, e aí, claro, a música aumentou, o rock ridículo tão chato e descarado quanto uma batata gigante. "Adoro essa música", disse o Todd, como se fosse algo incrivelmente corajoso gostar de algo que estava no topo das paradas no rádio, e ele começou a cantar junto, "Tem uma tempestade no meu coração, me diz que a gente nunca vai se separar" etc. Os neandertais que sempre trazem a cerveja tocavam baterias invisíveis. Terrível mas perfeito, tive que admitir, vejo acontecer exatamente a mesma coisa no filme. Você me abraçou e depois me soltou.

— *Não* tira isto — você disse, pondo a mochila no meu ombro. — Não deixa no chão nada que você não queira ver na fogueira. Vou pegar cerveja.

— Você sabe que eu não gosto — falei. Eu já tinha contado que joguei fora a Scarpia's no Dezesseis do Desgosto do Al.

— Min: você não vai *mesmo* querer ficar aqui sem beber — e aí você caiu fora, já que fazia sentido, achava eu. Fiquei um instante pensando "e agora?", e pensei em sentar nuns troncos caídos por ali, como se os colonos houvessem cancelado a construção da cabana de última hora, mas "não deixa no chão nada que você não queira ver na fogueira", lembrei e, bom, as grandes chamas estavam convidativas com a sua luz, inescapável e poderosa. Cheguei perto, ainda mais perto, a câmera que eu via colada no rosto, deixando a luz bruxuleante do fogo fazer um visual legal na minha testa. Procurei nos bolsos algo para queimar. Achei o meu ingresso, o que você tinha deixado para o jogo, ele se foi num segundo. Fiquei olhando, olhando mais, a fogueira tão gloriosa aos meus olhos que até a música começou a parecer boa. Olhei um pouco mais, o meu cérebro tão profundo na fogueira que dei um pulo quando a mão tocou o meu ombro.

— Você está perto demais — disse Jillian Beach, a maldita da sua ex. — É a sua primeira fogueira, né?

— Mais ou menos — falei, sentindo os meus braços se cruzarem.

— A gente sabia — disse a menina que estava com ela. — Sempre acontece, chegar perto demais quando nunca viu. É como se o fogo atraísse as virgens, rá-rá.

As duas estavam olhando de lado para mim. Eu queria cerveja.

— Rá-rá — falei. — É verdade, o meu hímen é extremamente inflamável.

Elas riram, só que nem tanto.

— Ceeeeeerto — a Jillian disse, com aquela curva estranha que ela faz na voz às vezes, arejada mas espinhenta, como uma planta carnívora. — Isso foi meio engraçado, só que meio estranho.

— Sempre acontece — falei, outro filme que eu amo e que você nunca vai ver.

Elas ficaram me olhando. As duas eram mais magras e pelo menos uma delas, a que não era a Jillian, mais bonita.

— Eu me chamo Annette — disse essa.

— Min — falei, puxando a mão de volta quando entendi que a gente não devia se cumprimentar. — Apelido de Minerva, deusa romana da...

— Ceeeeeerto — a Jillian falou daquele jeito de novo. — Primeiro, todo mundo já te conhece, todo mundo já sabe. E, segundo, quando você conhece alguém, não precisa dar o discurso todo, a história do mundo. Só Min já está bom. Depois você entrega o prontuário médico.

— A Jillian está bêbada — a Annette rapidamente completou. — Além disso, tipo, ela e o Ed já namoraram.

— Tipo *na semana passada* — a Jillian disse. — Do jeito que você fala, parece que foi em mil novecentos e oitenta e bolinha.

— Essa é a primeira fogueira dela, desde, sabe — a Annette disse. — Tipo, é difícil para ela.

— Você é que está deixando mais difícil — ela cuspiu.

— *Jillian...*

— Eu nem queria vir falar com ela. *Nem queria.*

— Vou tirá-la daqui — a Annette falou para mim.

— Não preciso da sua ajuda para sair daqui — ela disse, embora o passo meio torto denunciasse a mentira. — Prazer em conhecer, deusa grega do bye-bye.

Ela meneou os dedos, e a cerveja espumou pelos anéis grossos na mão dela, o tipo de joia que não combinava comigo. A Annette chegou mais perto e ficamos vendo a Jillian passar por um jorro de fumaça repentina — acho que o vento mudou.

— Desculpa.

— Não, tudo bem — falei. — Adoro participar de novelas.

— Meio que não teve escolha hoje — a Annette disse. — Quando a Jillian resolve tomar vodca...

— Sei que eu sou meio imbecil com o meu nome — falei para os meus sapatos. — Sei disso faz tempo, mas continuo insistindo. Eu devia parar.

— Não, é legal.

— Não, eu pareço uma idiota.

— Bom, é legal que o seu nome tenha uma história. Eu sou só Annette, tipo uma míni Ann, sabe? Se uma Ann normal é muito cara para você, temos a Ann-*ette*, com desconto.

— Tem a Annette DuBois — falei.

— Ah, é, quem é mesmo?

— Uma estrela do cinema antigo. Você já viu *Chame um táxi*? Ou *A vigia*?

A Annette negou. Alguém jogou umas tábuas na fogueira, mas ainda dava para sentir o cheio de maconha detrás dos arbustos.

— *Chame um táxi* é demais. A Annette DuBois é a despachante, que fica de flerte com todo mundo pelos rádios dos carros. Ela gosta mais do Guy Oncose, mas um dia entra uma atriz no táxi e pede que ele leia um roteiro para ela poder ensaiar uma cena de destruidor de lares, e a Annette DuBois ouve e acha que ele é um cavalo.

— Tipo...?

— *Cavalo*, tipo um babaca. Um cara que é grosseiro com as mulheres.

— Mas todos são — ela deu um longo gole.

— Bom, aí a Annette começa a passar serviços ruins para ele, tipo ir para a zona mais perigosa da cidade, e ela mora com a mãe que é interpretada pela Rose Mondrian, que sempre é sensacional.

— O.k., o.k., eu vou ver.

— Ela é tão linda. Você devia ver, tem esse chapéu que ela usa, a Annette DuBois, acho que, tipo, você ia ficar legal nele.

Ela sorriu para mim, os dentes tão brancos que chegavam a refletir a fogueira.

— Sério?

— Com certeza — falei, e cadê o meu namorado?

— O Ed tem razão sobre você — disse ela. — Você é diferente.

— Das artes — falei. — Eu sei. Posso tomar um pouco da sua?

Ela me passou o copo de plástico.

— Ele nunca disse "das artes".

— O que ele disse?

— Só que era diferente. Ele gosta de você, Min.

Eu tomei um gole, eu gostava de cerveja, odiava cerveja, dei mais um gole.

— Eu não sabia que vocês eram chegados.

— Eu sou, tipo, a única ex com quem ele conversa.

— Ah — falei. Tinha esquecido, se é que eu já soube, mas aí lembrei o que todo mundo sabia e fiquei mordendo os lábios do lado dela, grata que a fogueira fazia todo mundo, não só eu, ficar corada.

— Ah — ela devolveu.

— Desculpa, eu...

— Tudo bem.

— Annette, eu não sabia.

— Claro. Lembra de alguma coisa além de um filme velho agora, hein?

— Desculpa.

— Você já falou isso, e eu já falei que está tudo bem. O baile do primeiro ano passou faz tempo.

— Pois é.

— Pois é — ela disse. — Então a gente mantém contato, o Ed e eu.

— Que bom.

— É o que todo mundo diz. O mínimo que a gente podia fazer, algo assim, ou eu podia. Como se fosse para parecer que não aconteceu, ou aconteceu menos, sei lá. Bom, a gente é legal um com o outro, e ele fala coisas muito legais de você.

— Bom, obrigada.

— Achei que você devia saber — a Annette disse. Os olhos dela brilhavam na noite e a gente ficou em silêncio olhando para a fogueira, e terminei a cerveja em vez de falar algo mais. Fiquei pensando, pensei em tudo. Pensei em *As três noivas*, no qual as três mulheres que se casaram com o mesmo homem se encontram por acaso e aí gritam umas com as outras e aí planejam o assassinato dele e aí — mal resolvido no filme, o Al bufando de desdém — elas o perdoam e se dão as mãos nos créditos. O clube das ex, pensei, seção Ed Slaterton; uma hora tenho que me filiar, pensei nisso agora, não é como se a gente fosse durar para sempre. Tipo, quem é que ia pensar isto, *para sempre*? Só uma tolinha que não entende das coisas. Lembrei que só aceno para o Joe quando o vejo no corredor, que isso não pode contar como ainda conversar com ele, quanto mais continuar sendo amigos como prometi que a gente ia ser quando terminou. Mas, acima de tudo, nas chamas e

no barulho do parque, tento juntar as peças de como eu via naquela época e como vejo agora, virando aquilo como um brinquedo nas mãos, como é diferente agora que você, que os seus amigos se foram das minhas sextas-feiras e não há mais fogueiras iluminando os meus olhos no parque e você é só um ex-namorado prestes a ter as suas coisas jogadas na porta. Porque lá, com as tábuas queimando e as faíscas saltando para a lua, você era meu, e os seus amigos, as suas ex, eram como velhas escadas de madeira, não confiáveis e cheias de rangidos estranhos, só posso confiar em alguns degraus e tenho que testar cada um deles para descobrir. Era o mundo em que eu tinha entrado, barulhento com os seus mascotes e sem lugar para deixar as minhas coisas se não quisesse que elas fossem queimadas. Mas antes, não faz muito tempo — a minha rosa do baile ainda viva no espelho, seca, mas não um cadáver —, você era só Ed Slaterton, herói atleta, belíssimo no jornal do colégio e estrela de um milhão de fofocas. Agora a Annette era uma pessoa para mim, bem ali na minha frente, e não só uma *ai-meu-Deus-já-ouviu-essa*, e você era algo mais forte e ardente no meu peito e tentei juntar tudo isso na minha cabeça, a ampliação e o negativo, o namorado e a sombra celebridade, como se a TheodoraSire tivesse sentado do meu lado na aula de história e pego o meu lápis emprestado, mas ainda era uma estrela do cinema em cima da minha cama. Porque quando você saiu das sombras para mim, você era o menino que eu beijava e queria beijar mais, que voltava para me encontrar numa festa como qualquer um faria, mas você também era Ed Slaterton, e não o cavalo que é agora, mas só Ed Slaterton, cocapitão, com uma cerveja na mão e carregando a Jillian Beach pelo braço.

— O.k. — ela dizia. — Viu? Ela está bem. Você pode falar um minutinho comigo sem que a sua preciosa *Minerva* suma.

— Porra, Jillian — a Annette disse.

— Oi — você disse para mim. — Desculpa ter demorado. Peguei uma cerveja para você.

— Já tenho — falei, erguendo o copo vazio.

— Então essa é minha — a Jillian disse, agarrando a sua mão com o copo. Você saiu de perto, Ed, mas não rápido o bastante, então foi a Annette quem teve que resolver.

— Vem — ela disse, já arrastando a Jillian. — Vamos pegar cerveja para nós.

— Eles só dão as melhores pros capitães — ela disse.

— Cocapitão — você disse, imbecil, resposta totalmente errada.

— *Jillian* — a Annette disse. — Te vejo depois, Min.

— *Min* — Jillian, total desprezo. — A bruxinha das artes que veio na fogueira. Quanto tempo será que dura? — Mas a Annette puxou-a de lá como a DorisQuinner a esbravejar no final de *A verdade vai a julgamento*. Joguei fora o copo vazio. Você me deu a cerveja que tinha trazido.

— Me desculpe mesmo — você disse.

— Está tudo bem — foi o que passou pelos meus dentes.

— Sei que você está brava comigo — você disse. — Eu devia ter ficado com você do meu lado. Todo mundo queria me cumprimentar. Sempre fazem isso quando eu ganho.

— Está tudo bem.

— Mas eu queria achar essa surpresa para você, isso que eu fui fazer.

— Surpresa! — falei. — Uma cerveja na fogueira!

— Não isso.

— Surpresa! — falei. — A sua ex-namorada bêbada gritando comigo!

Você fez que não.

— Ela — você disse. — Bom, ela é legal, a Jillian, mas você não pode estar com ciúmes de verdade. Olha só para ela.

— Muita gente acha que ela é linda — falei.

— Isso porque ela já rodou por muita gente — você disse.

— Incluindo *você*.

Você deu de ombros, como se não pudesse evitar, como se ela estivesse bem ali no prato. Mas aí você tirou a outra mão de trás das costas e soltou isto na minha mão, pequeno, pesado, gelado, as suas unhas sujas, os dedos fechados naquilo até que eu erguesse à luz do fogo.

— Um caminhão de brinquedo — falei, mas a verdade que estou te contando é que eu sou uma derretida, já me entregando para você porque aquilo ia acalmar tudo.

— Sei que é meio bobo — você disse. — Mas sempre procuro quando venho aqui. E você, Min, você é a única menina, a única *pessoa*, que ganharia um desses. Sem querer ofender. Espera aí, esquece o que eu falei por último, merda. Mas você é, Min.

Eu não podia, claro que eu não podia *não* sorrir para você.

— Me conta — falei.

Você suspirou e deu de ombros.

— Bom, as crianças perdem por aí. Meninos. Eles trazem aqui, os que mais gostam, para brincar de superengarrafamento ali no muro, na parte que faz a curva perto da areia, sabe? Viu?

Você estava apontando para o breu total, absolutamente nada no escuro. "Viu?" Você disse "superengarrafamento" como se fosse uma coisa de verdade que todo mundo diz, tipo "Segunda Guerra Mundial" e "amor à primeira vista".

— E aí...?

— *E aí* que eu também fazia isso — você disse. — Eu fazia e é claro que também perdia, ou outra criança maior, um valentão,

roubava o meu, ou eu só esquecia enterrado numa pilha de areia. Min, eu sei que é bobo, mas essa foi a minha época mais triste. Eu me debulhava chorando quando notava, implorava para a minha mãe me trazer aqui no meio da noite para procurar. Ninguém entendia, "é só um brinquedo" ou "você já tem um monte de carrinhos" ou "você tem que ter responsabilidade com as suas coisas". Mas eu ficava desnorteado quando os perdia. Então agora eu venho aqui e *sempre*, Min, *sempre* dá para encontrar pelo menos um. E sei que é estranho, ou até maldade, porque eu devia deixá-los ali, mesmo que eles nunca estivessem, claro, quando eu voltava de manhã. Eu ia devolver se pudesse, eu não queria torturar ninguém assim, seja qual for o menino que perdeu. Mas assim é melhor, parece certo. Eu os encontro e procuro, sempre procuro, alguém para entregar, alguém que não ache o Slaterton maluco. Sei que é bobo, como se eu quisesse consertar todos que eu perdi, é bobo...

Eu já estava te beijando, uma mão agarrando com força o caminhãozinho e a outra no seu cabelo, ainda curto e despenteado como o garotinho que você era, chorando nesse mesmo parque. Se eu o beijasse, assim também, tudo ia se ajeitar, a coisa certa a se fazer nessa estranha louca noite de sexta.

— O que você está achando da sua primeira fogueira? — você perguntou no meu ouvido.

— Ficou melhor — falei.

Mais beijos, mais.

— Mas amanhã a gente faz uma minha? — falei. — Pode ser amanhã?

— Uma sua?

Tentando não pensar na Jillian ("Quanto tempo será que dura?"), os meus amigos franzindo o cenho para o queijo torrado.

— Minha vez, minha chance, como você quiser chamar. O meu lado da gangorra. O que *eu* quiser fazer.

— Outro filme?

— Se sobrar tempo, mas com certeza no Bazar Tip Top, lembra? Eu te falei, e você disse que a Joan ia deixar o carro com você.

— Sim. Como você quiser.

— Amanhã.

— Amanhã.

Mais.

— Mas hoje ainda não acabou — você disse.

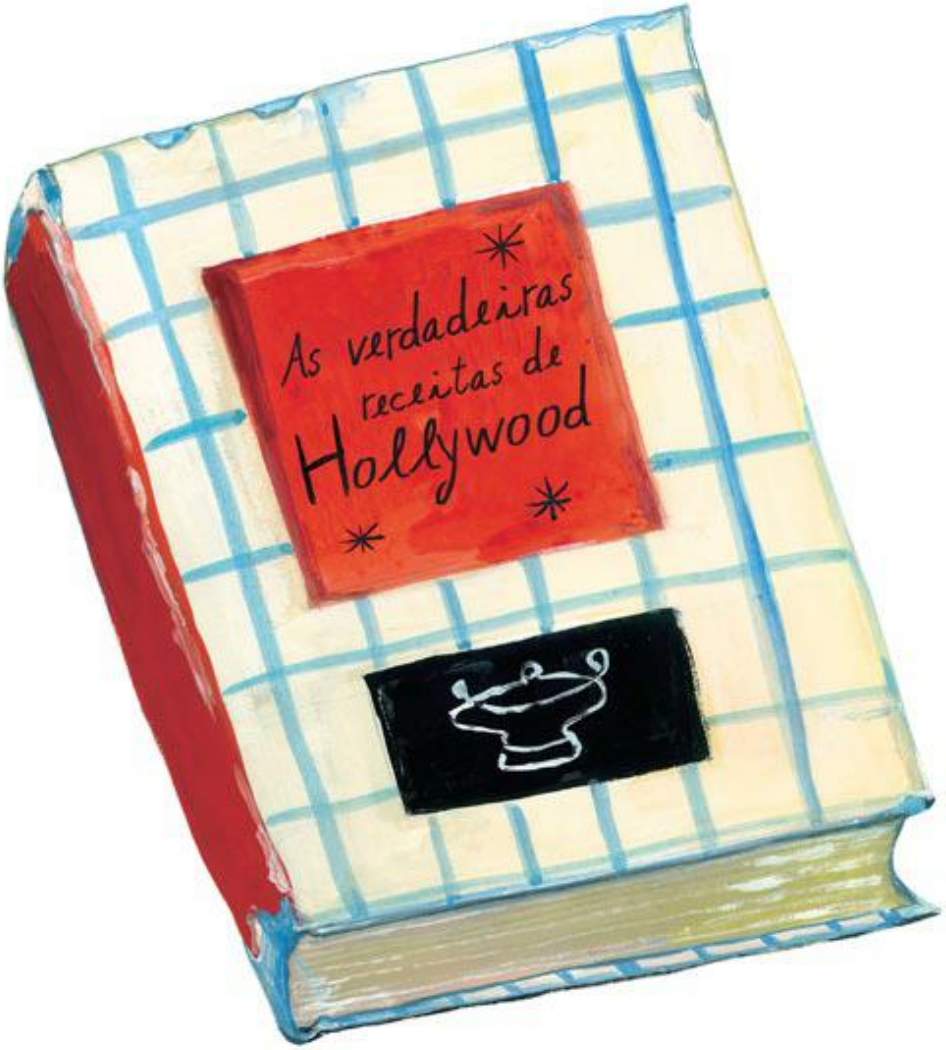
— Sim. O que você...

— Bom, o Steve está de carro.

— A gente já vai embora?

Você me olhou, Ed — *bem nos meus olhos*. "Não", você disse, e eu só fiz um sinal, desconfiada de tudo que a minha boca podia dizer, tomando outro gole. Embora, é claro, ela tenha dito. Fomos para o carro do Steve. Essa é outra coisa em que eu penso, tentando vê-la de lado, tentando juntar duas imagens dela, mas dessa vez sou eu, sou eu que estou tentando entender. Porque se soa tão nojento, nem poder contar para o Al, vencer o grande jogo, levar a virgem para a primeira fogueira, dar uma ou duas cervejas a ela, e aí nós dois no carro de outra pessoa com as suas mãos no meio das minhas pernas, a calça desabotoada e abaixada e os barulhos que eu fiz, antes de finalmente, sem fôlego, fazer você parar. Soa horrível e provavelmente seja verdade, a imagem real, nojenta enquanto eu escrevo, envergonhada. Mas o que estou tentando escrever aqui é a verdade total, sem cortes, como aconteceu, e para ser sincera foi diferente na hora, diferente dessa imagem ruim. Eu vejo você tão carinhoso quando se mexia, a emoção que estava lá conosco sem ninguém saber onde a gente

estava ou o que estávamos fazendo. Era diferente, Ed, e lindo como a gente se movia e se tocava, não só duas crianças dando uns amassos como seria num filme. Até agora é isso que eu tenho que ver, não só os beijos e as roupas e o depois em silêncio, tenso, estranho, se perguntando que horas eram, agradecendo aos deuses por ninguém ter sido cruel de bater na janela. Não só isso, mas as coisas que eu não consigo ver, que não tolero ver, e as coisas que não vi até chegar em casa e acender a luz do banheiro, primeiro para ver o meu reflexo e depois a minha mão estranha com feridas diferentes, esfolada na palma, doída, quase rompendo a pele. Quase consigo senti-las agora, segurando isto, as marcas que ficaram do jeito que a minha mão se apertou, e perder o fôlego, e a alegria louca no banco de trás daquele carro, em volta dessa coisa estranha e emocionante que você me deu e que eu não consigo mais olhar.


As verdadeiras
receitas de
Hollywood

ED, VOCÊ JÁ ASSISTIU — não, é claro que não — *Noite e dia*, aquele filme português de vampiros que o Carnelian ficou passando uma semana inteira? Claro que não assistiu. Eu assisti duas vezes. Uma menina — não conheço os atores, são todos portugueses — tem um emprego tedioso de atendente num troço público e sempre passa por um cemitério na volta para casa. Um dia, ela trabalha até tarde, aí fica escuro. As cenas à noite são em preto e branco. Ela encontra o garoto vampiro, pálido e esbelto, com olhos vidrados e bravos, e tem um período em que ela passa todas as noites com ele e fica os dias com os olhos semicerrados e exausta e pálida e quase é despedida. A sua mãe cega sente alguma coisa errada, um *mal-estar espiritual*, como dizem as legendas no filme. Toca uma música, e a garota sonha o que ele também sonha, chorando no seu túmulo, uma dança diáfana de catolicismo e crânios fazendo parafuso que eu não entendi direito. Aí *ela* é uma vampira, e ele é um jovem com amnésia num hospital que finalmente recebe alta e vai trabalhar de atendente, e o caso entre eles começa de novo até que um dia, anunciado na repartição pública num sonho da mãe cega, acontece um eclipse e termina tudo em tragédia e cinzas. Quando arrastei o Al para poder ver pela segunda vez, ele finalmente disse, quando falei para ele que não tinha como alguém ver *Noite e dia* e não ter opinião formada, ele disse que a opinião dele era que o título devia ser *Trepa-trepa no lusco-fusco*. E é verdade que as cenas de amor têm uma luz estranha, um espaço intermediário enquanto os

personagens colidem e se ajustam ao nevoeiro de sonho de vida. Estava assim, a mesma luz, quando você me buscou às sete no SteamRising, o terceiro na minha lista de cafés preferidos, mas o melhor entre os que ficam perto da minha casa. Os amantes portugueses separam-se pasmos e mordidos, sem saber o que vai acontecer depois, eu também não sabia como seria esse encontro no estranho alvorecer. As ruas estavam em um silêncio de túmulo e a gente tinha feito coisas no carro do Steve e talvez eu tivesse estragado tudo, pensei, sem entender as deixas, sem reparar na fogueira, do mesmo jeito que você deu um tapa nos meus amigos quando escolheu aquilo na jukebox. Ou talvez só estivesse cansada. Estava esperando que fosse funcionar, que ainda estivesse funcionando, mas talvez tivesse mudado desde que você me deixou à uma da manhã. Cansada, só isso, eu pensei, esperando preocupada sob o toldo, a chuva inclemente que não ajudava em nada, e aí corri para o carro da sua irmã quando você estacionou, a sombrinha enfiada debaixo do meu braço porque eu não conseguia segurá-la junto com os nossos cafés.

— Oi — você disse. — Quer dizer, bom-dia.

— Oi — falei. Fiz um sinal com o rosto molhado, tipo "vamos fingir que acabamos de nos beijar".

— Eu não acredito.

— O quê?

— *O quê?* Como é cedo. O que você achou que fosse?

— Bom, esse é o problema do Bazar Tip Top. É um lugar mágico, mas o horário é, tipo, de zumbi. Só sábados, das sete e meia às nove da manhã.

— Então você já foi?

— Só uma vez.

— Com o Al?

— Sim, por quê?

— Nada. É que...

— Que foi?

— Você me deu uma dura ontem, com a Jillian.

— Que estava bêbada e gritando comigo, sim.

— Mas você está sempre falando do Al e eu não posso ficar com ciúmes, só queria dizer isso.

— Ciúmes? Eu nunca saí com o Al. Ele é meu amigo, só amigo. É diferente.

— Tudo bem, não é ciúme, mas só acho isso estranho, é isso que eu quis dizer.

— Porque ele *não é* nem nunca foi meu namorado.

— Se ele não é gay e você sempre andava com ele, é porque ele queria ser. Ou é namorado ou quer ser namorado ou é gay. Só tem essas opções.

— O quê? De onde você tirou isso?

Você me deu um sorriso torto. Comecei a soltar um pouco as mãos das xícaras de café, deixei a sombrinha cair no meu colo.

— Do Colégio Hellman — você disse.

— Bom, não são só essas opções — falei. — Tem amizade também.

— Certo.

— Certo, então...

— O quê?

— O quê... por quê...

— Por que eu estou fazendo isso?

Eu me segurei, quase fechei os olhos.

— É.

Você me deu um sorriso, um suspiro.

— Estou cansado, acho que é isso. É muito cedo.

— O.k., por isso que eu trouxe café.

— Eu não tomo café.

Tive que ficar te encarando por um segundo.

— *Como é?*

Você deu de ombros e girou o volante.

— Nunca fui chegado.

— *Chegado?* Você já *tomou* café?

— Sim.

— Mesmo?

Você parou no sinal amarelo, olhou para o mundo entre as passadas dos limpadores. Tomei um gole do meu. Também era cedo para mim. Eu só tinha tido tempo de tomar banho e rabiscar um "saí" para minha mãe, por sorte eu pensei em escolher as roupas depois que a gente finalmente disse boa-noite e eu fiquei andando pelo quarto pensando em nós dois.

— Não — você enfim disse. — Quer dizer, não muito. Sim, já tomei uns goles. Já provei. Mas eu sempre, tipo, eu nunca gostei, então quando todo mundo está tomando eu... — você suspirou, mostrando os dentes.

— O quê?

— Eu jogo fora.

Sorri para você.

— O quê?

— Nada.

— Você faz isso com a cerveja.

— Eu sei.

— E, pois é, o treinador disse que café faz mal.

— E beber todo fim de semana não.

— Prejudica o crescimento.

— Você está no *time de basquete*.

— E dá para ficar viciado em cafeína.

— É — falei, dando outro gole. — Eles ficam lá debaixo dos viadutos, os cafeinômanos.

— Ah, nem vem! E o gosto é nojento.

— Como é que você sabe? Você cospe. Olha, você não está cansadíssimo?

— Sim, eu já disse.

— Então prova. Creme extra, três colheres de açúcar, do meu jeito.

— O quê? Não. Tem que ser *preto*.

— Mas você acabou de dizer que não toma café.

— Mas isso eu sei. Se não for preto, é para menina ou gay.

— Ed — falei. — Olha para mim.

Você olhou para mim, de barba por fazer, o cabelo só meio penteado, a manhã cinzenta e sarapintada atrás de você, você lindo. Tentei te pôr na linha.

— Pare. Com. Essa. De. Gay.

— Min...

— Vem para o século vinte e um.

— O.k., o.k., vou entrar.

— Principalmente com o Al, o.k.?

— O.k.

— Porque ele não é.

— Certo, eu já falei que está bem.

— E todo mundo diz isso dele.

— Então ele que pare de pôr creme no café.

— *Ed*.

— Está certo, está certo, parei, desculpa, desculpa, desculpa.

— Já é bem complicado sem que você xingue o meu amigo sem parar.

— Min...

— E não, não, não, não diga *sem querer ofender*.

— O que eu queria dizer é... o que é complicado?

— Você sabe.

— Não. Não sei.

— *Isso*. Eu com você, e é tudo diferente. Ir numa fogueira, se sentir a última, e agora você fazer algo que não quer, só por mim. É que nem um filme de vampiro português.

— Hein?

— A gente é *diferente*, Ed.

— É isso que eu sempre digo. E eu sempre digo que gosto. Eu *quero* ir, Min. Mas é que, tipo, dez e meia seria melhor. Só estou cansado, só isso.

— Mesmo?

— É, *mesmo*. Cansado, cansado *mesmo*. Você me deixou acordado até tarde.

Com um *shish*, os seus pneus, os pneus da Joan que você dirigia, passaram numa poça. Sorri para você, amei você, mordi os lábios para não dizer.

— Mas valeu a pena — você disse.

Eu te beijei.

— Essa foi a nossa primeira briga?

Te beijei de novo.

— Você tem um gostinho bom.

Eu ri.

— Bom, isso é café com creme extra e três colheres de açúcar.

— O.k., me dá aqui, se o gosto é esse.

Eu te passei o copo. Você olhou e deu um gole, depois deu outro gole e piscou. Depois, um gole bem grande.

— Eu falei.

— Nossa Senhora.

— Né?

— É...

— Destilado da vida, é o que o Al e eu sempre falamos.

— Porra, é uma delícia, azar que seja palavra de gay, ops, desculpa, sem querer ofender, desculpa de novo. *Delícia! Caracas!* Parece um biscoito, um biscoito que transou com um donut.

— Espera só a cafeína bater.

— Eu vou tomar isso todas as manhãs da minha vida, e vou gritar "A Min estava certa e eu estava errado!" toda vez.

Você gritou mesmo. Será que você ainda diz isso toda manhã, Ed? Quer dizer, eu sei que não, mas espero que lembre disso, mesmo que não faça. Pensa? Não pensa?

— Então — você disse, concordando enquanto eu fazia sinal para dobrar —, você comprou esse destilado de vida para o Al quando o levou nesse lugar maluco?

— *Da* vida. Provavelmente. A gente ficou acordado a noite inteira, é o único jeito de o Al acordar a essa hora.

— O único jeito de acordar *qualquer um*. O que vocês fizeram a noite toda?

— Bom, ele me levou numa orgia.

A sua seta: *pinc, pinc, pinc*.

— Você está brincando, né?

— Eu peguei mais as meninas. Uma pilha de garotas nuas fazendo sexo numa orgia. Claro, sei que você não gosta de pensar nisso, já que é homofóbico.

— O.k., você está brincando.

— E o Al pegou todas as suas namoradas, e todas disseram que ele é muito melhor.

Você me deu um tapinha e eu dei um grito com o pouquinho de café que caiu na minha gola. Manchou e nunca saiu.

— Sabe — você disse —, nunca sei se você está brincando ou se está brava comigo ou o que for.

— Eu sei, Ed.

— Eu não sabia que as meninas, nem ninguém, falava assim. É isso que... é isso que você quis dizer que é complicado?

Passei a mão no seu cabelo. O café estava quente, passando para o meu pescoço. Mas não me preocupei. Você tinha gostado do sabor.

— Eu não quis dizer nada — falei. — Também só estava cansada.

— Mas agora não.

— Não — falei. Mais um gole.

— Nem eu.

— É a cafeína.

Você estacionou o carro e ficou fazendo não com a cabeça.

— Não — você disse. — Ou não é só isso.

— Não?

A sua cabeça continuou negando.

— Acho que é outra coisa.

Era, Ed. Nós atravessamos a rua rapidinho até o Bazar Tip Top, a sombrinha enfiada debaixo do meu braço porque eu não conseguia segurar o café, a sua mão e a sombrinha ao mesmo tempo. Estava aberto, as nove lâmpadas de vitral enfileiradas no banquinho vermelho chinês, alinhadas na janela, cintilando a sua luzinha colorida para nós uma vez, a placa de sempre "BAZAR TIP TOP ABERTO APENAS SÁBADOS 7H30-9H SEM EXCEÇÕES" substituída por "ABERTO, ACREDITE SE QUISER". Dentro era um palácio, Ed, todos os guarda-sóis e animais empalhados no teto, os manequins vestidos como ciganas sentados na cama de ópio escrevendo cartões-postais antigos com canetas-tinteiro caras, os tapetes nas paredes, o papel de parede no chão, o dono viajando no seu narguilé de boina preta, rindo para o nada, e assim que nós entramos, ainda rindo, tinha este volume numa pilha de bandejas de prata, *As verdadeiras receitas*

de Hollywood. Era o destino, era esse o feeling que eu tinha, radiante e sem fôlego por ter aquilo nas mãos. Agora, claro, eu vejo diferente, que não foi o destino, mas foi *fatal*, fatal e errado a gente ter lido a receita e ter ficado entusiasmado, e eu contei para você o meu plano dos sonhos. Lá fora o tempo tinha se aberto, repentino e mágico como um alvorecer vampiresco português com pássaros emplumados e harpias de trilha sonora. Não durou muito, não ficou aberto por muito tempo, e foi por isso que a gente acabou, mas quando fecho este livro para te entregar, não penso nisso, na gente segurando o livro nas mãos para comprar e levar, porque, porra, Ed, não foi por isso que a gente terminou. Eu amo, sinto falta, odeio ter que te devolver, essa coisa complicada, foi por isso que a gente ficou junto.



Lenta, lentamente, delicadamente

O SOL PISCOU para nós e nós piscamos de volta. Lá fora tinha o cheiro de folhas perfeitas, aquele ar límpido, então atravessamos para o Parque BoriasVian e olhamos para os lados. Foi uma coisa mágica, tão cedo que o parque ainda tinha algo de quietude, uma sensação de nada, de estranheza, como em *Com meus dois olhos*, a cena em que o Peter Klay foge dos detetives gêmeos idênticos que o interrogaram e se esconde atrás daquela estátua militar, uma mulher alada num cavalo, e um arbusto começa a se mexer e lenta, lentamente, delicadamente, emerge um unicórnio e sai com toda calma pela grama nebulosa, e a história do filme toma um rumo estranho. Tive esse feeling no Parque Boris Vian, de que qualquer coisa podia acontecer.

Os bancos estavam molhados demais, mesmo depois de você fazer aquela coisa cavalheiresca de sentar e deslizar de um jeito meio ridículo por ele, tentando secar com a sua bundinha linda de jeans, a cafeína do seu primeiro café de verdade sacudindo o seu corpo e me fazendo rir como um bebê vendo bolhas de sabão. Mas mesmo assim eu não sentei, ainda estava úmido demais, então nós encharcamos os sapatos descendo a ladeira até a vasta amplitude de um salgueiro chorão. Foi um feeling. Eu reparti o caminho que nem você faz — *fazia* — às vezes com o meu cabelo, e lá estávamos nós, num cantinho verde seco e protegido da chuva. Entramos ali e sentamos no chão, cheio de folhas secas e grama marrom porque nada passava por aquele lugar, só o sol fazendo penumbra entre os galhos para nos manter seguros e escondidos.

— Uau.

— É — você disse.

— Esse lugar é perfeito e isso aqui é perfeito. É *perfeito*, Ed.

Você olhou para a luz em volta e depois para mim, bem demorado, até eu ficar vermelha.

— É mesmo — você disse. — Agora me diz por quê.

— Você não sabe...? Mas você acabou... a gente acabou de gastar cinquenta e cinco dólares num livro.

— Eu sei — você disse. — Tudo bem.

— Mas você não sabe por quê?

Você ainda estava me olhando, as suas mãos tremendo por causa do café.

— Para deixar você feliz — você disse, bem simples, e de repente eu perdi o fôlego, Ed, com o que você disse. As minhas mãos ficaram sobre o livro, que eu estava doida para abrir, agora congelada com a alegria de te ouvir e não querer que você parasse. — Min, você sabe o que eu costumo fazer essa hora?

— O quê?

— Nos fins de semana, eu quis dizer.

— Nesta hora do sábado, aposto que você costuma dormir.

— Min.

— Não sei.

Você deu de ombros, demorado, como se estivesse me mostrando o que é confusão.

— Nem eu, sabe — você disse. — Um filme, talvez, sair por aí. Passar a noite na varanda de alguém com um barril. E jogos, fogueiras. Não é nada.

— Eu gosto de filmes.

Mas você fez que não.

— Não desse tipo, mas não é isso. Eu não, não sei como dizer. Quando a Annette diz, ela diz "Então essa menina é diferente no quê?", e a resposta é sempre longa, porque é uma longa história.

— Eu sou uma longa história.

— Não de aula de literatura. Eu estava tentando dizer no carro, antes. É que olha só para mim. Eu nunca fui nada, nunca vim num lugar que nem esse com a Jillian, a Amy, a Brianna, a Robin...

— Não precisa citar todo o desfile de loiras e não sei que mais.

— *Não sei que mais* — você olhou para cima, para a árvore, os últimos dois pingos estrelinhas de chuva prestes a evaporar e sumir. — É diferente. Você, Min, deixou tudo diferente para mim. Tudo, que nem o café que me fez provar, melhor do que todos que eu já... Ou os lugares que eu nem sabia que estavam logo ali na rua, sabe? É tipo aquele negócio que eu assisti quando era criança, que o garotinho ouve um barulho debaixo da cama e aí tem uma escada que antes não estava lá, e ele desce por ela, eu sei que é para criança, mas começa a tocar essa música... — os seus olhos estavam viajando na luz da árvore.

— Direção do Martin Gardner — falei baixinho.

— Min, eu gastaria cinquenta e cinco dólares em qualquer coisa para você.

Eu te beijei.

— E pode perguntar para o Trevor, para mim isso é bem importante, dizer uma coisa *dessas*.

De novo, de novo.

— Então me diz, Min, o que foi que eu te comprei?

Eu me arrastei para abrir o livro, *As verdadeiras receitas de Hollywood*.

— Lembra daquelecartazete que você me deu?

— Eu não sei o que é um cartazete.

Coloquei a mão no seu joelho, *sacode, sacode, sacode*.

— Desculpa, é o café.

— Eu sei. Cartazete é aquela foto da Lottie Carson que você pegou no cinema.

— Aquela foto que eu afanei?

— Não são só fotos. No verso às vezes tem coisas sobre a estrela, todos os filmes, prêmios que ganhou, se é que ganhou. E é isso que eu quis dizer, *data de nascimento*.

Você colocou a sua mão sobre a minha, e fomos juntos até a minha perna, que também tremia.

— Não entendi.

— Ed, eu quero fazer uma festa.

— O quê?

— Dia 5 de dezembro a Lottie Carson vai fazer oitenta e nove anos.

Você não disse nada.

— Quero fazer uma festa. Para *ela*. Podemos convidá-la, nós a seguimos até onde ela mora, sabemos o endereço, para mandar o convite.

— Convite — você disse.

— Sim — falei. — Tipo, para convidar.

— Eu nunca fui numa festa dessas.

— Não diz que é gay.

— O.k., mas acho que eu não...

— A gente vai fazer *junto*, Ed. Primeiro a gente tem que decidir onde. A minha mãe odeia fazer festas, e, além disso, tem que ser num lugar que brilhe, sabe, glamoroso. Música é fácil, o Al e eu temos músicas dos anos trinta.

— A Joan também — você sugeriu.

— A gente pode fazer só jazz, e aí todo mundo vai se sentir glamoroso, mesmo que não seja totalmente apropriado. Champagne, se a gente conseguir.

— O Trevor consegue tudo.

— O Trevor faria isso por algo assim?

— Se eu pedir, sim.

— E você pede?

— Para você?

— Para a festa.

— Para essa sua festa, sim. Claro, o.k. E para que é o livro?

— O livro de cinquenta e cinco dólares?

— Sim, o livro de cinquenta e cinco dólares.

Encostei a mão em você.

— O livro de cinquenta e cinco dólares que você comprou para mim?

— Min, eu fico feliz de te comprar coisas, mas para com esse negócio de cinquenta e cinco dólares ou eu vou ter um ataque cardíaco.

— O.k., bom, eu fiquei olhando enquanto você estava de brincadeirinhas com aquela espada de samurai...

— Que era *massa*.

— ...e ele é *perfeito*. Tipo, olha essa família tipográfica que usaram. *Aperitivos*.

— Eu não sei o que é família tipográfica.

— Fonte.

— Ah.

— Então, o livro inteiro tem receitas de estrelas de cinema. E olha onde eu abri, a primeira coisa.

— Parece um iglu.

— E *é* um iglu. É a receita do Will Ringer, o Ovo-Iglu Encubado da Greta, inspirado em *Greta em fuga*.

— É do...

— ...do nosso primeiro encontro, isso. O filme que a gente assistiu.

Você segurou o meu rosto em vez de me beijar. Estava tão parado lá, exceto pelo seu hálito, azedo e cafeinado.

— Então a gente vai fazer essa maluquice?

— Não só — eu falei, e virei mais páginas. — Olha isso.

— Ah.

— É, uau, né? Doces Pensieri de Açúcar Roubado da Lottie Carson. "Estes deleites", diz a paixão cinematográfica da América, "nasceram da necessidade, de ter crescido sem ter um tostão para esfregar no outro." "Minha mãe, abençoada seja, fazia de tudo para nos manter alimentados e felizes, e quando as coisas apertavam ela surrupiava açúcar do clube de bridge da senhora Gunderson. A velha a contratava para fazer a limpeza depois da jogatina, e a minha mãe esvaziava o açucareiro na bolsa, ia até a Santa Bonifácia se confessar e depois fazia uma fornada desses, que nos esperavam tilintando de quentes quando chegávamos da escola. A cobertura é feita de Pensieri, um licor que papaizinho se permitia toda sexta-feira. Que Deus me perdoe — mas o gosto não é o mesmo se o açúcar não for roubado!"

O seu sorriso era perverso e bonitinho.

— Então nós vamos roubar açúcar? — você perguntou.

— Você faria? A gente pode?

— Claro, tem uma lanchonete perto daqui. A Lopsided's. Mas fica naqueles açucareiros gigantes.

Olhei para o outro lado.

— O Brechó Brechô deve ter um casaco, tipo sobretudo, de cinco dólares. Eu compro para *você*, com bolsos bem fundos. Você está mesmo precisando de um casaco novo, Ed. Não pode ficar o dia inteiro nessa jaqueta vestido de jogador de basquete.

— Mas eu *sou* jogador de basquete.

— Mas hoje vai ser ladrão de açúcar.

— A gente rouba o açúcar para fazer os biscoitinhos — contando nos dedos com a sua voz aritmética. — E faz o Trevor conseguir o champagne e você e a Joan e o Al, a música.

— E o iglu — falei.

— E o iglu — você disse. — E a gente decide onde fazer, e manda convites para a estrela do cinema que a gente perseguiu.

— 5 de dezembro. Me diz, *por favor*, que não é dia de jogo.

Você tirou o cabelo do meu rosto. Eu te beijei e parei para olhar a sua boca. Era pequena, não tinha muita certeza de si, mas tinha um sorriso.

— Você sabe que a gente não tem certeza se é ela e que é uma piração... — você disse.

— Mas a gente acha que é, certo?

— Sim.

— Sim. E mesmo que não seja...

— Mesmo que não seja?

— Talvez esta data seja familiar para você. 5 de dezembro.

Você mordeu o lábio, estranho, e soprou para o chão cheio de folhas.

— Min, você já me disse o seu aniversário, eu juro por Deus que quero lembrar, e que é só em...

— É o nosso aniversário de dois meses.

— Hein?

— Vai ser, só isso. Dois meses desde *Greta em...*

— Você já está pensando nessas coisas?

— Sim.

— O tempo todo?

— Não, Ed.

— Mas às vezes sim.

— Às vezes sim.

Você suspirou fundo.

— Eu devia ter dito — me adiantei. — Você... você ficou assustado.

— Eu estou assustado — você disse, caso se lembre, porque algo me diz que você deve ter resolvido lembrar de um jeito diferente. — Eu estou assustado porque não estou assustado.

— É mesmo?

Perdi o fôlego de novo com o seu sorriso.

— Sim.

— Vamos?

— O.k., vamos roubar açúcar. Ah, antes, o casaco.

— Putz, o Brechó Brechô só abre às dez. Aprendi do jeito mais difícil. Vamos ter que esperar.

Aí você me beijou naquele lugar fantástico com confiança, com alegria, sem dar de ombros, voraz, com vontade. "Putz", você falou, e os seus olhos piscaram de encanto fingido, pondo o café o mais longe possível, "o que será que a minha namorada e eu podemos fazer por uma hora e tanto nessa parte escondida do parque?".

O Clark Baker não teria dito melhor. Foi a primeira vez que ficamos os dois nus, as nossas roupas em pilhas separadas e nós sentados juntos, tão juntos que vistos de cima, a luz aquecendo e escorrendo até nós pela brisa eriçante, você pode não saber, não ver, qual mão era de quem onde. Você estava tão maravilhoso nu naquela luz verde e radiante, como uma criatura que não era da Terra, mesmo com algumas manchinhas de lama nas minhas pernas, principalmente depois, o seu peito arfando calmo, calminho, com um pouco de suor, ou talvez só úmido da minha boca, na parte baixa das suas costas, as suas mãos tapando com vergonha entre as pernas até que eu fizesse você se mexer para eu poder ver e começar tudo de novo. E eu, eu nunca me senti tão bela, naquela luz e nos seus braços, quase chorando. Dois últimos

goles do nosso café gelado e nos vestimos para ir, tentando limpar o que era possível, as meias que não queriam desdobrar, o meu sutiã da armação gelada, a minha blusa, o meu casaco. Mas agora eu estava aquecida, pelo sol brilhoso e por tudo, então só fiz uma bola do casaco de lã e o segurei embaixo do braço enquanto saíamos do Parque Boris Vian com o cara no carrinho se perguntando de onde tínhamos saído, e o deixamos no carro da sua irmã o resto do dia, até eu voltar para casa e subir as escadas, berrando de tédio para a minha mãe, e me jogar na cama e ver isto pular de algum lugar no chão, e eu peguei e corei de pensar em como aquilo tinha se misturado com as minhas coisas. Joguei na gaveta, o que quer que seja, e depois na caixa, e agora é você que tem que ficar vermelho e lamentar. Quem sabe é alguma semente, uma fruta, uma vagem, um unicórnio trotando pela grama onde a gente deitou juntos. Eu podia ter posto na água, podia ter cuidado dele e vai saber o que teria virado, o que podia ter acontecido com esta coisa do parque onde eu te amei, Ed, onde eu te amei tanto.


Lord Dashan

E ESTE É O CASACO QUE EU TE COMPREI, tão feliz de ter gastado oito dólares.

— Vamos ver o que dá para esconder nele — você disse, e se encostou em mim, e ficamos rindo enquanto você fechava os botões em volta de nós dois, me beijando encasulada contra você, e você tentou caminhar daquele jeito até o caixa, os passos largos de um vagabundo de teatro, eu te beijando e curvando a cabeça até que achei que os botões fossem estourar, e me soltei para abrir a bolsa e olhar para você, olhar para você, Ed.

Lindo-pra-caralho.

— Você vai usar no colégio?

— Sem chance — você riu.

— *Por favor*. Olha esse estilo. Pode dizer para os outros que fui eu que fiz você usar.

— Depois do crime do açúcar, nunca mais quero ver de novo.

Aí está, Ed. Nem eu.


PARA DEIXAR DE TE OLHAR,
FIQUEI MEXENDO NO
AÇUCAREIRO ATÉ VOCÊ
DETER AS MINHAS
MÃOS COM AS SUAS.

UM POUCO DO AÇÚCAR DERRAMOU e se espalhou pelo fundo da caixa. O oposto do que eu sinto, tudo aqui marcado de açúcar. Mas, vamos combinar, conseguimos sem qualquer empecilho. O Lopsided's nos serviu o café da manhã, frutas e torradas para mim, dois ovos com bacon, salsichas e batatas e uma pilhazinha de panquecas e um suco de laranja grande para você, café com creme extra e três colheres de açúcar do açucareiro na nossa frente. Conversamos um pouco e eu fiquei folheando as receitas, esperando você terminar e limpar a boca, o que enfim eu tive que fazer por minha conta. Aqui e ali eu sentia pedaços de folhas e grama na pele, as minhas roupas apertando-as como uma cerâmica que eu fiz uma vez. No espelho do banheiro vi até uma mancha de pó no meu pescoço, que eu limpei apressada e vermelha, aquele papel-toalha barato tão áspero na pele que fiquei olhando se não tinha me machucado e aí, olhando nos meus próprios olhos, parei um segundo e tentei descobrir, como todas as garotas em todos os espelhos de todos os lugares, a diferença entre namorada e puta. "OBRIGATÓRIO LAVAR AS MÃOS PARA TODOS OS FUNCIONÁRIOS" era a resposta. Voltei para a mesa e os outros clientes nos ignoravam, ou nos olhavam com inveja ou admiração ou desgosto, ou nem tinha outros clientes lá, não sei. Para deixar de te olhar, fiquei mexendo no açucareiro até você deter as minhas mãos com as suas.

— Isso não é tipo visitar a cena do crime?

— O crime ainda não aconteceu — falei.

— Mesmo assim. Talvez seja melhor não chamar atenção para o açúcar que vai sumir.

Fiz uma pausa.

— Eu sou virgem.

Você quase cuspiu suco de laranja.

— O.k.

— Achei melhor te contar.

— O.k.

— Porque eu não falei antes.

— Olha, tudo bem — você cuspiu um pouco. — Tenho vários amigos que são virgens.

— É mesmo?

— Hmm. Não. Acho que não são mais.

— *Todos* os meus amigos são virgens — falei.

— Ah! — você disse. — Tem o Bill Haberly, putz, não era para contar.

— Viu, só o fato de isso ser notável...

— Não, não. Eu já conheci, tipo, várias virgens.

— Que não eram mais virgens depois que você conheceu, é isso que você quer dizer.

Você ficou vermelho.

— Eu não falei isso, não é da sua conta, espera, você está só me zoando, né? Brincadeira?

— Acho que não.

— Olha, é difícil para mim falar dessas coisas do jeito que você consegue.

— Você está surpreso?

— Que você está falando disso, sim.

— Não, que eu sou...

— Sim. Acho. Tipo, você teve um namorado no ano passado, não? Aquele cara, o John.

— Joe.

— É.

— Você sabia disso? — O que eu quis dizer, Ed, foi: você olhava para mim?

— Na real, foi a Annette que me disse. Então acho que fiquei surpreso.

— Bom. Não. A gente não fez.

— Está bem. Tudo bem.

— Mas, tipo, a gente queria. Ou ele queria. A gente queria, eu não tinha certeza.

— Tudo bem.

— É?

— Sim, pensou o quê? Que eu fosse um... cafajeste?

— Não, sei lá. É que, é que é a mesma coisa de novo.

— O quê?

— Eu não tenho certeza, isso.

— Opa, a gente não precisa.

— Não?

— Não — você disse. — Ainda é, tipo, *cedo*, não acha? Não é?

— Para mim, mas você é diferente. Tipo, tem o seu pessoal, as fogueiras e tudo mais.

— Fogueira é só papo. Bom, geralmente.

— O.k.

— Espera aí, você está dizendo que a gente — no parque ou, sabe, ontem —, você não queria...?

— Não, não.

— Não? Você não...?

— *Não* — falei. — *Sim*. Eu só queria falar isso que eu falei.

— O.k.

— Porque eu nunca fiz, como eu disse.

— O.k. — você disse, mas sabia que não era a coisa certa. Você tentou: — Obrigado?

E eu quase disse eu te amo. Mas não falei nada e você não falou nada. A garçonete nos serviu novamente e deixou a conta. A gente dividiu e então, com a pilha de notas na bandejinha, nos olhamos. Talvez você só estivesse elétrico e de barriga cheia, mas eu estava... *feliz*. Agradecida, acho, e leve. Até amável, aquele café novinho me fazendo tremer por dentro. E quase falei de novo. Mas...

— *Agora*.

— O quê?

Eu me dobrei para a frente, a sua testa quente contra a minha.

— O açúcar — falei baixinho. — *Agora*.

Mas você já tinha pego, Ed.



ESTA É DAQUELAS COISAS, Ed, que você não vai ter nem ideia do que é.

— Essa é nova — a Joan disse quando a gente entrou, mesmo que eu não consiga explicar como ela disse, contente mas com um toque de desconfiada. A cozinha estava cebolenta, Hawk Davies tocando de novo. — Pediram o carro emprestado e voltam antes do horário que costumam acordar. Vocês andam fazendo o quê, contrabando?

Você não respondeu, mas jogou o açúcar no balcão, do lado de uns brincos de argola, pelo menos pareciam ser isso, que estavam ali secando ou esfriando.

— E esse casaco? — a Joan perguntou. — Bem...

— A Min que me deu.

— ...elegante.

— Se safou, mana. Preciso de um banho. Já volto.

— A sua toalha — ela gritou quando você já estava subindo. — Está no mesmo chão que você deixou depois do banho quatro horas atrás, *na hora que me acordou*!

— Você sabe o que você não é — você respondeu no meio de um bocejo. Ouvi a porta bater. A Joan olhou para mim, tirou o cabelo dos olhos e a gente te ouviu ligando o chuveiro lá em cima. Eu, aqui, de novo, era isso que eu estava pensando.

— E você, Min? — ela perguntou. — *Também* precisa tomar banho?

— Não, eu estou legal — falei. Tinha uma vibração na cozinha, Ed, lá onde você me deixou sozinha, que eu não estava captando.

— É mesmo? — ela ficou pensativa. — Você sempre fica aí que nem um coelho arregalado quando ele sobe. Qual é, pode me dizer o que está pensando.

Eu me encostei no balcão. Anéis de cebola, era isso, e a Joan garfava um por um para misturar numa grande tigela de macarrão, manjericão, tofu.

— Vermicelli? — ela me ofereceu.

— A gente estava no Lopsided's.

— Entendi. Sair sem pagar não é meio coisa de calouro?

Eu mostrei o livro e comecei a explicar. A sua irmã ficou mastigando e olhando por cima do meu ombro, inclinando um pouquinho a cabeça quando queria que eu virasse a página porque estava com os dedos melados de limonada. Ela não dizia nada, só ficava picando aquilo que sei lá se era almoço ou café da manhã dela, então eu ficava contando tudo — da Lottie Carson, de *Greta em fuga*, dos oitenta e nove anos. Os olhos dela se arregalaram, e ela dava longas piscadas, mas sem dizer nada, então eu ia contando tudo, Ed, tudo com exceção dos nossos dois meses e dos cinquenta e cinco dólares.

— Uau — ela disse, enfim.

— Legal, né?

— Eu preciso te emprestar os meus livros de cinema — ela disse, e pôs a tigela na pia.

— Eu ia gostar. E do Hawk Davies também.

— Gostei da sua cabecinha — disse a Joan, e então me olhou muito séria, esperando alguma coisa.

— Obrigada? — falei.

— E o meu irmão — ela fez sinal com a cabeça para a escada. — Ele vai te ajudar a fazer essa comida chique para o aniversário de uma estrela de cinema?

— Você acha que é... — falei. — Sei lá.

Ela pegou dois damascos e me deu um.

— Acho que é o quê? — disse ela, gentil. — Maluquice?

— Possível, eu ia dizer possível. Realizável.

Ela suspirou. O damasco tinha bastante suco, e aí eu soltei o livro, aberto no sorriso da Lottie Carson, e limpei as mãos.

— Pode ser complicado, Min.

— Pois é, o iglu é uma loucura, né? Tipo, onde é que se consegue...

Ela falou que não era por aquilo, e aquela cozinha ficou com uma sensação tão estranha que só eu continuei, falando sem parar, e joguei o caroço no lixo. Foi um feeling, mas não sabia por quê.

— Os biscoitos parecem mais fáceis.

O chuveiro desligou. Ela deu outro suspiro e olhou a receita.

— É, bem rápidos. Onde é que você vai conseguir, como é que é mesmo, Pensieri?

— Tenho um plano — falei, os meus ombros apontando para o teto onde você estava se secando. — Vou dar um jeito.

— Quem sabe hoje? — ela disse. — O Ed não te falou? Ele não pode sair hoje, porque tem um troço de família.

— Não falou. Me conta.

Hawk Davies parou.

— É... — ela disse, cuidadosa. — É bem coisa dele não te contar — e eu não sabia o que era aquele meu feeling. Ela estava me olhando de um jeito gentil, acho, como se eu tivesse usado uma palavra errada e ela ficou com medo de me avisar, ou como se fosse eu a estrela do basquete e o irmão dela o virgem lá no quarto, como se ela tivesse que proteger alguma coisa. A minha mão estava suada, os meus olhos doíam.

— É para eu ir embora? — consegui dizer.

A Joan suspirou e tocou no meu ombro.

— Não fala assim, Min. A gente só tem esse negócio, esse troço da família hoje de noite. A gente tem que se arrumar logo mais — fazendo barulho, ela enfiou umas coisas na lava-louças, empurrou com a pantufa para fechar, pegou uma esponja azul-clara. Lembro que ela ficou surpresa de a gente ter voltado tão cedo. E agora já tinha ficado tarde. — Mas você deve estar cansada, né? Ficou acordada até tarde que nem ele.

Será que era isso, foi o que eu pensei. Porque eu não tinha deixado você dormir? Mas ela não disse mais nada.

— Deixa só eu dar tchau para ele — falei, e ela disse "Claro, claro" e eu subi a escada, notei que as almofadas da sala tinham voltado para o sofá. A porta da sua mãe fechada de novo, como sempre. O seu quarto que eu só tinha visto alguns minutos, o closet feio, os jogadores na parede, uma prateleira de livros presenteados por gente que não sabia, ou sabia mas tinha uma esperança, que você nunca ia ler. O transferidor, outra dessas coisas de CDF e não sei que mais, na mesa também feia, lotada de porcaria e prato sujo. O rádio baixinho, as cortinas abaixadas, cheiro, muito cheiro de suor, meio nojento mas nem tanto, o que que eu tenho, totalmente nojento, não.

Você estava tão perfeito na cama que no início achei que era de brincadeira, fingindo-se de morto, enrolado na toalha que estava se abrindo, a perna dobrada no joelho e o braço em cima do rosto como se estivesse escondendo um sorriso. Mas aí você roncou de um jeito que ninguém faz quando quer fingir, e eu fiquei na porta te vendo dormir. Fiquei esperando só para te ver naquela paz, queria ficar do seu lado, queria que você acordasse devagarzinho ou assustado, ou só ficasse meio acordado e se virasse e voltasse a dormir ou falasse o meu nome dormindo. Eu queria ficar te olhando para sempre, ou dormir do seu lado para sempre, ou dormir para sempre e você ia acordar e ficar me

olhando, qualquer coisa assim para sempre. Eu queria te beijar, mexer no seu cabelo, deixar três dedos na sua bacia, lisinha, quentinha, te acordar ou te fazer dormir. Te ver descansando nu, jogar um cobertor sobre você, não tem tinta nem papel suficiente nesse mundo para dizer tudo que eu queria. Mas eu não podia ficar muito tempo, então só desci e a Joan estava me esperando com um sorriso carinhoso.

— Dormiu — falei.

— Você cansou o Ed com essas suas aventuras — ela disse, me passando o açúcar e os livros. — Até logo, Min.

— Eu não deixei um bilhete nem nada para ele.

— Que bom — ela disse, soltando uma bufada. — Ele odeia ler.

— Mas diz para ele me ligar.

— Eu digo.

— Fica com o açúcar.

— Não, Min, pode levar. Se não *eu* vou acabar cozinhando com ele e você vai ter que roubar mais e vai acabar em cana e aí vai ser culpa minha.

Aquilo me fez sorrir, "em cana".

— Mas você ia lá me salvar, né? — falei. — Você emprestava o carro para o Ed, para eu fugir? Ah, espera aí, o meu casaco ficou no carro.

Saímos juntas na garoa e ela abriu o carro e me passou o casaco. Fiquei com uma pilha bem grande de coisas nas mãos, longe de casa e sem ninguém para me ajudar a carregar.

— Até mais, Min.

— Tchau — falei. Era estranho e era molhado, com todo aquele fardo, a Joan já tinha voltado correndo para a porta dos fundos. — Obrigada pelo livro — por mais que eu quisesse dizer, sei lá por quê, "Desculpa".

Ela fechou a porta. Sozinha no ônibus, todos os meus bens no assento do lado como um inventário, o livro de receitas mais caro que agora eu olho e não acho tão encantador. E achei apertada na minha mão essa toalha, o óleo dos anéis de cebola em círculos permanentes no tecido. Fiquei com ela em vez de devolver para a Joan na outra vez que fosse lá, porque... eu não sei por quê. Cada uma dessas coisas que ela fez esperando pelo irmão, crocantes e no ponto, o máximo que dá, eu vi. Essa vida elegante dela, o jeito que ela cuidava das pessoas de casa. E aquelas marcas na toalha que fiquei olhando na volta para casa e fui me sentar com a minha mãe, amigas pelo menos uma vez, chá Earl Grey, torradinhas. Queria chorar um pouquinho, dobrando a toalha para colocar na caixa, sem saber se aqueles círculos eram bolas, uma boca rindo, uma lua cheia, uma bolha subindo, ou só o que eu vejo agora, um quadro de zeros em tinta invisível de cozinha. Achei que fosse uma coisa mas era outra, era zero, zero, zero, sozinha no ônibus, enquanto você dormia no quarto e eu tive que ir embora, e foi por isso que a gente acabou.



E O MEU GUARDA-CHUVA, que perdi naquele dia, onde está? Sei que eu estava com ele de manhã. Me devolva, Ed, se estiver com você, fico perdida sem ele nos dias de chuva, mesmo que agora seja dezembro, então dizem que não tem mais chuva, tem neve, e guarda-chuva na nevasca é uma coisa ridícula, um cinto de segurança fora do carro, andar de capacete sem bicicleta, como um peixe andando de bicicleta, como é mesmo que dizem? Como o café precisa ser preto, como uma virgem precisa de namorado. Tantas coisas que nunca vou ter de volta.


PENSIERI

MAS AGORA TENHO CERTEZA de que você está se perguntando quanto tempo leva para chegar até a sua casa. Estaria o Al dirigindo o caminhão da loja do pai dele até a Bolívia e aí dando meia-volta, todas estas páginas num trajeto simples, mesmo com o tráfego? A resposta, Ed, é o Leopardi's. Nunca levei você ao Leopardi's, que é o meu café preferido dos preferidos, o melhor, um palácio italiano em ruínas com paredes vermelho vivo em que a tinta está descascando e as fotografias têm moldura torta de homens de pele morena com cabelos arrumados em curvas lustrosas e sorrisos de bom coração que dão para as suas amantes e uma máquina de espresso que parece um castelo de cientista louco, cintilando e fazendo vapor que esguicha para todos os lados, arqueando-se num ninho metálico retorcido sob um águia de latão séria empoleirada como se estivesse procurando a presa. É preciso essa máquina inteira, com os indicadores e travas e uma pilha de toalhinhas brancas quadradas que os funcionários usam com habilidade, para fazer xicarazinhas-inhas de café de um negro profundo como os três primeiros filmes de Malero, que deixam o mundo anguloso e tremeluzente. Diabos, como eu amo esse café. Se eu puser creme extra, três colheres de açúcar, a águia vai vir voando e enfiar as garras na minha garganta antes de eu dar um gole, mas sabe o que mais, Ed? Essa não é toda a magia desse lugar, o encanto do Leopardi's da primeira vez que o Al me mostrou quando o primo dele trabalhava lá e a gente estava na oitava série. É o silêncio total da sala de pé-direito alto, a meditação que não é interrompida por nada além das nuvens

sibilantes de vapor e as moedas balançando no caixa. Eles te deixam em paz, te deixam resmungando ou rindo ou lendo ou discutindo ou não sei que mais no canto em que você estiver. Eles não limpam a sua mesa, eles não limpam a garganta, eles não dizem uma única palavra a você além de "*prego*", de nada, se você disser obrigado, "*grazie*". Eles não notam ou fingem que não notam, mesmo quando você termina os últimos pingos do café e aí bate a xícara na mesa por conta de uma coisa que o seu namorado fez, só de pensar naquilo. Você pode quebrar o pires ao meio, mas eles não dizem nada. Para eles, no Leopardi's, já existem problemas demais. Eles deviam ensinar a minha mãe, a mãe de todo mundo, a como deixar os outros em paz. Era o lugar perfeito para o Al me levar, quando estávamos chegando perto da sua casa com esta carta bem longe de estar pronta, arrastando a caixa para cá sem que qualquer homem do Leopardi's, com os seus bigodes e aventais perfeitos, dissesse uma palavra sobre o *tump* da caixa na mesa vizinha ou sobre quanto tempo fiquei aqui escrevendo para você.

Esta é a garrafa de Pensieri. Nunca te falei do Leopardi's, e nunca te falei da noite em que eu consegui o Pensieri, só esta garrafa, você nunca perguntou, enquanto você ia para o seu — rá! — *negócio de família*. Eu nunca te contei. Tem muita coisa, Ed, que eu nunca te contei. Deixa eu contar um pouco.

Era fim de tarde, chega de chá, mãe, chega, quando eu finalmente lavei o Boris Vian Park do meu corpo e sentei no quarto como se não estivesse lá fazia um século, a mochila ainda aberta desde sexta-feira, a faixa do jogo ainda enrolada na escrivaninha. Peguei algumas coisas, ainda de toalha, esfreguei o café da minha gola e a deixei pingando, esperançosa, na trava da cortininha, pus uma música e depois desliguei, não tinha o som certo, Hawk Davies era tudo que eu queria e não tinha. Então fiz

o que tinha vergonha de fazer, que era pegar o telefone e ligar para o Al, me joguei na cama enquanto chamava, abri *Quando apagam as luzes*: *pequena história ilustrada do cinema*.

— Alô?

— "Se existe filme com mais elegância e golpes de imaginação mais profundos sobre as verdades queridas e cruéis do coração humano, ele ainda está para ser descoberto por este humilde crítico."

O suspiro do Al crepitou pelo telefone.

— Oi, Min.

— "*Dois pares de sapatos*, gentilmente ignorado na época do lançamento, depreciado e por vezes até negado por seu diretor, aos poucos vem emergindo como uma ilha vulcânica que se ergue do oceano para tomar seu merecido lugar entre os marcos no horizonte da história do cinema."

— Por favor, me diz que você está lendo de algum lugar, porque, se não, é passar dos limites até para você.

— *Quando apagam as luzes*: *pequena história ilustrada do cinema*. Vamos assistir hoje.

— Hein?

— *Dois pares de sapatos*. Eu passo na Ribalta e pego. Você só precisa fazer pipoca e vestir calças.

O Al uma vez me disse, tarde da noite, que, na maioria das vezes, quando a gente está no telefone, ele fica andando pelo quarto de cueca. Fizemos um acordo numa manhã cedo, quando ele não conseguia prestar atenção, que eu nunca contaria para ninguém se pudesse tirar sarro dele impiedosamente e para sempre.

— Min, você sabe que horas são?

— Quatro e meia.

— Cinco e quinze — ele disse. — *De sábado*. Você está me ligando para fazer planos para sábado à noite e o sábado à noite já começou.

— Não seja o resmungão que você é às vezes.

— Eu não gosto quando você acha que eu não tenho nada para fazer. Não fico me lastimando por aí quando você sai para namorar os seus namorados.

O Al às vezes fica assim, outra palavra do nosso jogo de vocabulário, "petulante". Mas eu aguento.

— Al, *sou eu* que não tenho planos. Vamos assistir um filme ou por favor, por favor, deixa eu ir junto aonde quer que você tenha que ir.

— O que o Ed fez?

— O quê?

— O que ele te fez?

O meu corpo ruborizou um pouco lembrando do salgueiro chorão. Nunca digo para o Al que geralmente estou falando com ele só de toalha.

— Nada, é que ele tem um negócio de família.

— Você me disse que ia ter um fim de semana agitado.

— Al, *por favor*. Eu não tenho nada. Qualquer coisa que você for fazer, me leva junto. Show de *monstertruck*, fazer o balanço para o seu pai, dar uns pegas na Christine Edelman, *qualquer coisa*.

Daquela ele riu. Você provavelmente nunca deve ter notado a Christine Edelman, ela está na nossa aula de literatura e parece uma lutadora profissional.

— Não tenho nada — o Al admitiu. — Não tenho nada, sou o fracassado de sempre.

— Você só queria me fazer sofrer.

— E qual é o sentido da amizade? — ele disse, a nossa versão de *Para que servem os amigos*?

— Legal, eu levo o filme.

— Eu levo a Christine pelos fundos.

— *Eca*.

— Que foi, acha que eu estou de cueca?

— *Eca*.

Eu nunca te contei isso, Ed. Você nunca perguntou o que eu fiz naquela noite ou como eu consegui o Pensieri. Eu nunca te contei que o Al tinha não só pipoca, mas também polenta com costeletas de cordeiro e aspargos prontos para cozinhar caso eu não tivesse jantado, e eu não tinha, e uma manchinha, só uma manchinha perto do ouvido, de creme, como se ele tivesse acabado de se barbear minutos antes. Eu estava com o filme e as roupas feias.

— Ei — falei, entrando. — O que é isso?

— Mark Clime — eledisse. — *Live at the blue room*. É da minha mãe.

— Gostei. Parece... Já te falei desse cara que eu ando ouvindo, Hawk Davies? Gostei bastante.

O Al me deu um sorriso esquisito.

— Sim, você me falou, Min.

— Ah, claro. A irmã do Ed...

— A Joan.

— A Joan, ela que me disse. Ela vai me emprestar, disse que vai, em breve. Eu copio para você.

— O.k. Então, como foi o jogo dele?

— Hein?

— O basquete. Que o seu namorado joga.

— Ah, sei, sei. Foi legal, até.

— É mesmo? — o Al estava fazendo aquilo que a gente gosta, misturando menta e um xarope de limão italiano, que vem numa garrafa redonda em forma de limão, no fundo de um copo alto, depois coloca gelo e uma água com gás italiana importada que os pais dele têm em casa na mesma proporção que as outras pessoas têm leite.

— Bom, não — falei. Putz, como era bom. A gente nunca decidiu o nome daquilo. — Foi chato e barulhento. Eu posso ficar te contando, né?

— Você pode me contar tudo.

— Bom, foi chato. Mas o Ed foi legal, e até a fogueira, e depois, foi legal.

— Depois?

— Hã — falei, e dei um gole demorado, o gelo batendo um pouquinho no meu nariz. Eu tinha uma pergunta na cabeça que não cabia ali, uma pergunta sobre você, Ed. O Al tinha acabado de falar "Você pode me contar tudo", e estava me esperando dizer alguma coisa, abrindo o forno para olhar a comida, sem motivo, o cordeiro e o aspargo esperando nas travessas com as luzes ligadas. Mas eu não consegui perguntar. Eu não podia viver a vida daqueles diretores japoneses que podem passar um tempão mostrando uma flor na tela, um pingo de água numa mesa preta que não vai para lugar nenhum, uma teia de aranha à luz da lua que não tem nada a ver com a trama, a imagem lá por nenhum motivo além do fato de eles terem gostado, e gostaram porque ela não se encaixa. A minha pergunta não tinha lugar na cozinha fiel do Al enquanto o meu amigo limpava a mão na toalha presa no cinto como sempre, então só olhei para baixo, para os pés dele, de olhos fechados como se eu amasse a música, até que o Al me perguntou se eu estava bem, e eu abri os olhos alegre, alegre,

alegremente e disse sim, claro, tudo bem. Pegamos os pratos e nos sentamos para assistir.

A menina conhece o menino, Ed, e aí tudo muda, pelo menos é isso que ela diz. Ela caminha pela rua e as vitrines parecem as mesmas, mesmo enquanto nos detemos nos reflexos trêmulos. Os carros andam rápido, devagar, rápido pela quadra. Ela pega um café e diz que o gosto é diferente, em silêncio, consigo mesma. O céu parece triste, ela diz, mas ela não está triste. Chove e ela vê o menino de novo. O telefone toca — é mais um dia, ou o mesmo dia, quem pode dizer? A garota pensa com o seu café, quando o mundo inteiro mudou? Ela toma mais um café, os carros passam, refletidos na janela. O mundo, ela pensa, mudou.

— Min, eu não estou entendendo nada. Qual é a dessa vitrine que não param de mostrar? Quando vai acontecer alguma coisa?

— Se você não gostou, a gente pode parar.

— Ainda não tenho opinião formada.

— *Aí.*

— Não tenho! Eu só não entendi, só isso.

— "*Cinémadumoment*", é assim que chamam. Cinema do momento. Você não gostou.

— Não põe a culpa em mim, Min. *Você* não gostou e quer parar, mas está achando estranho por causa desse livro, *Quando fica escuro...*

— *Quando apagam as luzes*. Não é por isso que estou achando estranho.

— Então você está achando estranho pelo mesmo motivo que eu, porque a gente está assistindo essa francesinha só a andar por aí matutando faz quarenta minutos. Olha, os carros passando de novo. Tem certeza que é o filme certo?

— *Dois pares de sapatos.*

— Eu não entendi.

— Você não gostou.

— Não tenho opinião formada.

Parei a porcaria do filme. A gente era assim, Ed, o Al e eu. Você nunca entendeu e eu nunca te contei como era, um "casal de idosos", uma vez a mãe do Al disse isso e riu quando o Al retrucou: "Bom, mamãe, você conhece bem". Eu olhei para ele, nunca te falei isso, Ed, ele empilhando os pratos, a música voltando, fazendo outro treco de limão para mim. Ficou no ar de novo, a minha pergunta, elétrica e pairando à nossa volta mesmo que o Al não soubesse. Eu não sei de onde veio. Dizem, nos panfletos que jogam para gente, dizem para conversar com os pais ou com o padre ou com um professor ou um amigo de confiança. Mas não tem ninguém aceitável na lista, os pais são parte do problema, o professor que vai dizer "Não tenho autorização para conversar com você sobre algumas coisas", e a maioria dos amigos fica só te dedurando para os outros amigos assim como o padre vai me entregar para Deus. Então você fica sozinha, ou com uma única pessoa, o meu amigo Al, para quem jogar essa. E aí você joga para ele, injusta, perdida, sem motivo além do motivo de ter que fazer a pergunta, então perguntei para o meu amigo Al, tola, eu sei, se podia fazer uma pergunta.

— Claro — fazendo barulho com os pratos.

— É meio pessoal.

Ele desligou a água e ficou me olhando no batente com a toalha no ombro.

— Está bem.

— Tipo, não é da minha menstruação nem que os meus pais me batem, mas é pessoal.

— Eu sei, é complicado quando os seus pais te batem *e aí* você menstrua.

— *Al.*

— *Min.*

— É sobre sexo.

A casa dele ficou no silêncio que toda casa fica depois da palavra "sexo", até os músicos de jazz se inclinaram na esperança de ouvir pelos alto-falantes mesmo que continuassem a tocar.

— Cerveja — o Al disse, uma decisão que me surpreendeu. — Eu preciso de uma, você quer cerveja? Tem umas Scarpia's dos meus pais, eles nunca vão descobrir.

— *Al*, você sabe como eu sou com cerveja.

— Eu sei, eu sei — ele se inclinou para a geladeira aberta e tirou uma garrafa, abriu com a toalha, jogou a tampa — estava diferente — na pia. Deu um longo gole.

— Se não quiser falar disso — falei.

— Tudo bem — ele disse, e sentou do meu lado no sofá. A Scarpia's soltou gás, a banda seguiu tocando.

— Não tem ninguém mais para quem eu possa perguntar.

— Está bem.

— Não posso mesmo. E a gente é amigo.

— Sim — disse ele, outro gole.

— Então não vai pirar.

— Está bem.

— Não.

— Está bem, eu disse.

— Porque eu preciso perguntar para alguém.

— Min, está começando a parecer aquele filme, você repetindo, repetindo, repetindo. É só perguntar o que você...

— Eu... — perguntei. — Tem problema em não ser virgem?

O Al se sentou direito e soltou a cerveja na mesinha de centro.

— Então quer dizer que...?

— Não — falei. — Eu ainda sou.

— Porque teria sido rápido.

— Está bem. Acho que você já respondeu.

— Min, eu não quis dizer.

— Não, não, você está certo.

— Só deixa umas *semanas*, sabe?

— Sim. Mas eu *não fiz*. *Não fiz*. Mas você acharia...

— Eu não teria opinião formada, Min.

— Não diz isso. Você disse *rápido*.

— Bom, seria.

— "Rápido" é uma opinião.

— Não, Min — o Al terminou a cerveja mas continuou olhando para ela. — "Rápido" é um adjetivo.

Ficamos um sorrindo para o outro por um tempinho.

— Acho que o que eu queria perguntar...

— Acho que sei o que você queria perguntar. Eu não sei, Min.

— Se tem problema, só isso.

— Se tem problema não ser virgem, *sim*. A maioria das pessoas não é virgem, Min. É por isso que existem pessoas.

— Sim, mas... — eu balançava a perna no sofá. Eu não estava nem aí para essas pessoas. Só me importava com você. — O que você acha — perguntei. — É isso que estou perguntando. Você é homem.

— Sim.

— Então você sabe o que acha disso. Se uma menina, sabe, se vocês dão uns amassos num carro, digamos, ou num parque.

— Nossa, Min. Qual parque?

— Não, não. *Se*. Por exemplo.

— O.k., então que tipo de carro? Porque se foi no novo M-3...

Bati nele com uma almofada.

— O que as pessoas acham?

— As pessoas? — o Al perguntou.

— *Al*. Outras *pessoas*. Você entendeu!

— Outras pessoas pensam outras coisas.

— Eu sei, mas, tipo, um *cara*.

— Tem caras que gostam, eu acho. Claro que gostam. É sexy, né? Tem uns que iam achar coisa pior. E tem gente que ia pensar outras coisas, acho, sei lá, isso é ridículo, Min, eu não tenho opinião formada.

— Não é ridículo. Não para mim, Al, o que eu queria perguntar é, e você?

O Al se levantou, tão calmo, tão cuidadoso, como se tivesse vidro estilhaçado à volta ou como se estivesse com um bebê no colo. Eu era uma imbecil, sim, uma tola, uma idiota. Eu sou uma idiota, Ed, outro motivo pelo qual a gente acabou.

— E eu o quê? — perguntou ele.

— O que você acha? — falei. — E não diz que não tem opinião formada.

O Al olhou pela sala. A música ficou esperando.

— Eu acho, Min, que quando penso em sexo, sabe, quero que seja *bom*. Não *bom*, qual é, mas *certo*. Feliz, não só dando uma por aí. Sabe, não só fazer por fazer. Você tem que amar o cara.

— E eu amo — falei, baixinho. — Eu amo o Ed.

O Al ficou um segundo parado. Calmo, bem calmo, ele suspirou para mim, tipo como se a vida fosse assim mesmo.

— Não quero soar como esse filme que fizeram a gente assistir — ele disse. — Mas, Min, como você vai saber se não é só...

— Eu sei o que você acha que é. Mas ele não é assim.

O Al fez que não com a cabeça, bem enfático.

— Eu não tenho opinião formada sobre ele. É só que, me diz alguma coisa, Min, se quiser me dizer. Você ama o cara.

— Sim.

— E já contou para ele?

— Acho que ele sabe.

— Então não contou. E ele disse alguma coisa.

— Não, Al.

— Então como você sabe se... como sabe se ele...

Eu contei para ele. Nunca contei para você, mas contei para o Al os nossos planos, as coisas que estávamos planejando para a estrela que tínhamos seguido. Eu não estava com o livro de receitas nem o cartazete... mas ele ouviu do açúcar que a gente roubou, do casaco que eu comprei para você, das receitas perfeitas para a festa. O Al não queria gostar daquilo, não queria ficar empolgado, mas não teve como evitar.

— Tenho quase certeza que sei onde conseguir essas coisas de ovo — ele disse.

— Já sei, na VintageKitchen. Também pensei nisso. Quantos você acha que a gente ia precisar para fazer o iglu?

— Pode sair caro — ele disse. — Se você me mostrar a receita que achou... Não acredito que você levou o Ed Slaterton no Bazar Tip Top. Não tem mais nada sagrado nesse mundo?

— Se você gostasse de acordar cedo — falei.

— Não põe a culpa em mim. E *quando* é mesmo essa festa?

— 5 de dezembro, Al, porque, posso te dizer também que dia é? São dois meses de aniversário, meu e do Ed.

O Al me olhou de novo.

— Você não falou isso para ele também, né? *Por favor*, me diz que não. Porque tem uma coisa de homem que posso dizer com certeza é que eles... *nós* não gostamos de ouvir esse tipo de coisa,

tão cedo, tão *rápido*. Não diga dois meses de aniversário para um cara.

— Eu falei — disse — e ele gostou. — *Imbecil*.

O Al piscou para mim, demoradamente.

— Então deve ser amor — ele disse.

— Acho que é. Mas, Al, o que você acha?

— Acho que não quero perder essa festa. Você acha que ela vai mesmo? Quer dizer, se for ela. Provavelmente...

— Se a convidarmos direito. E se for ela. Mas o negócio é o seguinte, Al, você é a nossa única chance de conseguir Pensieri.

— Hein?

— Para os biscoitos. Você tem isso na loja, né? É diferente e é italiano.

— Então *tudo* nos sei-lá-o-quê de açúcar roubado vai ser roubado?

— Bom...

— Porque não tem jeito do meu pai nos dar uma garrafa disso. Custa uns setenta e tantos dólares, é feita com ameixas bebês raras e tal.

— Você já tomou?

— Se tivesse tomado, Min — o Al disse, gentil e suspirando —, teria sido com você. A única.

— Então você consegue para mim? Para nós?

O Al olhou no relógio.

— Agora seria uma boa hora, na verdade. A gente pega o caminhão, eu tenho as chaves.

— Você não vai se encrencar?

— Nem, sou eu que faço o controle. Nunca vão notar, ninguém compra aquilo.

— Obrigada, Al.

— Não tem de quê.

— Não — falei. — Eu quis dizer *obrigada*. Por hoje, por tudo.

O Al suspirou de novo.

— Qual é — ele disse — o sentido da amizade?

Ed, eu vou te contar o sentido da amizade, porque nós nunca fomos amigos. O sentido é sair correndo pela noite, esse é o sentido. Com as janelas abaixadas, deixando a umidade da chuva bater no rosto até chegar na loja. O sentido é a conversa boa, não a conversa que a gente teve quando chegou lá. O sentido é a briguinha divertida sobre qual o melhor filme de assalto enquanto nos enfiávamos na loja e a resposta hilária para encerrar, *Gata Gatinha e seu gatuno*, que a gente assistiu juntos na segunda série, aquela capa malfeita da Gatinha, a voz britânica do vilão Wiley Canil, a música tema, "*Gata Gatinha, Gata Gatinha, capa, botas e um chapeuzinho, tem sete vidas, pega os bandidos, e depois vai tomar um leitinho*", cantando pelos corredores escuros da loja, as sombras de garrafas esquisitas pelo caminho, as formas importadas de óleos e trufados e não sei que mais e caixas arranha-céus de macarrão, salames pendurados como morcegos dormindo de cabeça para baixo perto do caixa, as faixas neon verde-vermelho-branco no relógio reluzindo na foto do Al bebê, grande e esmaecida, na parede. Este é o sentido da amizade, Ed: o Al descendo pela escadinha, inclinando-se até chegar tão perto, pensei, temi por um instante, que fosse me beijar, jogando essa garrafa fria e poeirenta nas minhas mãos.

— Obrigada, obrigada, obrigada.

Ele fez um gesto para eu parar, mas aí:

— Posso te pedir uma coisa?

— Sim. *Olha esse* rótulo.

— Min, por que a gente nunca conversou assim antes?

— Como assim?

— Bom, você saiu com o Joe quanto tempo? E nunca me perguntou o que os homens pensam.

— Bom, mas o Joe era como você. *Nós.*

— Não, não era. Não como eu, pelo menos.

— Eu achava que você gostava dele.

O Al guardou a escada.

— Min, o Joe era canalha e manipulador.

— Hein?

— Sim.

— Você nunca...

— Agora eu posso dizer.

— Você disse que não tinha opinião formada. Quando a gente acabou, foi isso que você disse.

— Eu sei o que eu disse.

— Bom, você sabe o que está *dizendo*? Eu te *perguntei* uma coisa hoje e agora não sei se posso confiar no que você me disse.

— Hein?

— Não fica assim de "*hein?*". Al, estou saindo com o Ed Slaterton. Acho que eu — eu te falei que amo o Ed e você é o meu melhor amigo e quero saber que você não está *mentindo*.

— Pode parar. Você diz isso depois de eu roubar um licor caro do meu pai para o seu esquema.

— Achei que era o *nosso* esquema. Al, o que você acha do meu namorado? E não vem com essa de "não tenho opinião formada".

— Então não me pergunta. Porque eu não conheço o cara.

— Não mente para mim. Você não gosta dele.

— Eu não conheço o cara.

— Foi porque ele rasgou o cartaz, né? Era só um cartaz, Al.

— *Min.*

— Ou a jukebox na Queijaria, mas não dá para culpá-lo por aquilo, porque vocês, principalmente a Lauren, foram totalmente...

— Min, *não*.

— Então o quê?

— O que o quê?

— O que — falei, firme — você acha dele?

— Não me pergunta.

— Estou perguntando.

E, Ed, eu nunca te contei o que ele disse. Ele não disse que não tinha opinião formada. Ele tinha opinião formada.

Aí a noite foi por água abaixo, e eu nunca te contei, e agora é uma coisa que eu mal consigo pôr em ordem — gritando na frente da loja, derrubando um móbile, o Al insistindo, o jeito que ele fica quando decide que desta vez ele não está, não está, não! Está! Errado! Chorando no ônibus, percebendo que era o ônibus errado, diabos, o Al me ligando no estacionamento, dizendo para eu não me fazer de idiota. Eu, sendo idiota, batendo a porta ao entrar em casa, acordando a minha mãe. O Al pirado e em silêncio, a porta da loja aberta e as luzes acesas para limpar a bagunça. Nada como um filme, nada que eu goste, dizendo para minha mãe imbecil que eu estava com o *Al* e que ela nunca mais ia precisar se preocupar com isso porque nunca mais ia acontecer. Dormindo. Chorando. Jogando as roupas longe, enfiando a garrafa com cuidado na gaveta, a gaveta não fecha, indo pegar uma caixa no porão. Berrando "*Nada!*" para a minha mãe, chorando. Batendo a porta do porão, limpando o nariz. Nunca te contei nada disso. Esvaziando a gaveta na caixa, resmungando alto comigo mesma. Dormindo, chorando de novo, um sonho ruim. E aí o telefone tocou de manhã e era você, Ed.

— Min, tentei te ligar antes.

— Hein?

— Na noite passada. Mas não consegui... só chamava, aí desisti.

— Eu saí com um amigo.

— Ah.

Suspirei.

— Ou talvez...

— A Joan saiu — você parecia rouco. — Ela vai passar o dia fora e a minha mãe está no centro e eu queria conversar com você. Vem aqui?

Juro que eu já estava saindo pela porta antes de desligar e olhando para você. Você parecia destruído, os olhos irados, sem dormir. Coloquei o Pensieri na mesa, mas você nem olhou, fazendo círculos em torno dele como se estivesse na quadra, cozinha-corredor-sala de estar-cozinha, suado. Eu me sentia insana de te ver, cada vislumbre dos seus olhos uma reação, uma nova vitória na minha discussão com o Al, a minha mãe, qualquer um no mundo, todos os mentirosos, todos e todo mundo.

— Olha — você disse —, quero pedir desculpas pelo que a Joan fez. Não acreditei quando eu acordei e você tinha ido embora.

Eu tinha quase esquecido daquilo, quase.

— Tudo bem.

Você deu um tapa numa estante.

— Não, não está tudo bem. Não era para ela ter feito isso.

— Você tinha um negócio de família, tudo bem.

— Rá! — você disse. Não consegui controlar, fiquei rindo. Você me deu um sorriso, surpreso, um sorriso afiado, e disse de novo. — Rá!

— Rá!

— *Rá!* Quer saber qual era o *negócio de família* da Joan? É que ela queria falar comigo, aí ela manda os meus amigos embora. Que porra é essa, negócio de família. É da minha mãe, é dela que a Joan pegou isso, mas não vai funcionar, e ela não é a minha mãe — você parecia assustado por algum motivo, dizendo aquilo, um olhar que eu já tinha visto nos treinos, quando o treinador apitava e você achava que tinha feito uma cagada e que estava encrencado.

— Tudo bem — falei.

— Tipo, ela podia ter esperado, sabe, para falar comigo. Mas claro que não, porque ela *passa o dia fora*! Com a *Andrea*! Mas se é a *minha* namorada, aí pode mandá-la embora porque só podemos conversar naquele exato momento!

— O que ela queria conversar com você?

Você parou de andar e sentou de repente numa cadeira no canto. E aí levantou, meio cômico, como nos filmes de Piko e Filho, exceto pelo fato de que não estava trocando chapéus com ninguém.

— Olha — você disse. — Eu quero te contar uma coisa.

— O.k. — Era sobre a sua mãe, imaginei, e estava errada, Ed, errada e idiota, é isso que eu sou.

— O que ela queria dizer era que com você eu estava sendo... que a gente está indo rápido demais, ela disse. Você contou para ela do negócio da estrela de cinema e ela sabe que eu não sou assim e que com as meninas que eu saía antes era uma coisa. Mas que você era muito inteligente e, tipo, sei lá, *sem experiência*, foi o que ela disse, mas não com essas palavras, entendeu?

— Sim — falei, o meu estômago no chão. Você ia me deixar porque a sua irmã pediu?

— E, está bem, eu sei o que ela quis dizer, mas ela não entende, Min, ela não sabe do que está falando. Ela é toda tão,

tipo, *todo mundo é imbecil*, sabe? O Christian, o Todd, todo mundo que diz bobeira, aí você é de um mundo diferente, como se tivesse caído de uma nave espacial.

Eu tive que falar alguma coisa.

— É — falei. — E aí...?

— E aí eles que se *fodam* — você disse. — Não estou nem aí, sabe?

Senti um sorriso no rosto e lágrimas também.

— Porque, Min, eu *sei*, tá? Eu sei que eu sou imbecil, com esses filmes de bichinha, desculpa, porra, eu sou imbecil nisso também. *Sem querer ofender*. Rá! Mas eu quero, Min. A festa que você quiser, qualquer uma, se não quiser ir na fogueira. O que você quiser, o aniversário de oitenta e nove, mesmo que eu não lembre o nome dela.

— Lottie Carson — eu me aproximei de você, mas você estendeu as mãos, ainda não tinha terminado.

— E eles vão ficar falando, né? Sei que vão, claro que vão. Os seus amigos também devem falar, né?

— *Sim* — falei. Eu estava furiosa, ou furiosa com *alguma coisa*, caminhando com você e esperando para cair nos seus braços que não paravam quietos.

— *Sim* — você disse, um sorrisão. — Vamos ficar juntos, nós dois, eu quero ficar com você. Vamos. *Sim?*

— *Sim.*

— Porque eu não estou nem aí, virgindade, diferente, das artes, festa estranha com bolo ruim, iglu. Só *nós*, Min.

— Sim.

— Que nem todo mundo diz para a gente não ser.

— *Sim!*

— Porque, Min, olha, eu te amo.

Fiquei pasma.

— Não, você não precisa. Eu sei que é loucura, a Joan diz que eu pirei, mas...

— Eu também te amo — falei.

— Não precisa...

— Faz tempo que eu quero — falar. Mas todo mundo diz...

— É — você disse. — Eu também. Mas é verdade.

— Sim. Não interessa o que dizem, palavra nenhuma do que dizem.

— Eu te amo — você disse de novo, e aí você parou e nós fomos lá, rindo e com vontade no sofá com as bocas abertas num beijo demorado, desesperado, caindo no chão, que era duro, *ai*, duro mesmo sem as almofadas. A gente estava rindo. A gente se beijou mais, mas não era confortável no chão.

— O que aconteceu com as almofadas?

— Também foi coisa da Joan — você disse. — Mas que se foda isso e ela que se foda.

Eu ri.

— O que você quer fazer agora, Min?

— Quero provar o Pensieri.

Você piscou.

— Hein?

— O licor para os biscoitos — falei. — Consegui. Quero provar. — Esperava que você não fosse perguntar onde eu consegui, e você não perguntou, então não te contei.

— O licor para os biscoitos — você disse. — O.k. Sim. Cadê?

Fui buscar, sem copos, só torci em cima até abrir, e aquele cheiro estranho e forte entrou no meu rosto, como vinho, mas com algo a mais passando, de ervas ou mineral, estranho e deslumbrante.

— Você primeiro — falei, e te entreguei. Você franziu o cenho para a garrafa, aí sorriu para mim e deu um gole demorado e imediatamente cuspiu na camiseta.

— Caracas! — você berrou. — Que é isso, o que é isso? Parece que alguém matou um figo apimentado. O que tem nisso aqui?

Eu estava rindo demais para responder. Você sorriu e jogou a camiseta longe.

— Não quero nem tocar nisso! Caracas, pingou na minha calça! — Você tentou derramar a garrafa na minha boca berrando, derramou no meu top. Eu dei um guincho e peguei a garrafa, ameaçando jogar Pensieri por toda parte como uma granada, você abriu as calças rindo, senti o licor grudento na pele e larguei a garrafa, tirei a camisa sem desabotoar, o som dela rasgando, o botão que deslizou para debaixo da televisão, arfando no meu sutiã, rindo de você que brigava com a calça jeans. Já assisti *O chamado da selva* na telona, Ed, assisti uma cópia restaurada de *Os acrobatas*. Nunca vi uma coisa tão linda quanto você de cueca como um menininho, depois nu, gritando de rir, o licor fazendo uma marca no seu peito, excitado, olhando para mim na sala de estar. Fiquei com aquele olhar lindo dentro de mim, voltando para casa horas depois, o Pensieri no bolso do casaco que eu te comprei, que você me devolveu porque o tempo tinha piorado e esfriado, me envolvendo naquilo que você nunca mais ia usar, abotoando para esconder o top destruído, voltando para casa pensando no seu rosto nu rindo. Não existia nada igual àquilo. Nem o que você conseguiu fazer comigo depois, sem fôlego e aberto e ansioso depois que eu respondi à sua outra pergunta, paciente com os dedos e a boca tão quente em mim que eu não conseguia separar uma da outra, o que nenhum garoto jamais conseguiu porque nenhum garoto pediu tão doce e tão feliz por

aquilo, por mais medonho e ofegante que fosse, nem isso superou ver você rindo. Nunca te contei, nem depois de contar que eu te amo, todas aquelas vezes naquele dia, nunca te contei como aquilo tinha sido lindo, que nem todo mundo dizia para a gente não ser. Nunca te contei isso, era uma coisa tremenda demais para contar, até hoje, agora, aqui no Leopardi's, chorando, com o meu amigo de volta para mim, só algo para olhar na luz daquela manhã fantástica, você sorrindo e eu sorrindo para você.

— E agora, Min — você me perguntou, sem fôlego. — O que você quer fazer agora? — e agora estou vermelha pelo que eu falei.



E O QUE ERA PERFEITO
SE PERDEU

"INDELÉVEIS" é a palavra que aparece no livro *Quando apagam as luzes*, imagens indeléveis, é isso que não para de aparecer. A máscara de lata do imperador flutuando no turbilhão de água antes de afundar lentamente no preto do *Reino da ira*. O olhar triste e contemplativo da PatriciaOcampo para a diligência que parte em *Os últimos dias de El Paso*. O Paolo Arnold gritando para os céus e cinzelando a Esfinge. As pernas da Bette Madsen, eles também chamam de indeléveis, as aberturas que ela faz em *Essa mulher é uma piada!* com aquelas meias impossíveis, são indeléveis as crianças brincando enquanto o assassino sangra do outro lado da cerca em *O corpo é uma máquina* (*Le corps est une machine*), os discos voadores em *Os discos voadores!*, indeléveis também. Quer dizer que gruda na cabeça, procurei na internet. Eu só tinha ouvido falar de tinta indelével.

Uma coisa indelével que eu tenho é a lembrança de estar na concha acústica do Jardim Bluebeard. Já me vejo: de jeans, o top verde que você disse que gostava mas que agora nem saberia dizer qual é, os meus chinelos pretos da China caindo do pé, o moletom amarrado caindo da cintura porque eu estava suada depois de vir caminhando lá do ônibus. Sentada ali onde tocam as marchas do Quatro de Julho, onde cantores folk longe de serem *cool* vêm cantar de graça sobre superar injustiças, só o cimento cinza gelado na baixa temporada, as folhas mortas e um e outro esquilo apressado. E eu, sentada com as pernas estendidas em V, comendo os pistaches que a sua irmã temperou e pôs numa latinha chique para você. Não foi o que eu vi — não é o que eu podia ter visto —

porque a gente estava junto lá, mas, quando eu vejo, você não está na imagem. Na imagem indelével, eu estou sozinha comendo os pistaches e deixando as cascas em fila perfeita fazendo semicírculos que ficam cada vez menores como parênteses sobre parênteses. É que você estava conferindo os cabos.

— Tem — você disse detrás de uma pilha de lonas — um monte de tomadas aqui.

— Funcionam?

— É para pôr o dedo nelas? Eu tenho certeza que funcionam. Quem ia desligar? Chega de luz e música. O portátil antigo da Joan já deve servir, é feio mas é alto.

— E as luzes?

— A gente tem luzinhas de Natal, mas é um saco de achar. Você tem em algum lugar melhor que o nosso sótão bagunçado?

Esperei.

— Ah, é.

— Pois é.

— Você não tem Natal.

— Eu não tenho Natal.

— Mas tem luzinhas de Hanukkah? — você disse, vindo até mim. — Eles têm. Tipo, é o Festival das Luzes, não é?

— Como é que você sabe?

— Eu li sobre os judeus. Eu queria saber.

— Ah, qual é...

— A Annette me contou — você admitiu, abrindo um pistache. — Mas *ela* eu não sei onde leu.

— Bom, eu não tenho. Eu te ajudo a tirar do sótão. Não são "Natal" *demais*, são?

— Algumas são brancas.

— Perfeito — falei, e estendi mais as pernas. Você estava de pé me olhando, mastigando, contente.

— É mesmo?

— Sim — eu falei.

— E você riu.

— Eu não *ri*.

— Mas você não pensou — depois de dizer isso, você deu uns passos para frente e para trás no palco, atlético e fofo. Era perfeito, o Jardim Bluebeard, decorado com migalhas e esquisito como *Beijos nos bastidores* e *Que venham as trombetas*. Havia cadeiras para a plateia sentar. Espaço para dançar, uma plataforma para a gente colocar a comida. E, passando o palco e os assentos, as lindas estátuas fariam vigília, rígidas e silenciosas. Soldados e políticos, compositores e irlandeses, ao redor do perímetro, furiosos sobre os seus cavalos ou orgulhosos com os seus cajados. Uma tartaruga com o mundo nas costas. Algumas coisas modernas, um triângulo preto e grande, três formas umas sobre as outras, com certeza fazem uma sombra de dar medo à noite. Um chefe apache, enfermeiras da Guerra da Secessão, o homem que descobriu alguma coisa, as heras grossas demais na placa para ler, um tubo de ensaio na mão onde os pássaros haviam cagado, uma prancheta que ele segura de lado. Duas mulheres de toga representando a Arte e a Natureza, quem nos deu foi a nossa cidade irmã em algum lugar na Noruega. Se não convidássemos ninguém, ainda seria uma multidão linda de glamour, o comodoro, a bailarina, o dragão do Ano do Dragão 1916. Eu já tinha vindo aqui quando era criança fazer piquenique, mas o meu pai sempre dizia, ainda o ouço, indelével, era alto demais. Mas sem algazarra era o lugar perfeito, perfeitinho para a festa de aniversário de oitenta e nove anos da Lottie Carson.

— Será que tem policiamento aqui de noite?

— Não.

— Como é que você sabe?

— A Amy e eu, a gente andava por aqui. Ela morava no Lapp, a uma quadra daqui. Dá para ver os leões da varanda.

— Amy?

— Amy Simon. Do segundo ano. Ela se mudou, o pai dela foi transferido. O cara era um babaca, todo cheio de regras e de paranoia. Aí a gente vinha para cá.

— Então não sou a primeira menina que você deixou pelada num parque? — falei, rindo e pensando naquilo. Comecei a jogar as cascas uma por uma na latinha.

Você olhou por cima da curva da concha acústica por um segundo, "seria perfeito se chovesse", você me disse. Tinha pensado em tudo, vinha pensando na festa, sozinho.

— Você foi, na verdade — você disse. — Você foi a única. Mas você não é a única que eu *tentei* deixar pelada num parque.

Ri um pouco, joguei mais umas casquinhas.

— Acho que não posso te culpar pelas tentativas.

— Nenhuma — você disse. — Nenhuma delas fez outra coisa a não ser ficar louca quando eu falava o nome de outra.

— Eu sou diferente, eu sei — falei, meio cansada daquilo.

— Não quis dizer *isso*. É que eu te amo.

Toda vez que você dizia aquilo, era para valer. Não era tipo essas sequências que Hollywood faz usando os mesmos atores e esperando que dê certo de novo. Era tipo um remake, com diretor e equipe novos tentando algo diferente e partindo do zero.

— Eu também te amo.

— Não acredito que é isso que você quer.

— O quê? — falei. — Você?

— Não, eu quis dizer planejar a festa. Achar um parque, é só *mostrar* para você, e você age como se eu tivesse feito alguma coisa.

— Mas você *fez*. *É* alguma coisa.

— Tipo, os meus amigos... a gente compra umas coisinhas imbecis pras namoradas.

— É, eu já vi.

— Ursinho de pelúcia, bombom, até revista. Não diz que é bobo, porque a gente já sabe, todo mundo sabe, mas é assim que a gente faz. O que vocês fazem? Se dão poemas, coisas assim, é? Eu não vou escrever poema.

É verdade, o Joe me escrevia poemas. Uma vez foi um soneto. Aqueles eu devolvi num envelope.

— Eu sei. Isso... eu gosto *disso*, Ed. Esse lugar é perfeito.

— E não posso te comprar flores, porque a gente não brigou de verdade, ainda.

— E eu te falei para nunca me comprar flores — e posso ver você revirando os olhos e sorrindo no palco. Eu sorri de volta, uma idiota que não queria flores, aquela merda de floricultura onde tudo veio abaixo, o motivo de o fundo dessa caixa estar cheio de pétalas de rosa mortas como um altarzinho em estrada onde teve acidente.

— A gente tem que ir?

A gente estava matando aula, mas eu tinha prova.

— A gente tem tempo, um pouquinho.

— Putz — você disse. — O que a minha namorada e eu podemos fazer num parque...

— Não — falei. — Primeiro: muito frio.

Você se abaixou e me deu um longo beijo.

— E segundo?

— Na verdade o único motivo que eu consigo pensar é o primeiro.

As suas mãos se adiantaram.

— Não está *tão* frio — você disse. — A gente não tem que tirar *tudo*.

— Ed...

— Tipo, não dá tanto trabalho.

Eu me soltei dos seus braços, guardei as últimas casquinhas.

— A minha prova — falei.

— Está bem, está bem.

— Mas obrigado por me trazer aqui. Você está certo.

— Eu disse que era perfeito.

— Então para a festa já temos comida...

— Bebida. O Trevor disse que vai conseguir. Mas não pode ser só champanhe, é muito palavra-que-eu-não-posso-dizer.

— Está certo. E o Trevor não vai ser babaca na festa?

— Ah. Eu garanto que vai. Mas não demais, sabe.

— O.k., então comida, bebida, música, luzes. Já temos tudo, com exceção dos convites e da lista de convidados.

— Tudo com exceção de — você disse, com um sorrisinho de malícia. Joguei uma casquinha em você e aí me levantei para pegar. Eu não sabia por quê, não ali. Não havia motivo para deixá-las, aqueles nadas imperceptíveis, mesmo agora parecem nada. Mas tudo mais se foi. "É que eu te amo" se foi, assim como a sua dancinha no palco, e toda a perfeição da festa. Até a festa também já teria ido, se a gente tivesse chegado nela, a música devolvida para a Joan, as luzes devolvidas ao seu sótão, a comida digerida e os drinques vomitados, a Lottie Carson enviada para casa com toda educação e acompanhada pelo seu jardim de esculturas até a porta da frente, tarde da noite, cansada depois de uma adorável comemoração, agradecida e nos chamando de "lindinhos". Tudo se foi, indelével mas invisível, nem tudo, mas *tudo com exceção de*. O sr. Nelson disse que ficou anotado na minha ficha, quinze minutos de atraso em dia de prova, mas isso também se foi, assim como o meu B- e o ensaio que eu ignorei totalmente, e se foi também o motivo do atraso, como eu corri até você e beijei o seu

pescoço e passei a mão em você, sussurrando que *tudo com exceção de* já era bom demais. Não precisamos fazer muito, como você tinha dito. Fizemos um pouquinho, e aquele pouquinho se foi, aqueles vinte e não sei quantos mais minutinhos apressados aonde quer que os atores vão quando o filme termina e ficamos piscando com as luzes das placas de saída, aonde quer que vão os antigos amores quando se mudam com os pais babacas ou olham para o lado quando eu passo por eles no corredor. E aquele feeling, o que foi mais perfeito naquela tarde, de que você estava pensando em mim, que você lembraria desse jardim e que ia me esperar na saída da aula de geometria para a gente gazetear e ver o que você sabia que eu ia amar — esse feeling também se foi para sempre.

Mas elas estão aqui, Ed. Olhe para elas, fazendo peso e de pesar o coração quando abro a lata e as balanço nas mãos doídas de te escrever. Elas ficaram tão indeléveis, Ed, porque todo mundo desapareceu, então pode ficar com elas. Talvez, se for você que ficar com elas, seja eu que fique melhor.


METROPOLITAN
MULTIPLEX
CINEMAS
OS PATETÕES III
R$10,50
ESTUDANTE
mmc
14 anos
3h30
GUARDE O
SEU INGRESSO
BOM
FILME

TEM AQUELA CENA no *Veredicto de lágrimas*, quando o Karl Braughton, de advogado de acusação, joga o buquê de rosas no chão e a câmera vem bem devagarzinho ganhando distância das flores e das hastes, atravessa as folhas e os espinhos, até o laço que as une — eles dizem que é azul-claro, mas o filme é preto e branco —, passa a mesa cheia de livros empilhados do advogado até o chão de parquê, devagar, devagar, se arrastando até o banco das testemunhas. E passamos todo esse tempo ouvindo a AmeliaHardwick a esbravejar de indignação, acusatória, justa, histérica e, enfim, quando a câmera chega nela, a vergonha, a profunda e terrível vergonha de perceber que deve ser verdade. Ela *é* uma assassina. Ela *estava* no coreto naquela tarde calma. A amnésia dela é *real*, não uma armação da sogra. E ela chora aquele choro indefeso até o fim do filme, as evidências irrefutáveis, como uma cortina que se fecha.

Tenho amnésia de *Os patetões III*. Se o Karl Braughton, com os dedões nos suspensórios, me dissesse "Min Green, você jura que nunca viu uma única cena da franquia *Os patetões*?", eu olharia primeiro para os solenes membros do júri e depois para o Sidney Juno — que não está no filme mas é tão lindo que eu o poria lá — e diria "sim", *sim*, eu diria, porque esses filmes são uma merda tão grande que os meus dentes doem só de sentir essas palavras passarem por eles. Mas aqui estão os ingressos jogados no meu rosto nessa caixa de pesar. Pode ficar me vendo rastejar, negar tudo.

O Al só me olhou e disse "*Os patetões III?!*", não acreditando. Eu daria um tapa nele, mas as coisas entre nós ainda estavam delicadas.

Você queria ir, Ed, eu explico para ele, então fomos. Eu ficava olhando para todo o amplo salão do cinema até você me perguntar se eu queria uma burca para que nenhum dos meus amigos palavra-que-você-não-pode-dizer me visse aqui assistindo o meu primeiro filme dos *Patetões*. (Aposto que agora você não para de falar, né, Ed? Gays, gays, *gays*.) Mas é verdade, eu não estava procurando os meus amigos, só queria ver se tinha outra mulher na plateia. E tinha. Era a acompanhante de uma festa de onze anos. Disso eu lembro, mas o filme se perdeu na amnésia, Ed, por conta do que você me falou assim que as luzes apagaram e começou aquele desfile catastrófico de comerciais de carros e faculdades que nem em um milhão de anos o Carnelian passaria antes de um filme mas que o Metro passa sem pestanejar, embora, de um ponto de vista puramente estético eu admita que o da Burly Soda era bem legal. Você virou para mim e, com o jipe turbinado cintilando no seu rosto, disse:

— Quando a gente for comer, me lembra que a gente precisa conversar sobre uma coisa.

— O quê?

— Me lembra quando a gente for comer...

— Não, o que é?

— Bom, tem uma coisa que não tem como evitar no fim de semana que vem e a gente tem que ver o que vai fazer.

Era como se uma espátula gigante tivesse caído e me espatulado ali mesmo. Me sentei achatada, um hambúrguer atordoado e repentino, um pedaço de carne no cinema lotado de meninos. "Não tem como evitar?" A gente fazer sexo? A porra da sua *porra* era o que não tinha como evitar? Eu não tinha como

evitar, no próximo fim de semana? Você passou o braço em volta de mim, eu fiz questão de fechar as pernas, mesmo com o joelho bem perto de você, nervosa e balançando. *Como fazer?* Eu estava furiosa de gaguejar mas também muito outra coisa — submissa, apaixonada por você, *alguma coisa* — para conseguir falar. *Os patetões III* surgiu e eu não vi nada. Nem um único fotograma, senhores do júri, nem uma cena. Se eu fiz beiço vocês haveriam de pensar que foi por causa do filme, então fiquei parada, tentei deixar o cérebro em pausa, pensar em nada etc. Tentei não sentir nada, sentir que você não ia ficar assim alguma hora, que, sendo o Ed Slaterton e tudo mais, seria merecedor da *inevitável* conjunção carnal. Mas o filme, aquele filme testosterona de piadas de doer nas unhas, está apagado e esquecido. E o meu problema agora, o Al olhando para estes ingressos como se tivesse descoberto o meu cartão de sócia da KuKluxKlan, é que não tenho a amnésia que costumava ter. É, você, eu aposto que já esqueceu de tudo isso, no Metro às três e meia, acho que você pagou. E tudo mais, Ed.



— VOCÊ ACHOU QUE ERA *O QUÊ*? — você disse. A gente foi no Lopsided's, de volta à cena do furto, comendo seja lá qual for o nome da refeição que meninos comem à tarde que não é almoço nem jantar nem a pipoca grande do cinema, hoje foi um sanduíche com fritas, chá para mim, me lembrando pela sempretésima vez de deixar chá bom na bolsa para quando a gente vai em lanchonete. — Você achou mesmo que, logo antes do filme começar, que eu ia falar, tipo, semana que vem você vai perder a — baixou o tom e se curvou porque não era da conta do Lopsided's — virgindade? Tipo, a propósito, querida? Você acha que eu sou bobão assim?

— Bobão é quem fala "bobão".

— É por isso que você ficou daquele jeito o filme inteiro. Por isso? Não é à toa que não gostou.

Deixei o meu alívio sair por todos os poros, como se tivesse pulado numa piscina perfeita e estivesse esperando aquele momento perfeito antes de começar a nadar.

— Sim. Por isso que não gostei de *Os patetões III*: *não olhe para baixo*!

— Bom, eu até iria assistir de novo.

— Para.

— *Verdade!* Por você, para você se concentrar.

— Que fofo. Não, obrigada.

— Quem sabe você confere naquele seu lindo livro de cinema para ver antes se é legal gostar.

— Quem sabe você confere com aquele seu lindo treinador para ver se faz bem para o jogo.

— O treinador adora esses filmes. Ele levou o time inteiro para assistir *Os patetões II* no final da temporada passada.

Olhei para você porque era o que me restava. O Al nem tinha me ligado, mesmo depois que eu liguei e desliguei quando ele atendeu. Eu não queria falar disso com ele e nunca vou falar.

— O triste é que eu nem sei se você está de brincadeira.

— Sim, você não consegue mesmo entender o que eu estou falando. *Não tem como evitar,* caracas. Já te falei antes que a gente não tem que seguir cronograma, não tem troféu.

— O.k., então o que era? O que tem no próximo fim de semana?

— O Halloween, sua boba.

— O quê?

— Bom, você vai querer fazer aquela coisa que a sua turma faz que é toda das artes e palavra-que-eu-não-posso-falar.

— É só uma festa.

— A minha também.

— É, no campo de futebol, que sempre acaba com três caras expulsos.

Você fez que sim, sorriu, suspirou, olhando com tristeza para o prato vazio como se quisesse comer outro sanduíche com fritas.

— Sinto saudades do Andy.

Eu também suspirei, e você jogou o seu palitinho ornamento, com a bandeirinha, na fronteira entre nós. Quem vai saber por que a Terra evoluiu desse jeito, mas depois de anos de vergonhosa libertinagem e bebedeira nas festas de Halloween do colégio, todo ano, a Associação Cívica Não Sei Do Que decidiu se posicionar contra a vergonhosa libertinagem e bebedeira nas festas de Halloween do colégio combinando todas as festas dos colégios

num único lamaceiro de vergonhosa libertinagem e bebedeira num campo de futebol, este ano o campo de futebol do Hellman, e ia se chamar Mega Halloween Municipal, com todos os times de todos os colégios, exceto os de natação, com fantasias combinadas e competindo por prêmios imbecis de vale-presentes numa competição da madrugada que sempre termina em meninas tirando a parte de cima, o estacionamento virando um oceano de vômito dos barris enfileirados nos porta-malas aparentemente invisíveis aos treinadores acompanhantes que sempre vestem as mesmas fantasias atarracadas de Superman com músculos de espuma que parecem encaroçados e cancerígenos na luz dos holofotes. Pelo menos foi o que eu vi nas fotos, porque eu nunca fui, porque o meu juramento é feito a outra bandeira, a outro lamaceiro de vergonhosa libertinagem e bebedeira do Halloween, aquela em que todos os clubes de artes e teatro de todos os colégios reúnem o dinheiro que conseguiram vendendo doces o ano inteiro em intervalos nos auditórios e salas de reunião em toda a cidade em produções de *Não conte para mamãe!* e *Summer Clouds* e *Minha cidade, sua cidade* e *Gadzooks!* para alugar um espaço e forçar todos os conselhos estudantis imbecis de todos os colégios imbecis para se revezar em sentar numa sala e discutir por e-mail o tema e a decoração e colar os cartazes por todo lado, e nem vamos falar das fantasias, todas elaboradas com máquinas reais e penas e diálogos num palco improvisado para ganhar vale-presentes imbecis num concurso que sempre termina numa fossa lasciva de danças improvisadas no qual como sempre os Caveiras Mortalhas tomam o palco como vão continuar fazendo até o sol implodir numa espiral de gelo seco e globos de espelhos, e começam a tocar "Snarlat me, sweetheart", o vocalista passando os olhos delineados por toda a sala atrás da ingênua vestindo a fantasia com asas de

anjo que ele vai levar para o seu rabecão numa nuvem de cigarros de canela quando acabar o *set list*. Eu estava cansada daquilo, nunca gostei, mas claro que eu ia, assim como você ia noMega Halloween Municipal, o Baile e o Mega, e todo mundo tem que escolher de que lado vai ficar.

— Onde vai ser esse ano? — você me perguntou.

— No Salão Escandinavo.

— Qual é o tema?

— Pura Maldade. Vocês têm, vocês escolhem tema?

— Não. — A gente ficou sorrindo um para o outro, você achando que era pior ter um tema e eu achando que era pior não ter, mas os dois pensando que na realidade era tudo ridículo.

— Os seus amigos vão pirar — você perguntou — se você não...

— Eu *tenho* que ir — falei. — Os meus amigos já me odeiam, eu tenho que ir. Mas ninguém vai notar se você não estiver lá, né?

— Min, o time já tem até a fantasia.

— Eu estava brincando — falei, infeliz e mentindo. — Vocês vão de quê?

— Presos acorrentados.

— Não é racismo?

— Acho que qualquer um pode entrar na corrente, Min. Você vai de quê?

— Não sei, eu sempre deixo para a última hora. No ano passado fui de jornalismo marrom, não foi legal. As pessoas achavam que eu era o jornal em que o cachorro fez xixi.

Você riu com a sua água gelada e tirou duas coisas do bolso de trás, uma delas muito especial para você, e a outra era uma caneta.

— Vamos fazer um plano.

— A gente pode ligar para os nossos amigos e dizer que está doente. O Carnelian sempre faz uma Maratona de Terror da Kramer no Halloween.

— Ninguém vai cair nessa. Não, eu quis dizer um *plano*. — Você pegou três guardanapos e abriu um. Mais uma fronteira. Mordendo o lábio, como sempre, você rabiscou umas coisas, retinhas, sem tremer, mas fui eu que tirei o prato do caminho para você poder enxergar. Eu sorria e sorria para você e esquecia de olhar para o guardanapo até que você me viu e me chamou com a caneta.

— O.k., aqui é o colégio.

— Você fica muito fofo fazendo isso.

— *Min*.

— Mas *fica*. Você sempre faz assim?

— Você já me viu fazendo. Tipo os meus esboços para a festa.

— Você fez esboços para a *festa*?

— Ops, não foi com você. Eu queria saber como pendurar as luzes. Foi, hã, ah é, na aula de gramática, com a Annette, acho que foi. Mas, sim, eu faço, me ajuda a pensar. Você sabe como eu sou com matemática e essas coisas.

— Você sabe que eu te amo. O.k., aqui é o colégio. Espera aí, cadê o ginásio?

— Não interessa, não entra no plano.

— O.k. Então *aqui* é o pátio.

— É o campo de futebol. Não chama de pátio.

— Onde tem grama e as pessoas sentam é um pátio.

— A gente rouba coisas aqui, não quer dizer que é um banco.

Você estava ficando melhor nessas conversas comigo, o diálogo pingue-pongue que é tão legal naqueles filmes do *Chapéu lelé*. Mexi no seu cabelo.

— O.k., aí está o seu querido campo de futebol. Agora desenha um bilhão de bêbados fantasiados.

— A gente já vai chegar neles. Subindo aqui fica o troço escandinavo, mais ou menos por aqui.

— Fica bem na ponta do cemitério, então...

— O.k., aqui — você disse, riscando sobre o parque até ficar claro, e todo o bairro ao redor. Perfeito.

— Vocês sempre usa isso?

— Isso? Sim. Não vai começar a dizer que o outro é um nerd, porque eu vou ganhar o jogo.

— Não vou. Eu gostei.

Você revirou os olhos e não acreditou em mim, mas era verdade, Ed, eu amava o fato de que o seu cérebro matemático te desse todo aquele poder sobre os guardanapos.

— *Pronto* — você disse, terminando uma linha. — Agora, é longe demais para ir andando, né?

— De onde?

— Entre eles. Porque a gente tem que ir nos dois, né?

Eu me inclinei sobre o nosso colégio e te beijei.

— Mas a gente não pode ir a pé — você disse, pensando tanto que o beijo só rendeu um sorrisinho. — Então, ônibus. Mas o ônibus vai por aqui, desce por aqui e aí dá a volta. — Você devia ser assim quando era criança, pensei, pensando também em pedir fotos antigas para a Joan. Você continuou falando sobre para onde o ônibus ia e não era para a gente, a metade do mapa toda certinha e a outra metade só um monte de tinta, tipo como eu te conhecia e como eu achava que te conhecia. — Também não fica bom. O ônibus não dá.

— E a outra linha, que faz outro percurso, por aqui?

— Ah, é. Tem a linha 6. Vai aqui, depois *aqui*.

Olhamos para o mapa.

— A sua irmã... — falei.

— De jeito nenhum. Ela nunca me deixa dirigir de noite se alguém vai beber. E a gente tem que ser realista.

— Pois é — falei. As linhas eram bem mais retas do que qualquer um conseguiria fazer naquela noite. — Ei, o 6 para aqui, nessa ponta da Dexter, né?

— Isso. Lembro de quando eu fui com a Marjorie.

— Ela mora aqui?

— Não, ela fazia balé num lugarzinho estranho por aqui.

— Então — falei, pegando a caneta e fazendo pontinhos. — A gente começa no seu Mega Halloween, sai de fininho por aqui, as pessoas vão ficar achando que a gente vai dar uns amassos.

— E a gente vai — você disse, pegando de volta, fazendo um X e eu fiquei vermelha e ignorei.

— E aí a gente pega o ônibus aqui e desce *aqui* e recupera as energias no In The Cups. Eu não consigo desenhar uma xícara. Aí a gente anda o que faltar, umas oito quadras, *poc, poc, poc*, e aí pega a linha 6 e para aqui. E a gente atravessa e chega no Baile. *Voilà!*

Você piscou para mim, não fez "*voilà!*" de volta. As minhas linhas pontilhadas cobriam toda a sua clareza.

— Atravessar o cemitério à noite?

— Você vai ficar seguro — falei. — Você vai estar com o cocapitão do time de basquete, opa, não, eu que vou.

— Não é por segurança — você disse. — Ah, esquece — e lembrei da fama do cemitério, se bem que "fama" não é a palavra certa, mas por que ninguém passa por lá. Toda cidade tem, sei lá, um parque ou lugar onde os homens vão à noite para se comer em segredo no escuro.

— A gente fica de olho fechado — falei. — E aí os gays não vão nos pegar.

— Se eu não posso falar "gay", você também não pode.

— Você pode falar "gay" quando está mesmo falando de gays. E como é que você sabe desse negócio do cemitério?

— Primeiro *você* me diz como sabe.

— Eu deixo o Al lá toda noite — falei, a piada presa na garganta.

Você cobriu o rosto, *a minha namorada é louca*.

— Bom, é — você tentou, corajoso. — Eu vejo o Al lá toda vez que faço uma parada para dar uma aliviada no *tudo com exceção de*.

— Cala a boca — falei. — Você adora o *tudo com exceção de*.

— Adoro mesmo — você riu. — Mas, hã, falando nisso. Eu queria...

— Hã?

— A minha irmã...

— Eca. Falando *daquilo*, a sua irmã?

— Para. Ela vai viajar.

— Hein?

— No fim de semana. Não o próximo, não no Halloween, mas depois.

— E?

— E a minha mãe não voltou — você disse. — Então eu vou ficar com a casa. Você podia, sabe...

— Sim, sei.

— *Dormir lá*, era isso que eu queria dizer, Min.

— Você também disse que a gente não tinha que seguir cronograma. *Acabou* de dizer.

— Não tinha. *Não tem*. Mas é que...

— Eu não quero perder a virgindade na sua cama — falei.

Você deu um suspiro com o guardanapo.

— Você quer dizer, tipo, não na minha cama ou não comigo?

— Só quis dizer a cama. Nem no seu carro nem num *parque*. Tem que ser um lugar, você vai rir, tem que ser um lugar extraordinário.

Você não riu, eu reconheço, você não riu, Ed.

— Extraordinário.

— Extraordinário — falei.

— O.k. — você disse, e aí sorriu. — O Tommy e a Amber fizeram no depósito do pai dela.

— Ed.

— Mas fizeram! No meio das geladeiras!

— Não é assim...

— Eu sei, eu sei. Não se preocupa, Min. Não é essa coisa bobona que você achou que eu tinha dito, *inevitável*. Eu quero que você fique, não sei qual é a palavra, tipo — você suspirou de novo — *feliz*. E é por isso que a gente vai pegar dois ônibus e andar pelo lugar dos gays na noite de Halloween.

Não consegui me decidir sobre aquele "gays", então deixei passar.

— A gente vai se divertir — menti.

— Talvez no outro fim de semana sim — você falou meio envergonhado, e naquela hora eu quis, uma fome voraz na boca e no colo. Foi um feeling. Dê outro jeito nessa, pensei, mas não sabia como.

— Talvez — falei, enfim.

— Isso é complicado — você disse, voltando ao guardanapo, e aí olhou para mim. Você queria me abrir à força, eu via, me arrastar das nossas fronteiras para a gente se banquetear distante dos olhos do mundo. — Mas — você disse. — Não, não tem *mas*. Eu te amo.

Café, pensei, era isso.

— Vamos bebemorar — falei.

— Destilado da vida — você concordou, pura energia e sabor alegria. Você acenou para a garçonete e começou a amassar o nosso plano.

— Espera, espera.

— O quê?

— Eu quero ficar. Não rasga o nosso plano.

— A gente vai lembrar.

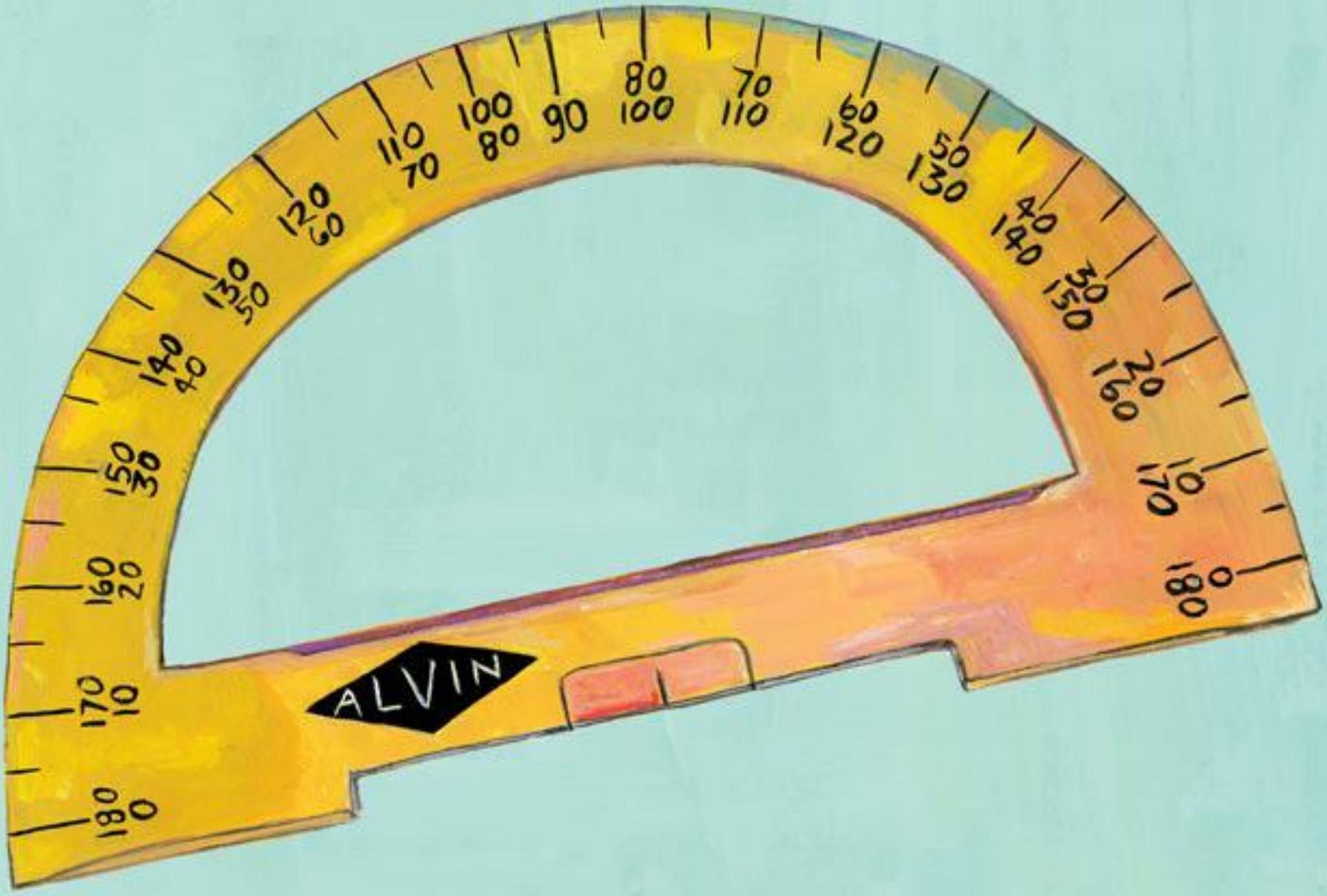
— Mas eu quero.

— Você não vai dizer para o Al ou outra pessoa que eu faço esses esquemas não-posso-dizer.

— Não vou — falei, uma promessa triste. — Não vou contar para o Al. É só para mim.

— Para você? — você disse. — O.k. — Você se inclinou um instante enquanto eu pedia o café, ignorando os olhares da garçonete. Você me alcançou, mas eu já tinha pego o que eu queria, roubado de novo do Lopsided's, tinha distraído você com o papo até que o café chegou e você esqueceu que tinham levado embora. Mas você pôs um em mim também, o outro lado do guardanapo que eu descobri tarde demais, não quando eu cheguei em casa, não quando guardei na caixa, só fiquei de coração partido e choramingando quando não era mais verdade. Assim como a gente descobriu, quando a garçonete pôs o café na mesa com a conta e saiu fora, que não havia açúcar na nossa mesa: quando era tarde demais, Ed, para fazer algo de bom.


Eu te amo, Min Green


ALVIN

FOI ISTO QUE EU ROUBEI. Tome de volta. Eu pensei, meu maldito ex-amado, que era fofinho você andar com isto por aí para ajudar a mapear o que pensa. Bonitinho isto no seu bolso o tempo todo. Eu não sou bobona, aliás. Eu sou uma tola, isso sim.



E VOCÊ TAMBÉM NUNCA viu isto. Fiquei sozinha com isto nas mãos na Ferragem Green Mountain, quieta e sozinha e tentando imaginar o Al atrás de mim para poder perguntar coisas que só ele ia saber. Isso é mesmo uma lima, como a lima que usam em *Fuga ao amanhecer* e *Fugitivos à luz da lua* para se libertar e ser perseguidos pelos cachorros e com as silhuetas do arame farpado nos holofotes? O Al e eu tínhamos assistido em sessão dupla durante a Semana Carcerária do Carnelian, que teve conclusão hilária com o documentário do Meyers sobre internatos. O cinema estava quase vazio no dia, para quem mais eu ia perguntar? Os funcionários da Green Mountain de colete e fones não aceitam perguntas do tipo "Essa lima de metal pode ser usada no fogão?". Eu nos imaginei, você e eu, num suicídio acidental por envenenamento com ferro só pela surpresa que eu queria que a gente tivesse. Eu queria tanto ligar para o Al e dizer "Sei que a gente está bravo um com o outro, talvez para sempre, mas você pode só me dizer uma coisinha sobre metais e cozinha?", mas claro que não. *A Joan*, pensei, eu podia perguntar para a Joan, quem sabe, e aí ela apareceu numa esquina.

— Oi, Min.

— Oi, Annette.

— O que você está fazendo aqui?

— Compras de Halloween — falei, mostrando a lima.

— Uau, eu também — ela disse. — Preciso de correntes. Vem junto?

Fomos até onde elas ficavam, uma fileira de rodas reluzentes que você podia girar e comprar por metro. A Annette ficou olhando como se fossem joias de verdade, parando para estender o braço nu contra elas.

— Você vai de quê? — perguntei.

— Estou tentando ver como é o toque — ela disse. — Sei lá, é uma coisa meio medieval que vou fazer com outra pessoa. Mas *provocante*, sabe.

"Vagaba", pensei. Todas as meninas que namoram atletas se fantasiam de vagabunda: bruxinha vagabunda, gatinha vagabunda, prostituta vagabunda.

— Será que eu consigo usar sem sutiã?

— *É sério?* — Tentei não guinchar.

— É, tipo enrolado como se fosse um tubinho, meio assim. Eu não sou tão grande.

— Acho que você vai se machucar até o fim da noite — falei.

Ela se virou para me encarar.

— Você está me ameaçando? — ela perguntou.

— Hein? *Não!*

— Brincadeira, Min. *Brincadeira*. O Ed me disse que é *ele* quem não entende as *suas* piadas. Caracas, que nem ele diz.

— Caracas — concordei, taciturna.

— Para que é isso?

— Ainda não decidi, na real. Estava pensando, você sabe que o Ed vai de preso?

— De correntes, arrã.

— Bom, sabe esses filmes antigos de prisão quando fazem um bolo com a lima dentro? Tipo, para serrar as barras e tal. Eu posso ser a esposa leal que ajuda, que fica esperando no carro com o motor ligado na porta dos fundos.

Ela olhou para a lima com cara inquisitiva.

— Você vai ser a *esposa* do Ed no Halloween?

Ela estava sorrindo, mas era como se tivesse jogado um saco de "sua imbecil" na minha cabeça. Eu me senti desleixada com aqueles olhos brilhosos sobre mim, muito burra na minha calça de moletom e nos meus tênis.

— Não. Eu só ia fazer um bolo para ele entrar no clima.

— Que eu me lembre, ele está sempre no clima — a Annette disse, dando um sorrisinho.

— Você entendeu o que eu quis dizer.

— Entendi. E então você vai de quê?

— De carcereira-chefe — falei.

— Hein?

— Tipo, o diretor da prisão?

— Ah, sim. Legal.

— Eu sei que é bobo, mas tem um terno do meu pai que eu posso usar.

— Legal — ela disse de novo, desenrolando o que havia escolhido.

— Eu não ia conseguir, sabe. Não sou feita, tipo, para essas fantasias sexy.

Ela fez uma pausa e me olhou de cima a baixo, provavelmente pela primeira vez.

— Você é sim, Min. É que... — e ela mordeu o lábio, estilo *esquece*.

— O quê?

— Bom, é que você vai odiar o que eu ia dizer.

— O quê?

— Hã...

— Você ia dizer "das artes".

— Eu ia dizer o que o Ed sempre diz. Que você é diferente, que você não precisa fazer essas coisas. — Ela levantou a corrente com desprezo. — Você tem corpo, tem sim, você é linda e tudo mais. Mas você precisa ter o resto. É por isso que todo mundo tem ciúmes de você, Min.

— Ninguém tem ciúme de mim.

— Tem — ela disse, quase irritada, as correntes na mão. — Tem sim.

— Bom, se estiverem enciumadas, é porque estou com o Ed Slaterton, não é ciúme de mim — falei.

— Sim, é por isso — ela disse, e mexeu no cabelo. — Mas foi você que pegou o Ed. — Ela apontou para a lima. — É bom você andar armada no sábado. Todas as garotas vão ser Cleópatras vampiras tentando agarrá-lo.

Ela riu e eu resolvi que ia rir também. "Brincadeira", falei para mim mesma, depois em voz alta.

— Gatinhas na lama. Os meninos vão amar.

— A gente podia cobrar ingresso — ela disse, fingindo que me unhava. — Podemos ir?

Eu tinha decidido, em definitivo, que não ia comprar a lima. Fui com ela até o caixa com aquilo nas mãos e ela ficou toda animadinha com o atendente, que cortou a corrente e deu um desconto. O meu caixa me deu o troco e o recibo.

— Quer ir tomar um suco ou alguma coisinha?

— Não, obrigada — falei, saindo com ela. — Preciso ir para casa acabar a fantasia.

— Você não ficou brava com o que eu disse no sábado, né? Era só uma piada.

— Não — respondi.

— Bom, meio piada — ela falou com um sorrisinho, trocando as mãos com a sacola de correntes. — Tipo, todo mundo sabe que ele é seu.

— A Jillian não.

— A Jillian é uma *vaca* — ela disse, certa até demais.

— Opa.

— Longa história, Min. Mas não se preocupa com ela.

Olhei com tristeza para a rua molhada. Estava chovendo, os meus cabelos judeus eram uma nuvem de poluição horrenda, e ia chover mais. Eu me senti desprotegida lá na frente da Green Mountain, sensível como a chama de um fósforo, um filhote de sei-lá-o-quê perdido na rua, sem mãe, sem coleira, sem uma caixa de papelão para chamar de lar.

— Eu me preocupo com isso — falei; afinal, por que não dar uma resposta sincera? — *Diferente*, todo mundo só sabe dizer diferente. Agora ele é meu, sem dúvida, mas você está certa, alguém pode roubá-lo. Eu sou uma desconhecida para todo mundo que ele conhece.

Ela não se deu ao trabalho de me dizer que eu estava errada.

— Não — ela disse. — Ele te ama.

— E eu também — falei, mesmo que o que eu quisesse dizer fosse "obrigada". Pensei em como eu era idiota, a tola com a lima na sacola, aquela com quem ela estava se preocupando.

— "E o amor, quem pode dizer para onde aponta" — ela recitou. — "Como uma serpente no jardim de nossas mentes imperturbadas."

— Que é isso?

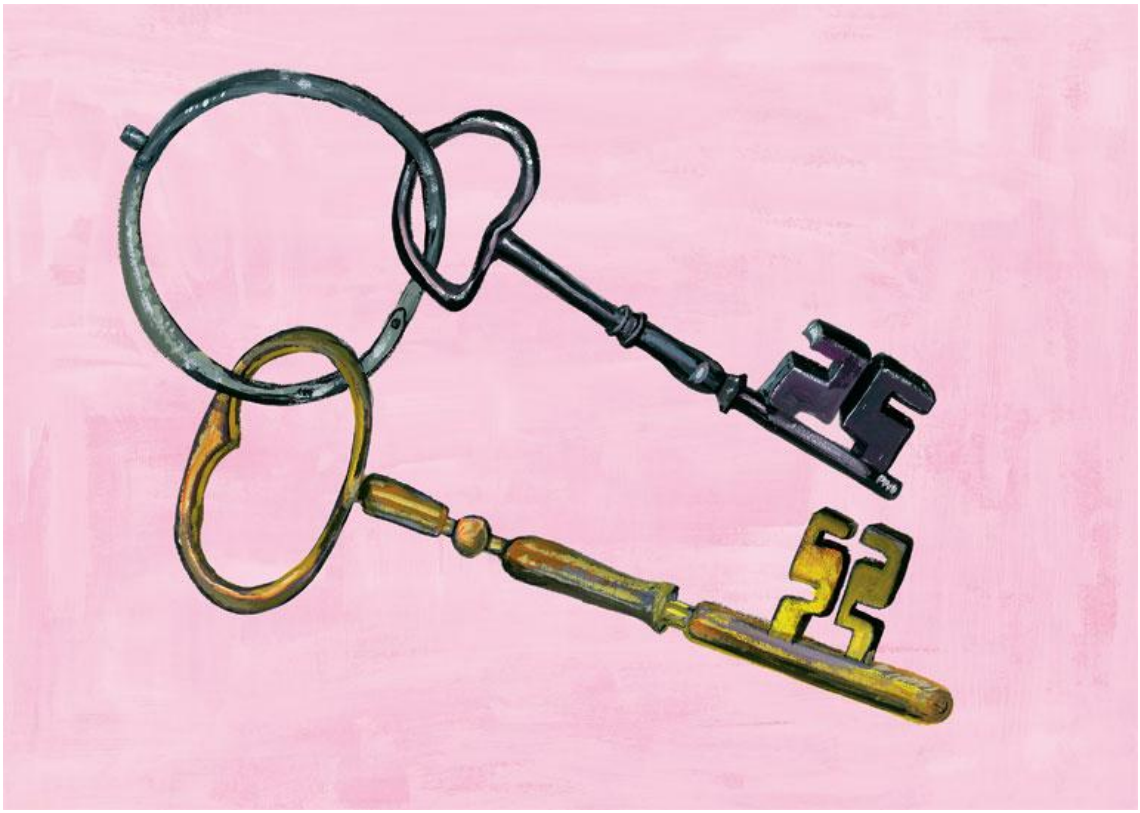
— Salleford — disse ela. — Alice Salleford. Literatura, segundo ano. Achei que você que era a das artes.

— Eu não sou das artes.

— Bom, alguma coisa você é — ela disse, e me deu um abracinho de adeus, fazendo barulho com as correntes. É claro que começou a chover. Ela saiu correndo de toldo em toldo e acenou antes de sumir. Que linda ela, que linda na chuva e naquelas roupas. A lima tinia contra mim, que ideia imbecil, ninguém ia entender. Nem você ia entender, Ed, pensei, enquanto via a Annette ir embora. Foi por isso que a gente acabou, então aqui está. Ed, como você pôde?


Pura Maldade

ISTO NÃO É SEU. Foi deixado num envelope colado no armário, não tinha nem o meu nome. Achei que era seu, mas aquilo só caiu na minha mão, sem nem um bilhete. Senti o Al bravo, zangado, furioso dos diabos nas minhas mãos com isto. O meu ingresso cortesia, que ganhei por ajudá-lo a colar os cartazes. Maldito subcomitê. Ele podia ter me feito comprar, mas ali estava, um presente. Não é seu, mas estou te devolvendo porque é culpa sua. O pessoal do clube de teatro faz esses troços luxuosos em vez de ingressos para você usar em volta do pescoço o ano inteiro se você for megagótico, para provar que você foi noHallow-Baile Municipal. Nunca fiquei com o meu, só jogo na gaveta e é isso, que triste. É um suvenir daquela noite, agora vamos admitir juntos — Halloween da Pura Maldade —, a noite em que a gente devia ter terminado.



ENTÃO *POR QUE* A GENTE TERMINOU? Pensando nisso agora, pensando mesmo, lembro de como eu estava cansada naquele sábado de Halloween, de ter acordado cedo para ir de fininho e sozinha no Bazar Tip Top para comprar isso, que nunca te dei. Depois era eu aos bocejos na rua, passando spray num boné de brechó que eu usava no primeiro ano, forçando a vista para ver se o cinza combinava com o casaco do meu pai, Hawk Davies saindo pela janela do quarto para me iluminar toda, aquela parte legal de "Takeanothertrain" quando ele encerra um solo e você ouve alguém dar um gritinho abafado, "*YeahHawk, yeah*", enquanto eu sorria naquele dia ensolarado. Não ia chover. Você e eu íamos naMega e no Baile e tudo ia serBOM — extraordinário, quem sabe. Eu não tinha por que pensar outra coisa. Vejo a minha felicidade, consigo ver e dizer que a gente também era feliz, não só eu. Acho que consigo me agarrar a qualquer coisa.

— É bom te ver feliz — disse a minha mãe, vindo até onde eu estava com um chá quente. Eu estava pronta para ela me dizer que o jazz estava muito alto, o que os vizinhos iam dizer.

— Obrigada — falei para o Earl Grey.

— Mesmo que seja com o casaco do seu pai — ela disse, estava decidido que naquele ano se podia falar mal do pai.

— Tudo por você, mãe. Vou tentar estragá-lo hoje.

— Como? — Ela riu um pouquinho.

— Hã, vou derramar drogas nele e rolar na lama.

— Quando eu vou conhecer o menino?

— *Mãe.*

— Eu só quero conhecer.

— Você quer é aprová-lo.

— Eu te amo — ela tentou, como sempre. — Você é minha filha única, Min.

— O que você quer agora? — falei. — Ele é alto, ele é magro, ele é carinhoso. Ele não é carinhoso no telefone?

— É.

— E ele é capitão do time de basquete.

— Cocapitão.

— Quer dizer que tem outro capitão.

— Eu sei o que é, Min. É que... o que vocês têm em comum?

Tomei um gole do chá para não arrancar os olhos dela.

— Fantasias de Halloween que combinam — falei.

— Sim, você me contou. O time inteiro vai de prisioneiro e você vai entrar na brincadeira.

— Não é *brincadeira.*

— Eu sei que ele é popular, Min. A mãe da Jordan me contou. Só não quero te ver sendo arrastada por aí como, como uma cabra.

Cabra?

— Eu vou de *carcereira-chefe* — falei. — *Eu* é que vou arrastar *o time.* — Não era verdade, mas ela que se foda.

— O.k., o.k. — a minha mãe disse. — Bom, a fantasia está ficando boa. E o que é isso?

— Chaves — falei. — Porque o carcereiro tem as chaves, sabe — por algum motivo idiota, por um segundo pensei em deixá-la inteirada. — Pensei em usar no cinto, sabe? E aí no fim da noite eu entregaria para o Ed.

Os olhos da minha mãe se arregalaram.

— Que foi?

— Você vai dar as chaves para o Ed?

— Que foi? Comprei com o *meu* dinheiro.

— Mas, Min, querida — ela disse, e colocou a mão em mim. Os meus pulsos tremeram, querendo pintar a cara dela com o spray e deixá-la cinza, embora, notei repentinamente mas sem surpresa, ela já estivesse dessa cor. — Não é meio, sabe?

— O quê?

— Simbólico?

— Como?

— Quer dizer...

— *Não*. Piada suja? Chave na fechadura?

— Bom, as pessoas vão achar...

— Ninguém acha isso. Mãe, que *nojo*. *Sério*.

— Min — ela disse, tranquila, os olhos fazendo uma varredura em mim —, você está dormindo com esse menino?

"Esse menino." "Cabra." "Você é minha filha." Era tipo comida estragada que me forçavam a comer e eu não conseguia digerir. Os dedos dela ainda estavam em mim, deslizando pelo meu ombro como um par de tesouras escolares, sem fio, ineficientes, inúteis, que não eram as de verdade.

— Nada — falei. — Nada, *nada* disso é da sua conta.

— Você é minha filha — ela disse. — Eu te amo.

Dei três passos na direção da garagem antes de olhar para ela, de mãos na cintura. Sobre os jornais, no chão, o chapéu que eu ia usar. Você sabe, Ed, que soco no estômago é a minha própria *mãe* agora estar com a razão? Eu devo ter gritado alguma coisa e ela deve ter gritado também e voltou batendo o pé, acho que foi, para dentro de casa. Mas só lembro da música diminuindo, o volume baixo de vingança para não ser mais a trilha

sonora do dia. Ela que se foda, pensei. "*YeahHawk, yeah.*" Eu já tinha terminado mesmo.

Mas eu não te dei, né, não te dei as chaves. O dia esfriou até chegar o pôr do sol, fiz umas lições de casa, senti falta do Al, pensei em ligar para o Al, não liguei para o Al, me vesti e saí com um olhar bem afiado para minha mãe, que derramava docinhos numa tigela, ela ia sentar e comer esperando as crianças. O menino de quem eu era babysitter estava na esquina jogando ovos nos carros enquanto o sol baixava. Ele jogou um em mim. O mundo estava ficando pior, acho, tipo o remake japonês de *Rip Van Winkle* chamado *Os portões do sono*, o Al e eu saímos antes de acabar, cada vez que o herói acordava era ainda mais deprimente, a esposa morta, os filhos bêbados, a cidade mais poluída, os imperadores mais corruptos, a guerra que continuava e mais e mais e mais sangue. Al disse que devia se chamar *Está feliz? Vamos dar um jeito nisso*: *o filme*.

Eu devia ter percebido quando o velho no ônibus, totalmente sem brincadeira, me agradeceu, que a minha fantasia ia ser outro desastre, mas foi só quando passei o arco de balões laranjas e pretos procurando por você que aquilo me atingiu, vindo, dentre todas as possibilidades, logo da Jillian Beach. "Oh, meu Deus", disse ela, já meio tonta, de shorts vermelhos-com-listras-brancas e um sutiã de bandanas azuis. Ela estava formigando de calafrios por conta da noite fria, a Annette tinha razão, era para eu ter medo dela.

— Que foi?

— Você é mesmo *fora da casinha*, Min. Judia vestida de Hitler?

— Eu não estou de Hitler.

— Vão te expulsar. Você vai ser expulsa.

— Eu sou uma carcereira-chefe, Jillian. Você é o quê?

— Barbara Ross.

— Quem?

— Ela inventou a bandeira.

— É *Betsy* Ross, Jillian. A gente se fala, tá?

— O Ed ainda não chegou — ela devolveu.

— Tudo bem — falei, mas nem tentei ser convincente, a nazista que chega muito cedo na festa. Uma ninhada de calouros andou à minha volta batendo papo com orelhas de camundongo. Um bando de Dráculas fazia uma roda num canto. Já estavam tocando aquela música que eu odeio. Os treinadores estavam provando café e suando nas capas. Foi o Trevor, quem diria, que me salvou, vindo manco com o pé no gesso.

— Oi, Min. Ou devo dizer policial Green?

Melhor policial que Hitler.

— Oi, Trevor. Você está de quê?

— De cara que quebrou o pé ontem e não conseguiu entrar na corrente dos presos.

— Você faz de tudo para não ter que dançar, né?

Ele riu e tirou uma cerveja sei lá de onde.

— Você é engraçada *mesmo* — ele disse, como se alguém tivesse dito o contrário, e tomou um gole antes de me passar. Dava para ver que ele fazia isso com qualquer menina, qualquer pessoa, e nunca antes tinha acontecido de a cerveja ter sido devolvida sem um gole a menos.

— Não, obrigada.

— Ah, é — ele disse. — Você não gosta de cerveja.

— O Ed te contou.

— É, por quê, não era para eu saber?

— Não, tudo bem — falei, procurando você.

— Porque, sabe, ele sempre me conta tudo.

— Ah é? — falei, aí desisti e olhei nos olhos dele. Ele também estava bêbado, como sempre, ou talvez nunca estivesse bêbado; percebi que não o conhecia o bastante para saber a diferença.

— Pois é — ele disse. — Namoradas do Slaterton têm que aceitar isso ou, se não aguentam, debandar.

— Debandar?

— Debandar — ele disse com um meneio torto. Até bêbado, se é que estava bêbado, ele se achava o machão dizendo coisas como "debandar". — A gente conversa, o Ed e eu.

— E o que mais ele contou?

— Que ele te ama — o Trevor disse no mesmo instante, sem qualquer vergonha. — Que você passou no teste com a irmã dele. Que você é tranquila com o troço da matemática. Que você está planejando uma festa para estrela de cinema e que eu tenho que conseguir a porra do champanhe ou ele vai me dar um pau. E você não deixa mais o Ed falar "gay", porque... *eu* posso falar "gay"?

— Claro. *Você* não é meu namorado.

— Graças a Deus — ele disse, e depois (acho que foi daí que você pegou) —, sem querer ofender.

— Não me ofendeu.

— É que, é que não achei que a gente ia se dar bem assim.

— Não tem problema.

— É que a gente, tipo, *eu* gosto de menina que não me faz virar outro e ver filme diferente ou ir em loja que abre de madrugada, sabe?

— Sim — falei. — Eu não te levaria lá.

— É que, sabe, só quero me divertir, sabe. Curtindo o fim de semana, suando no treino.

— Entendi.

Ele passou o braço por cima de mim como um tio sociável.

— Gostei de você, azar do que dizem os outros — ele disse.

— Obrigada — falei, direta. — Também gostei de você, Trevor.

— Nem — ele disse. — Mas você leva na boa. Espero que vocês continuem por um bom tempo, espero mesmo, e, se não for, espero que não tenha muito drama e tal.

— Hã, obrigada.

— Não vai ficar toda ranzinzinha — disse ele, terminando uma cerveja e começando outra. — Quer dizer, vocês são como aqueles dois planetas que se batem num filme que eu vi na TV quando era criança, os azuis e aqueles caras vermelhinhos.

— *Planetas em colisão*. É do Frank Cranio. No final todos ficam roxos.

— *Isso!* — ele falou alto, os olhos acesos de encanto e alegria. — Para todo mundo que eu falo, ninguém conhece esse.

— O Carnelian vai passar umas coisas do Cranio em dezembro. A gente podia fazer encontro de casais, tipo, o Ed e a menina que você estiver...

— Nem que a vaca tussa — ele disse, agradável. — Aquele cinema é de gay.

— Você diz isso, mas ia fazer parte de um grupo de caras que iam dançar com correntes.

— Eu não! — ele disse, erguendo o pé quebrado, e a gente riu muito, alto, loucos, e até me encostei nele, justo quando você chegou com os seus presos acorrentados, todo mundo de pijama listrado e grilhões de plástico preto em volta dos tornozelos. Por baixo do boné velho o seu rosto estava vermelho e desconfiado. "Que porra é essa, Trev?", você disse, muito alto, e me puxou.

— Opa, opa — o Trevor disse, protegendo a cerveja. — A gente só está de sacanagem, Ed. Ela estava te esperando.

— E você está fazendo o que, babaca? — você perguntou. — Aquecendo ela para mim?

— Ô, Ed, feliz Halloween, bom te ver — falei de um jeito propositalmente normal. Não conhecia essa versão, esse garotinho resmungão, os olhos irritados e a mão como uma garra no meu ombro. Eu nunca tinha visto, mas eu não, pensei, eu não te conhecia há tanto tempo assim.

— Meu — o Trevor disse, sorrindo como se fosse contar o fim da piada. — Não vai me acusar disso. Você sabe que *tudo com exceção de* para mim não serve.

A corrente de presos inteira fez "oh". As lágrimas vieram tão rápido que parecia que eu as estava reservando para isso. Eu queria *ser* o Hitler, eu teria matado todos eles. "Min!", você me chamou, a sua raiva indo embora com o pânico, e até deu alguns passos na minha direção. Mas a sua gangue estava acorrentada a você, e não iam deixá-lo vir comigo para consertar a situação. Nem se você pudesse. Mas pôde.

— Ele pediu desculpa! — um dos imbecizinhos gritou e riu. — A gente tomou umas Viper para treinar a dança, o Slaterton sempre fica babaca quando bebe.

— Qual é! — o Trevor disse com uma alegria enciumada. — Vocês estão tomando *Viper*? Cadê? Cadê? Cadê?

Você me olhou indefeso, e aí a festa se lançou que nem uma onda à nossa volta, como a hora do pânico em *O último trem*, os maquinistas começando as festividades com a dancinha gorda, atarracada, do "Eu sou o maioral". Vão para o inferno, pensei de todo mundo, e estávamos lá, todo aquele lugar um pesadelo de gente terrível, gritando, lanterna na cara dos outros, mais gritos, pior que uma festa na fogueira porque não havia nada de maravilhoso para se olhar, só a maquiagem deslumbrante no rosto das pessoas, as máscaras de borracha que pareciam animal

atropelado na cabeça dos meninos, as finas fantasias de vagabunda nas meninas brilhando de suor, o *tum-tum* trovejante de alguém que tinha trazido um tambor, os apitos nos pescoços das pessoas como laços neon, e o entoar ritmado, espalhado pela multidão quando cada escola começava, palavras diferentes surgindo de cada time, "Eagles! Beavers! Tigers! Marauders!", um conflito de sílabas como se os mascotes estivessem brigando no céu até a morte, e aí os capitães eram içados sobre os ombros bêbados, cada escola gritando o nome do seu maior herói, "McGinn! Thomas! Flinty!" e, o maior de todos, "Slaterton! Slaterton! Slaterton!", e os presos acorrentados andaram fazendo barulho até o palco e começaram os seus passes falsamente afeminados ao som de "Love lockedup", da Andronika, que parecia falar pelos alto-falantes que estava odiando essa merda toda, os berros da multidão, percebendo que você era famoso até nos outros colégios, toda a sua gangue acorrentada enfiando a mão nas calças até a virilha num uníssono vulgar e tirando garrafas de Parker's quando a letra dizia "Beber até morrer", e mesmo que os treinadores fingissem reprovação o lugar se destruía ao volume gritante, derrubando o aplausômetro de papelão em torno do qual a Natalie Duffin e a Jillianchacreteavam, e você *venceu*, triunfante com os seus vale-presentes, mandando beijos, curvando-se desajeitado com as pernas emaranhadas, e aí a Annette se mete no palco com as correntes e botas de prata e um machado de mentira, beijando toda a gangue, *muá, muá, muá*, demorou um pouco mais com você, antes de erguer a arma e cortar as correntes e te libertar para que você pulasse emocionado e bêbado, contra a multidão rugindo, e sumisse por trinta e oito minutos até que finalmente me encontrou, lindo, radiante, maravilhoso, sexy, um vencedor em tudo.

Eu te odiei muito.

O meu rosto devia estar queimando como o da Amanda Truewell em *Dança do esquecer*, quando o Oliver Shepard entra no clube com a sua inesperada e inocente esposa. Soltando fumaça, furiosa, magoada, fui empurrada pela maré da multidão e me vi presa perto da trave com um cara que eu acho que conhecia me contando uma história da esposa nova do pai que tinha uma queda por vinho branco. Eu estava tão brava que sabia que aquilo ia voltar como bumerangue em algum lugar, logo. Alguma coisa horrível grunhiu em mim e fiquei parada, congelada, perdida. A Megafesta continuou, fervendo e girando nas fantasias, até que você ressurgiu no meio daquela música ainda pior, a multidão berrando "Ô! Ô! Descendo até o chão!" frenética, as suas faixas desabotoadas e o cabelo suado. "Quero te dizer uma coisa", você disse, antes de eu poder escolher a frase mordaz que estava preparando para começar. Você pôs as duas mãos para frente, estendidas, uma faixa suja numa delas, como se eu estivesse para rolar como uma tora por cima de você. Fui para trás e você ficou lá, você manteve a posição no clangor do campo de batalha, e começou a contar nos dedos, contar o número de vezes que você dizia o que dizia, as duas mãos duas vezes e quase tudo de novo. Era a única coisa que você podia dizer, perfeita, foi o que você disse.

Desculpa.

Desculpa.

Desculpa.

Desculpa.

Desculpa.

Desculpa.

Desculpa.

Desculpa.

Desculpa.

Desculpa.

Desculpa.

Desculpa.

Desculpa.

Desculpa.

Desculpa.

Desculpa.

Desculpa.

Desculpa.

Desculpa.

Desculpa.

Desculpa.

Desculpa.

Desculpa.

Desculpa.

Desculpa.

Desculpa.

Desculpa.

— Vinte e seis — você disse, antes que eu pudesse perguntar. Todo mundo estava reunido ao redor, ou, bom, estavam à nossa volta, num turbilhão que parecia a rebentação, alta e suja. A multidão virou fundo na mixagem, alguns gritinhos, alguns miados. — Vinte e seis — você disse de novo, para a multidão, e deu um passo em direção a mim.

— Não — falei, mesmo que não tivesse certeza.

— Vinte e seis — você disse. — Um para cada dia que a gente está junto, Min. — Alguém fez "ooohh". Alguém fez o outro alguém ficar quieto.

— E espero que algum dia eu faça outra coisa imbecil e tenha que dizer um milhão de vezes porque vai durar até lá, você e eu, Min. *Você* e eu.

Eu te deixei dar mais um passo. O cara que eu achava que conhecia percebeu que ainda estava lá de boca aberta, aí fechou a boca e sumiu. O meu ombro tremeu, atrás do joelho também. Balancei a cabeça, enterrando a raiva numa cova rasa e a deixando esperar para ser exumada numa reviravolta da trama.

Mas, também, você, lindo, o jeito como você conseguia me comover, falar comigo. Eu não conseguia olhar para outra coisa.

— *Qualquer coisa* — você disse, uma resposta vasta para o nada que eu tinha dito. — *Qualquer coisa*, Min. Qualquer coisa, qualquer coisa. Se a Willows estivesse aberta, as flores iam acabar, porque eu ia comprar todinhas.

— Eu estou *furiosa* com você — falei, enfim. Quantos são os filmes em que o homem, ou a atriz, pede desculpas em público? Eu não conseguiria assistir.

— Eu sei — você disse.

— Eu *ainda* estou furiosa.

Mas você chegou até mim. As suas mãos passaram pelo meu rosto e o cobriram. Não sei o que eu teria feito se você tivesse me beijado, Ed, mas você teve noção. Você só me abraçou, acalentando as minhas bochechas lacrimosas.

— Eu sei. É justo.

— Muito furiosa. Você fez uma coisa *horrível*.

— O.k. — A multidão ainda estava lá, mas perdia o interesse.

— Não, *não está* o.k. — eu falei, sem mais. — *Sim*. Foi *péssimo*.

— Sim, me desculpa. Desculpa.

— Não diz mais vinte e seis vezes. Uma vez já basta.

— Ah, é?

— Não sei.

— *Qualquer coisa*, Min. *Qualquer coisa*, mas você tem que me dizer o quê.

— Eu não quero falar nada com você.

— O.k., mas *Min, por favor*.

— Isso não está o.k.

— O.k., mas o que eu... como que a gente pode começar?

— Não sei se eu quero.

Você piscou, piscou, piscou. A sua mão estremeceu no meu rosto, e de repente eu pensei que agora era a minha mão suja. E também que eu não me importava. Não estava o.k., Ed, mas talvez...

— Como, Min? *Qualquer coisa*. O que eu posso fazer, o que eu... como eu faço para você querer começar?

Eu não podia. Não, pensei, não chore quando falar. Mas aí, porra, você já está chorando mesmo, e ele te fez chorar. Min, eu pensei, é o amor, isso que é. "Café", falei, chorando. "Café, creme extra, três colheres de açúcar", e você nos levou embora, rápido com os braços à minha volta pelo campo inteiro, nem um único tchau para ninguém da Megafesta, no frio da noite até a confusão no ônibus, as suas mãos no meu rosto de novo, as coisas doces que você me disse, tão suaves contra o barulho do motor, e aí fomos andando até o In theCups, empurrando as portas duplas até bater, para proclamar que, em penitência por maltratar o seu verdadeiro amor, Min Green, você gostaria de comprar um café grande, creme extra, três colheres de açúcar para cada um dos fregueses daquele distinto estabelecimento, que consistiam em um velho estupefato lendo o jornal e que já tinha café. Insistindo que o homem fosse testemunha da sua promessa solene de que nunca mais uma gota de Viper tocaria os seus lábios. E aí voltou do banheiro com este *flyer*:



dizendo "olha que legal este *flyer* de um show que a gente *tem* que ir amanhã, porque, olha só, é o Carl Haig que

tocava bateria para o Hawk Davies, que é aquele cara que você e a Joanie gostam, estava pendurado no quadro de avisos perto do banheiro", onde você foi arrumar o cabelo e se abotoou de novo, decente e sóbrio, e voltou pedindo que por favor eu fosse com você porque você me amava.

— Talvez.

— Ah, Min, *por favor*, não diz "talvez" assim.

— O.k., sim — falei, e o café desceu para dentro de mim. Eu me sentia envergonhada, pegando o ônibus 6, de dizer que ainda estava brava com algo de dois ônibus atrás. As "gostosuras ou travessuras" estavam à nossa frente, crianças com um pai louco vendo alguma coisa no celular. Completamente estranhos, foi o que pensei. Se eu ainda estava furiosa eu ficaria sozinha, sábado à noite, Halloween, no ônibus. — Sim, o.k.? Mas ainda estou furiosa.

— É justo — você disse, mas eu não queria que você sorrisse.

— *Ainda estou.*

— Você já disse, Min. E eu ainda estou pedindo desculpa e a gente para aqui.

— Eu sei.

— Não, é a nossa parada, isso que eu quis dizer. Para descer do ônibus.

E a gente desceu, no cemitério, silencioso e receptivo na noite fria, sabendo que ainda tinha o Baile pela frente, nessa porcaria de noite. Os nossos pés crepitavam e tropeçavam na grama sombria.

— Tem certeza de que quer ir?

— *Sim* — falei. — Os meus amigos. Olha, eu fui no seu negócio.

— O.k.

— Então você vai ter que sofrer o meu. "Qualquer coisa", você que disse.

— Sim, o.k.

— E é para *sofrer*. Porque eu ainda...

— Eu sei, Min.

Eu te dei a minha mão. Ficou um pouco menos horrível ficar só caminhando naquele silêncio. Alguma coisa se mexeu, de um lado, mas eu estava segura lá, na luz escura dos túmulos, as cruzes de pedra e as folhas mortas, quase o.k.

— Sabe — você disse, a respiração nebulosa —, pensei nesse lugar para a festa.

— O quê?

— Da Lottie Carson.

Foi a primeira vez que você lembrou o nome dela.

— É legal — falei.

— Mas aí eu pensei: talvez pareça um insulto, não apropriado para um aniversário de oitenta e nove anos.

— É verdade — falei. Os faróis vinham da rua passando pelas árvores, as lápides imóveis frente ao clarão, como cervos. Eu via os números das datas, as vidas longas e as não tão longas. — Talvez ela seja enterrada aqui — falei. — A gente vai ter que visitar, trazer flores, cuidar que não tenha camisinha em cima do túmulo.

Você apertou a minha mão, a gente continuou. Você, Ed, devia estar pensando na sua mãe e onde, quando, ela vai acabar. Você deve, espero, ter falado sério sobre umas das coisas que disse.

— Talvez *a gente* seja enterrado aqui — você disse. — E os nossos filhos venham trazer as flores.

— Juntos — falei, não consegui falar sem sussurrar. — Juntos bem aqui.

Foi aquilo, aquele momento tão lindo ali, que me puxou para o seu lado de novo, Ed. Ficamos lá uns minutos parados e depois continuamos a caminhar. A grama era grossa, a gente soltou as mãos, mas estávamos juntos rumo ao resto daquela péssima noite.

O Salão Escandinavo parecia uma merda, a mesma merda de serpentinas com meios corações de sempre a esvoaçar. O mesmo gárgula de sempre arrulhando o mesmo gelo-seco na luz verde de sempre na porta, como um tio bêbado. Entramos juntos, mas ninguém notou, porque já tinha gente brigando, ou talvez fosse só uma mesa que tinham derrubado, e aí com um sorriso de vergonha você saiu correndo, louco pelo banheiro. Tinha o casaco imundo de alguém numa mesa. Andei piscando, olhando para os lados, passei pelo Al, triste na fantasia Pura Maldade de um fantasma sujo de sangue, sentado em silêncio com a Maria e a Jordan, que estavam vestidas de Republicanos com manchas de petróleo e *bottoms* da bandeira. Nunca te contei o que aconteceu na chapeleira. Mas agora eu conto porque não foi nada. Na chapeleira ficava o ponche de frutas numa tigela em que anotaram "ESPERANÇA", mas nenhum dos acompanhantes estava olhando, aí o garoto da concha dava um olé na preguiçosa da Susan, e uma tigela idêntica surgia pelas cortinas com o negócio batizado. E o garoto da concha era o Joe.

— Oi, Min.

— Ah, oi.

— Você está de quê? Eu sei que não pode ser o Hitler, mas parece.

Suspirei.

— Carcereira-chefe de prisão. Perdi o chapéu. E você?

— Minha mãe. Perdi a minha peruca.

— Ah.

— É, ah. Ponche? O de verdade?

— Sim — falei. As minhas entranhas ainda estavam loucas por causa do café e da montanha-russa que fora a noite. Eu me sentei enquanto ele servia.

— Bom Halloween? — ele me perguntou.

— Nunca.

— Um brinde.

A gente bateu os copos plásticos, infelizes.

— E como andam as coisas?

— As coisas?

— O Ed Slaterton, quis dizer, acho.

— É, achei que era isso.

— Bom, todo mundo fala.

— Me dá mais ponche.

O Joe sempre me obedecia. Foi por isso.

— Então está indo bem, é? — ele disse.

— O quê?

— Fazendo você beber.

— Acho que sim — falei, sentada e fazendo gestos dramáticos. — Eu sou uma viúva do basquete.

— Isso é ruim?

— Não, não. Só às vezes. É diferente, sabe.

— Bom, acho que não se desiste ao primeiro sinal de problemas — ele disse, mas sem olhar para mim enquanto eu piscava para ele.

— Claro que sim — falei para ele, o mais perto que já cheguei de pedir desculpas. — E você? Ouvi falar da Gretchen Synnit.

— Nem — o Joe disse. — Foi só uma festinha depois da apresentação. Agora estou namorando a senhora Grasso.

— Ah, legal. Mas acho que professoras de educação física costumam ser lésbicas.

— É mesmo?

— Bom. *Eu* dormi com todas.

— Por isso que estou namorando a Grasso — ele disse. — Para ficar mais perto de você.

— Ah, *para*. Você nem sente saudade de mim.

— Não muito. Se bem que a gente falou que ia continuar amigo.

— A gente é *amigo* — falei. — Olha, essa conversa está estranha. Se isso não é amizade...

— Que tal dançar? — ele disse, e o corpo dele se sacudiu até parar. Muito bêbado, percebi, mas por que não? Talvez dançar fosse um jeito de fazer aquilo passar. Por que não, por que não, porra? Por que não sair do túmulo e aterrorizar por aí em vez de ficar morta e enterrada no cemitério? Era Halloween, e era "Culturethevulture" que soava pelo Salão Escandinavo quando o Joe me levou para a pista já aos rodopios, a música que o Joe mais ama, a versão mais longa que a gente ouvia no chão do quarto dele dividindo os fones de ouvido, a minha mão embaixo da camiseta dele naquela barriguinha macia, sabendo que aquilo o deixava louco. A minha vingança às vistas, desabotoando a fantasia pela primeira vez, mostrando o forro do casaco esquecido do meu pai e também o que eu usava por baixo. Que era para você, Ed, o meu melhor sutiã. Girando desafiadora na minha cabeça, vermelha de ponche. E o casaco desabotoado. E a respiração do Joe em mim, o suor que eu sentia escorrendo pelo pescoço, a pulsação do segundo verso. E você, claro, você esperando a música, constrangido e aterrorizado, o Al também, fingindo que não olhava, mas olhando, enquanto eu dançava e fingia que não sabia de nada. O Joe me jogando tão para baixo que o sutiã ameaçava um desastre, senti o pulso acelerar, bravo e forte, as minhas pernas soltas e os braços erguidos naquele ar glorioso, as luzes cintilando nos meus olhos, os lábios abertos com as letras, e tudo que eu pensava apagado da minha cabeça enquanto a música rugia alta e livre. Faz passar, foi o que eu sentia. Manda para o inferno, chuta a bunda dela, truculenta, de salto alto, arranca e rasga tudo, tanto esse Baile quanto a Megafesta, essa cavalhada de

não sei que mais, foda-se isso e que suma daqui. Seja diferente, como já dizem que você é. Eu dancei e aí estava terminado, realizada até o fim, atravessando a pista sem olhar para trás, nem para o Joe, agora sozinho, nem para o Al, nem para a Lauren, a Maria, a Jordan, ninguém, nada, todo mundo. Só você, pelo que valia a pena ficar. Tarde da noite, a música encerrada, o último "*Madness!*" do cantor ecoando, *ness-ness-ness*, e eu cheguei em você e encontrei os seus olhos me encarando maravilhados e vorazes. Eu sabia quem você era, Ed Slaterton. Abri a boca e te beijei, a primeira vez naquela noite, te ataquei e te cerquei por completo, e vamos cair fora daqui. Eu estou pronta, eu estou acabada, não vamos acabar, não, não. Me leva para casa, meu namorado, meu amor.



E AQUELA TARDE SEGUINTE, tão espumante quanto aquilo que nos serviram. Eu te encontrei na frente do Blue Rhino com o sol me ferroando, um pouco atrasada porque era difícil de achar, errando a esquina duas vezes, me sentindo ressequida com os membros se mexendo como se tivesse entrado cascalho na máquina, o álcool rondando o meu corpo como uma música ruim que não sai da cabeça. Por dentro eu não tinha certeza — o teto era tão alto que cada som parecia um cotovelaço ecoado na minha dor de cabeça, e a máquina de espresso continuava a grunhir como um gato selvagem. Mas as cadeiras eram de ferro frio, com fundo almofadado, e me senti confortável ao sentar nelas. Pálido e abatido, você fez o nosso pedido, e trouxeram este drinque maravilhoso. Como você sabia? De onde vinha essa coisa abençoada? Nunca perguntei de onde você conhecia ou se você conhecia e nunca vou saber, na verdade foi um feeling, eu já vejo que, se eu me forçasse a ir ao Blue Rhino mais uma vez, o Blue Rhino não existiria mais. Seria uma porta queimada, quem sabe, ou um muro de tijolos descascados e encardido pelo tempo para mostrar que sempre fora um muro de tijolos e toda aquela tarde de abrigo fora algum desejo ou sonho que havia sido roubado. Como aquela cena triste, muito triste, em *Mar das almas* em que o Ivan Kristeva volta a todos os seus antros antigos — "antros" é o que diz a legenda — e vemos que essa felicidade é um fantasma que agora se foi para sempre, um truque que volta pela manga, apenas as três cartas — sete-nove-rainha de copas — provam que ele encontrara a princesa deposta e amedrontada na carroça do mascote, que agora está amassada e cheia de teias diante do nosso

atordoado herói. Era um lugar e uma hora secreta, você ao meu lado, inencontrável e longe deste mundo.

O Carl Haig estava tão cambaleante que teve que se apoiar no braço de uma garota que pensei que fosse filha dele quando caminhou até os instrumentos, titubeando nos óculos escuros e empedernido no terno poeirento, com mãos que pareciam gastas e frágeis mesmo das nossas cadeiras no canto. Houve poucos aplausos, e ele começou a mexer nos tímpanos e nos címbalos, só umas batidinhas aqui e ali para ver o que funcionava e o que precisava arrumar. A filha bebia de um grande copo d'água, e um cara de barba trançada veio à frente e pôs um contrabaixo de pé assim que ficou claro que o Carl estava testando o ritmo. O baixo começou a rodar algumas notas, os címbalos soaram pelo teto por um instante, e aí os dois entraram realmente no ritmo. Encostei a cabeça dolorida no seu braço e ficamos parados por um instante enquanto a música nos servia de boia. E aí a luz atingiu as águas, e eu lembrei e levantei a minha da nossa mesa e tomei um gole e a sentia gelada e gasosa na garganta e o meu corpo inteiro agradecido e ressuscitado no momento em que a garota soltou o copo, ajoelhou-se como se estivesse arrumando o sapato, aí se levantou com um grande objeto dourado nas mãos e começou a tocar uma melodia profunda e adorável no trombone, estranha e ressoante, vibrando nos meus ouvidos como a água no meu estômago, e eu respirei pela primeira vez desde o início do Halloween. Megas e Bailes sumiram da minha memória. Ainda consigo ver, Ed, eu me encostei ainda mais em você, senti que você mexia a cabeça seguindo os sons do salão, e o seu calor me dava um sinal debaixo da sua camisa, amável, forte, certo e seguro. Nós nos cobrimos e bebemos mais água, como se ela tivesse oxigênio extra, como se também fôssemos mineralizados e filtrados. Puros, até. E eu me estendi para achar o seu ouvido e

sussurrar assim como você me murmurava, como se houvéssemos praticado, como se fôssemos uma combinação à parte do frenesi do mundo, uma linha pontilhada às escondidas das garras do colégio e da pressão, soltos e firmes, pulsando juntos num lugar onde ninguém podia nos encontrar.

"Eu te amo", é claro, era o que a gente dizia.

Foi só uma única e longa música, se música é a palavra certa, somente alguns tons baixos, calmos, que se espalhavam como um banquete pelo ar, e aí acabou e nós aplaudimos e saímos pela porta, com a minha garrafa vazia no bolso do casaco que havíamos comprado para roubar açúcar, o casaco que você tinha me devolvido, o que estou te devolvendo com todo o resto. Fiquei do lado de fora com você, e era como se o Blue Rhino já estivesse esvaecendo, eu achava que, se não falasse algo sobre quanto estava me sentindo bem naquele instante, então tudo se perderia e estaríamos novamente no colégio. Então falei.

— Eu quero te dar as minhas chaves.

Você estava sorrindo, mas aí franziu o cenho.

— Hein?

— Eu disse que...

— Do que você está falando? O que você quer dizer?

Tive muito ódio da minha mãe.

— Quer dizer que...

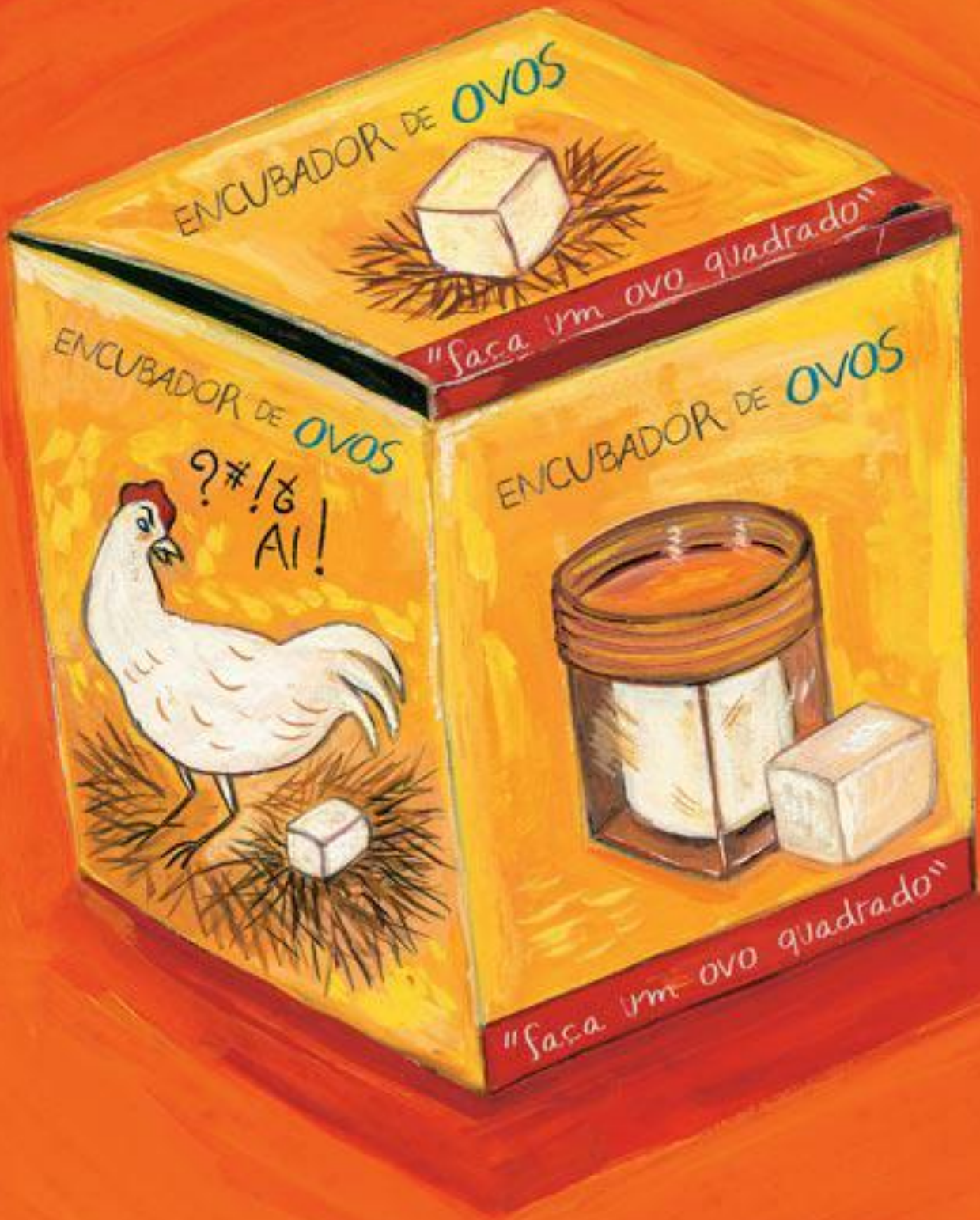
— Parece que quer dizer que eu posso ir morar com você, mas Min...

— Ed...

— A gente está no colégio. A gente mora com a mãe, lembra?

Então eu tive que explicar, na humilhação apalermada. Tive que explicar o que eu quis dizer, rápida, calmamente, e, assim que entendeu, você sorriu de novo. Você pegou a minha mão e disse que ia cuidar, você disse, Ed, que ia cuidar de tudo. Disse que já

tinha encontrado o lugar extraordinário, e acreditei em você. Acreditei em você porque olha só esta água, engarrafada num lugar que não parece ser de verdade, os ícones antigos no rótulo, o gosto que ela tinha, diferente de tudo, mas uma espécie de nada melhor. O que isso quer dizer? De onde vem uma coisa assim? Como você vai encontrar de novo, bem o que você queria e na hora certa? Nunca, provavelmente. Agora está vazia e nada, não sei nem por que fiquei com ela, e não vou mais ficar. Foi por isso que a gente acabou, Ed, por uma coisinha pequena que sumiu ou quem sabe nunca tenha estado de verdade nas minhas mãos.


ENCUBADOR DE OVOS
"faça um ovo quadrado"
ENCUBADOR DE OVOS
?#!&
AI!
ENCUBADOR DE OVOS
"faça um ovo quadrado"

OS ENCUBADORES DE OVOS, o que você fez com os que sobraram? A VintageKitchen tinha sete e compramos todos, rindo, você estava suado do treino e ainda conseguiu jogar o seu charme para conseguir um desconto do homem de bigode retangular que deve ter achado que você estava chapado. Na verdade eu que me sentia assim, com sete encubadores de ovos na sacola. Tirei todos, batendo papo com uma Joan muda na saída — eu já devia ter percebido —, e fiz uma pirâmide de encubadores de ovos sobre o forno elétrico enquanto você tomava banho. Você deve tê-la visto saindo da garagem pela janela, pois desceu de toalha. Depois nós concordamos, a minha coxa machucada no puxador de um dos armários, que amanhã com certeza faríamos o teste, mas eu tinha que ir para casa, estava com as roupas tão sujas e folgadas que eu tinha certeza que a minha mãe ia saber que eu tinha tirado. O nosso último *tudo com exceção de*. No meu quarto, joguei as lições de casa relutantes na cama — você deve saber como biologia era crucial naquele mês — e achei um encubador de ovos que tinha perdido. Deixei-o de pé no criado-mudo e aí me esqueci dele até a gente terminar e a galinha na caixa zombar de mim com a sua cara zangada de tirinha de jornal. Olhando para a própria bunda, reagindo ao ovo encubado, o pacote parece tão estranho e intocado que o Will Ringer provavelmente viu a mesma coisa, que ele chama de "astuto aparato", na página 58 de *As verdadeiras receitas de Hollywood*. A galinha diz basicamente a versão mais curta de toda esta carta que estou escrevendo: "*?#!*Ai!*".

Quando a Lauren tinha sete anos, ela via símbolos nos balões de fala e os pais supercristãos dela eram tementes a Deus demais para explicar que os símbolos queriam dizer "porra", então no primeiro ano a gente tinha essa piada de dizer "ah, seu cerquinha ponto de interrogação" e "que asterisco ponto de exclamação esse mundo". Isso me fez pensar nela e no álibi. Liguei para ela pela primeira vez desde sempre, como ela fez questão de destacar.

— Eu sei, eu sei — falei. — Tenho andado ocupada.

— Pois é. Eu te vi bem ocupada no Baile.

— Ah, para.

— É verdade. Você me aparece com a superestrela do basquete e aí vai dançar com o ex. Como eu ia saber que, quando a gente se meteu nos *Ponteiros do relógio* no ano passado, você ia decorar aquelas aulas de novela?

— A gente só dançou.

— Tanto só dançou que fez a Gretchen ir embora mais cedo. E isso sem contar todo o drama do Al. Min, eu queria mesmo que vocês, tipo, beijinho-beijinho, estamos de bem.

— Ele sabe onde me encontrar — falei.

— Sim — ela disse, afiada. — No treino de basquete.

— Ele é meu namorado. É o que ele faz.

— Isso e pegar dinheiro da minha bolsa.

— *Lauren* — falei. A Lauren e o seu rancor bíblico. Talvez eu não devesse ter perguntado logo para ela, pensei.

— Só quero que vocês sejam amigos de novo. Como é que vocês vão fazer essa festa de aniversário da estrela de cinema se a gente não for convidado?

— *Vocês vão* ser convidados — falei.

— Não, não — ela disse. — Não vem com dividir para conquistar. É o Al ou nada. Liga para ele, Min.

— Vou pensar.

— Claro que você vai pensar. *Liga para ele*.

— O.k., o.k.

— Ele está mal, todo ruim. A Bonnie Cruz o convidou para sair, e ele disse que não estava com cabeça para pensar naquilo, e não namora ninguém desde...

— Eu sei, a menina de Los Angeles.

A Lauren fez uma pausa.

— Um dia vamos chegar nesse assunto — ela disse, como um professor de segunda série ensinando álgebra. — Mas acho que hoje você me ligou para eu fazer com que você se sinta culpada, né? Não tem como ser outra coisa, certo? Não tem.

— Bom, eu também queria ouvir você cantar — falei.

Ela fazia uma voz "linda" quando ficava de sacanagem com alguém no acampamento da igreja, aos dez anos.

— "*Jesus é minha frô*"...

— O.k., o.k., piedade. Preciso de um favor.

— "*Seu amor me faz resistir*"...

— *Lauren!*

— Promete que vai ligar para o Al.

— Sim, sim.

— Jura?

— Juro pela estatueta de são Pedro da sua mãe.

— Jura por algo que seja sagrado para *você*.

Eu quis dizer você. Hawk Davies.

— Juro por *O elevador desce*.

— O.k. Bem escolhido, aliás. Então, do que você precisa?

— Preciso que você me convide para ir dormir na sua casa no sábado.

— Claro — ela disse, e depois — Ah.

— Pois é.

— Tipo, você não vai vir.

— Isso.

— Mas a sua mãe...

— Para ela, eu vou passar a noite na sua casa.

— Dormindo aqui — a Lauren disse. A ligação ficou um silêncio, como se estivesse falha.

— Você me dá essa mãozinha, né?

— Acho que quem vai *dar uma mãozinha* é *você* — ela disse.

— *Lauren*.

— Me responde uma coisa: se me pegarem nessa...

— Não vão — respondi rápido.

— É o que *você* diz, carcereira.

— Você já saiu escondida. *Comigo*. Os seus pais dormem cedo e vão para igreja antes de qualquer pessoa normal acordar.

— E se a sua mãe desconfiada ligar com alguma suspeita para conferir a sua história suspeita...

— Não vai.

— Onde eu posso te encontrar quando tiver que ligar para você para ligar para ela e salvar a minha pele?

— Ela vai ligar para o meu celular.

— E se ela for mais esperta que um macaco, Min? E aí? Onde você vai estar?

— Aí você me liga.

— Min, você quer que eu seja sua amiga e eu sou. Então conta para sua amiga o que está acontecendo.

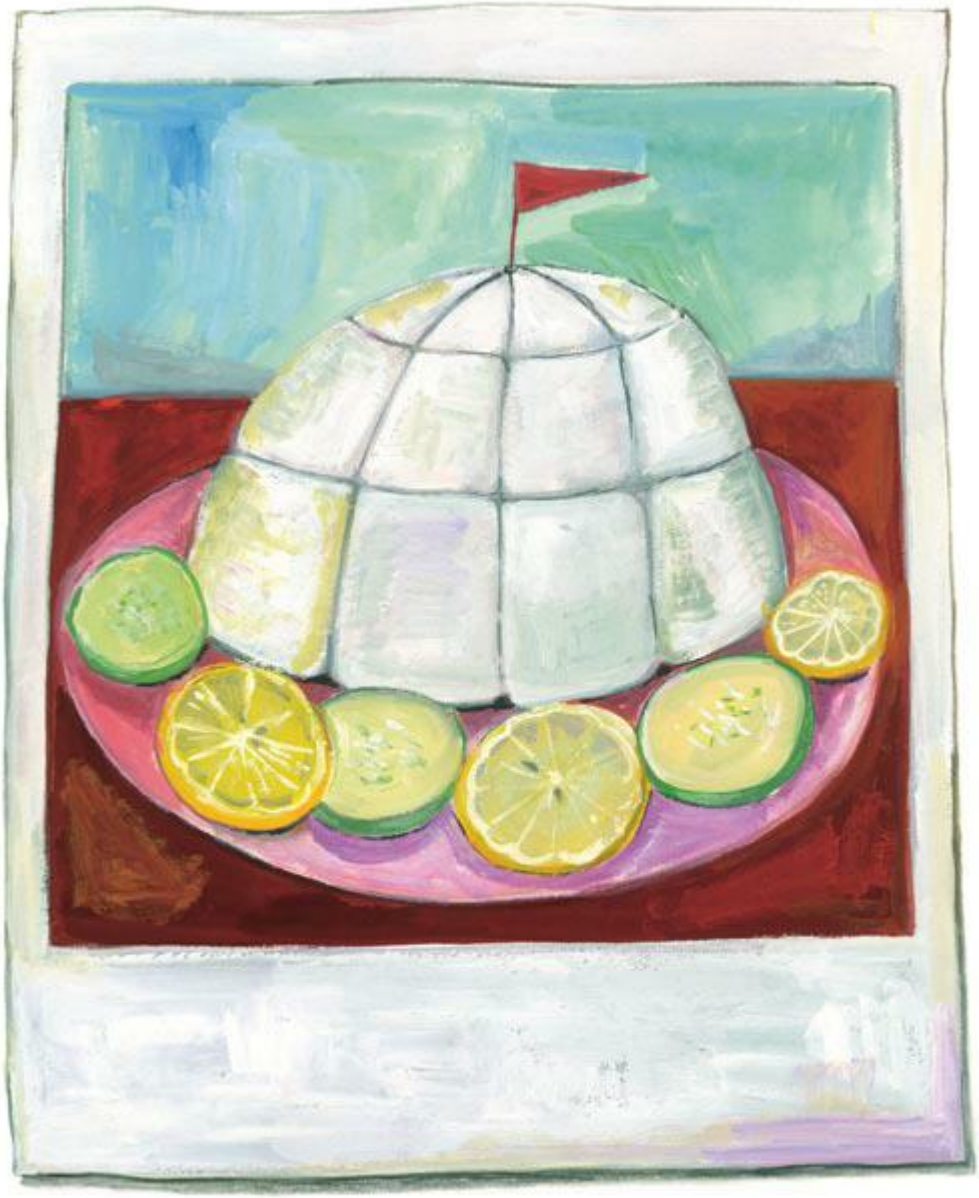
— Hã...

— "*A luz de Jesus sempre vai te acolher*"...

— Asterisco ponto de exclamação — falei, e aí contei para ela.

— Ah — ela disse, bem devagar, tremendo, como se estivesse fazendo algo doloroso. *Ai*. Como se fosse desapontar alguém.

Como morder a língua. Como se um ovo quadrado estivesse passando pelo corpo. — Ai, Min — disse ela. — Espero que você saiba o que está fazendo.



A TINTA DA CANETA ESTÁ ACABANDO. Vou deixar no Leopardi's quando terminar — não, por que deixar esse lixo maldito para eles? Eu jogo na caixa quando der conta de você, como os ladrões dos filmes que jogam a arma fora quando as balas terminam. Estas páginas apagadas, as últimas, serão como esta foto, uma obra perdida e borrada de magia à moda antiga que captura a imagem de algo impreciso, quase lendário. Ninguém mais faz isso, provavelmente, não importa o que digam as estrelas, e agora só resta esse vestígio ruim de nós do qual estou te lembrando com tinta fraca. É como se nunca tivesse acontecido.

Saímos antes do ônibus e compramos os ovos e o caviar barato e o pepino britânico e um limão grande. Você me contou a história de quando a Joan comprou um monte de pepinos por engano, anos atrás, para fazer pão de abobrinha, e isso me lembrou de convidar você e *toda a sua casa*, palavras dela, da minha mãe, para o Dia de Ação de Graças. Não falei todas as coisas que *ela* disse, que os feriados são complicados etc., mas falei que a Joan podia vir e cozinhar. Falei que uma hora a gente tinha que fazer isso, juntar você e a sua mãe e eu e a minha mãe no mesmo recinto. Falei que talvez não fosse de todo mal, quem sabe até bom. A gente falou quais pratos de Ação de Graças tinham que ser feitos exatamente do mesmo jeito todo ano, e em quais havia liberdade para experimentar e melhorar. Não concordamos em tudo, e por algum motivo dessa vez foi estranho.

Você disse "talvez".

Na sua casa, você tomava banho e eu fervia água. Fiz os ovos do jeito que tinha aprendido com a Joan e a sopa birmanesa, mas a Joan não estava lá para aprovar. Então ficou aquele silêncio, depois de desligar a água lá em cima e nenhuma música na cozinha porque eu sabia que você não gostava do Hawk Davies e você já tinha sido um bom menino no Blue Rhino, então não pus nada e esperei os ovos. Você desceu todo vestido e começou a picar o pepino e me beijou no topo da cabeça. Fiquei lá amando você, mesmo que aquele amor tenha me deixado, não triste, mas acho que melancólica, por algum motivo que eu não sabia explicar. Tentei me exibir lendo o livro de receitas toda animada, mas na verdade era algo bem simples de se fazer. As instruções eram supérfluas. Ficamos sorrindo, enfiando os ovos nos incubadores, mas não rimos, deixamos tudo no freezer e aí ficamos esperando. Deitamos no sofá. A TV ligou e desligou. Nos levantamos, pusemos a segunda leva, sentamos de novo. A tarde passou em tédio. O meu estômago parecia ter dado um nó, mesmo com as suas mãos à minha volta e os beijos na minha orelha. O timer apitou de novo e fomos ao serviço, eu comendo os restos cozidos enquanto íamos montando, o que não ajudou em nada o meu estômago. Você já tinha tudo desenhado num esboço de cálculo II, as linhas retas e prolongadas, a sua habilidade na faca afiando as curvas. E lá estava, depois dos últimos retoques. Ficamos observando como astronautas, as mãos com medo de chegar mais perto. Foi mágico, porém mais estranho que mágico, exatamente como tínhamos planejado, aquela coisa perfeita que eu tinha encontrado no livro ali mesmo na sua pele lisa e branca, mas ainda muito estranha. Pensei que não tinha como, o que a Lauren disse. A gente sabia o que estava fazendo?

Ainda estávamos de pé como Frankensteins olhando para aquilo quando a Joan entrou carregando os livros da faculdade e alcachofra.

— Oi — ela disse. — O que é isso na minha cozinha?

— *Nossa* cozinha — você disse.

— Quem vai fazer o jantar hoje? — ela disse, tirando aquela echarpe que eu adorava. — E todas as noites? *Nós?* Na *nossa* cozinha? Ou *eu*?

— Isto — falei, cansada do Festival da Discussão Fraterna dos Slaterton — é...

— Espera aí, já sei o que é — a Joan disse. — É aquele tal de iglu que você me contou, Min. Você fez mesmo.

— É o Iglu de Ovos Encubados da Greta sobre uma massa de gelo com pepino em conserva com limão mais surpresa de caviar.

A Joan soltou as sacolas.

— Qual é a surpresa de caviar?

— Tem caviar dentro — falei.

— Dentro daquilo?

— Dentro do iglu, isso.

— E é tudo... *ovo*?

— A gente encubou todos e aí arrumou. O que você achou?

A Joan virou a cabeça para o lado.

— Não sei o que achar — ela disse. — Tipo, é meio que fantástico.

— Bom para uma festa? — perguntei.

— Os convidados teriam que ser minúsculos para conseguir entrar.

— *Joan* — você disse.

— E o que são aquelas coisas enfileiradas secando?

— Encubadores de ovos — falei. — Tivemos que comprar um monte.

— Tenho certeza de que é um investimento do qual nunca vão se arrepender — ela disse.

— *Joanie*.

— Bom, vamos fazer outro para a festa mesmo — falei. — Este aqui é só um teste.

— A festa de aniversário, lembrei — ela disse.

— *As verdadeiras receitas de Hollywood* — falei. — É a receita do Will Ringer, inspirado em *Greta em fuga*.

— Você disse que ia fazer um iglu para o aniversário de oitenta e nove anos da Lottie Carson — ela disse, maravilhada. — E aí fez, exatamente como queria. Exatamente como você falou. Tipo. Uau.

Você ficou lá sorrindo um pouquinho.

— Deixa eu pegar a câmera — ela disse. — Posso tirar uma foto?

— Claro — falei.

— Esse tipo de coisa — ela disse, a voz séria, com a descrença que perdurava — tem que ser documentado.

Ela correu para o andar de cima e ficamos sozinhos na cozinha. Depois de um prolongado silêncio começamos a conversar. Eu ia dizer uma coisa imbecil e você disse...

— Desculpa, que foi?

— Não, pode falar.

— Mas...

— Sim.

Você pegou a minha mão.

— Eu só ia dizer que sei que foi meio estranha, essa tarde. Diferente.

— É — falei.

— Mas acho que vai ficar melhor, sabe, depois. Amanhã, quero dizer.

— Entendi o que você quis dizer.

— Desculpa.

— Não, acho que você está certo.

— Eu te amo.

— Também te amo.

— E, sabe, você pode, não tem problema você mudar de ideia.

Eu me encostei em você, forte, como se tivesse esquecido por um instante como é ficar de pé.

— Não vou mudar — falei, e era verdade. Mas era verdade *ali*. — Nunca vou mudar de ideia.

Ficamos daquele jeito ouvindo a Joan fechar um armário e descer. Ed, é ridículo, mas eu também amava a Joan. E podia matar a maldita por não ter falado nada. Mesmo que, seja lá o que ela dissesse e eu ouvisse, eu não teria mesmo como imaginar.

— Vou usar o Insta-Deluxe — ela falou para o Ed. — Lembra? A gente tem caixas de sapato cheias da gente nelas. Eu sei que é antiquado, nem devem fazer mais. Mas digital não parece bom o bastante para uma coisa dessas.

— Eles ainda fazem — falei. — Voltou à moda uma época depois daquela cena no *Revelação sinistra*.

Ela tirou a foto com o zumbido e as engrenagens daquela velharia. A foto saiu pela fenda, e ela começou a sacudir para aparecer mais rápido.

— Então, quais são os seus grandes planos para a noite de sexta-feira? — ela nos perguntou, *sacudindo, sacudindo, sacudindo*. — Ah, já sei. Comer um grande iglu.

Fiz que não.

— Não posso. Tenho um negócio de família.

— Ah — a Joan disse, com um olhar de canto para você. Você tinha me dito que era bom ficar em casa, Ed, se você

lembrar dessa merda. — Bom, eu vou comemorar as minhas provas no sofá com alcachofras fritas, pasta de alho e *A areia da praia*.

— Dizem que é maravilhoso — falei, mas você já tinha pego a minha mão, então não falei o que eu queria, *Queria poder ficar*.

— E quando eu sair amanhã de noite — a Joan disse, firme —, espero que o namorico de vocês dois seja comportado.

— A Min já tem mãe — você disse. — Não seja a dela, Joan. E mais: a gente vai sair — não era mentira.

— O.k., o.k. — ela disse. — Está certo. A mãe dela se garante, pelo que ouvi. Mas eu tinha que dizer alguma coisa, Ed.

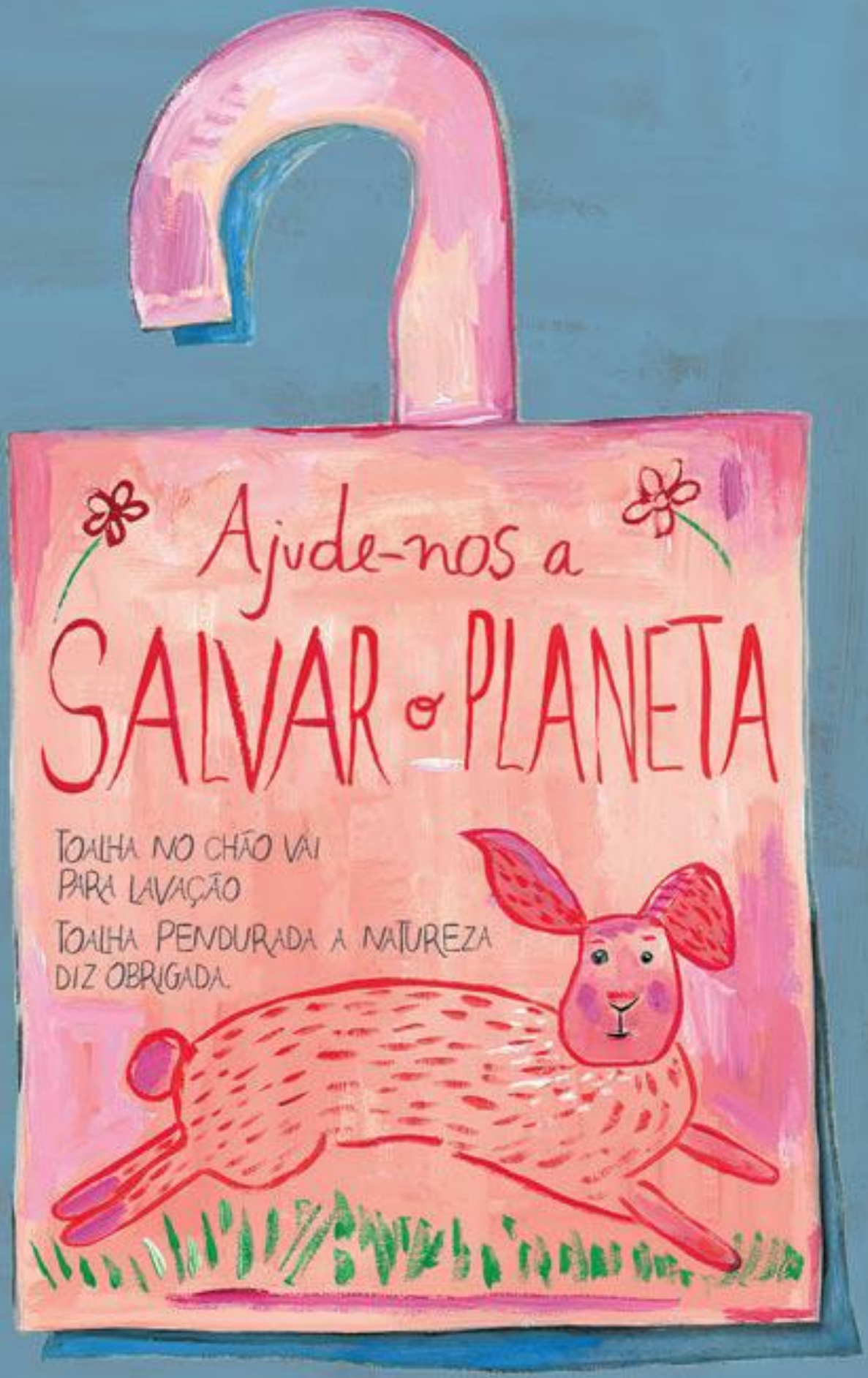
— Te vejo amanhã — você falou, como se também tivesse que dizer alguma coisa. — Te ligo de manhã.

— Eu te amo — falei, na frente da sua irmã, e você me deu um beijo na bochecha.

— Não esquece da foto — a Joan falou rapidinho, para você não ter que dizer nada, acho. Ela colocou na minha mão. Nós todos fomos até a porta e paramos mais um segundo para olhar para o iglu e depois para a foto e depois para o iglu de novo. Era melhor na vida real do que olhar para ele na foto, maior na cozinha, mais grandioso, como algo fantástico em que você podia entrar, um castelo de princesa, um sonho realizado. Nisto aqui parece só estranho. Era estranho. Mas eu também amei.

— Por que *eu* fico com a foto? — falei. — Foi você que falou que tinha que ficar documentado.

— Pode ficar, Min — a Joan disse, tranquila. E também: — Foi você que sonhou — ou algo assim. Ela disse que a ideia era minha. E aí disse alguma coisa do tipo "pode ficar caso não dê certo da próxima vez". Pode ficar, caso não dê certo quando você tentar fazer de novo.


Ajude-nos a
SALVAR o PLANETA
TOALHA NO CHÃO VAI
PARA LAVAÇÃO
TOALHA PENDURADA A NATUREZA
DIZ OBRIGADA.

NÃO SEI POR QUE guardei logo isso, essa coisa que estava no porta-toalhas. É até meio nojento, tipo para lembrar que afinal de contas eles eram *obrigados* a trocar os lençóis. Se pudesse ter escolhido alguma coisa, teria sido da parte lounge do Lounge e Motel Dawn's Earl Lite, onde eu já tinha ido no primeiro ano depois de uma dança na sinagoga em que um cara chamado Aram me levou. Aram e eu tomamos ginger ale e ficamos olhando para o teto do lounge, pássaros empalhados e empoeirados fazendo um círculo em volta do gesso, com uma borboleta imensa bem no meio, batendo as asas lenta, lenta, lentinha com os seus abanadores motorizados, e alto-falantes que tocavam sons da natureza. É *mesmo* extraordinário, Ed. Eu tive que concordar. Até aquela placa gigante lá fora, o *Lite* iluminado e piscando, glamoroso e atraente com aquelas três flechas revezando-se para iluminar de um jeito que a flecha fica se mexendo, conduzindo todo mundo da Rota Sul ao estacionamento dos fundos. Talvez seja o lugar mais extraordinário que a gente chegou a ir. Você pensou bastante e achou, Ed, o local para me levar.

Mas eu não queria ir nolounge. Você disse que não tinha pressa, mas *tinha*, a gente já tinha arrastado os bolinhos pelo prato no Moon Lake, fingindo que era só mais um encontro. Eu devo ter dado três garfadas. Passei a noite sentindo o gosto de ervilha-torta na minha boca nervosa. E talvez as pessoas nos vissem no lounge. Fiquei esperando no carro enquanto você ia buscar as chaves.

O motel era construído em curvas e sacadas na ponta do terreno amplo. Provavelmente parecia algo que se vê do alto, eu o

imaginava a partir de um ângulo aéreo como uma foto de *Quando apagam as luzes* enquanto atravessávamos o asfalto com as nossas mochilas. "Plano aberto", diria a legenda da foto, "de *A idiota que achava que amor era para sempre*."

O quarto parecia um quarto, nada de extraordinário. As cortinas fechavam com uma longa varinha de plástico parecida com algo que o Mika Harwich usa com os cavalos em *Olhe nos meus olhos*. A mesa era fraquinha, o secador de cabelos era minúsculo como um revólver e ficava preso na parede do banheiro. Havia um globo de plástico plugado numa tomada do canto com a marca Primavera no Ar que tinha cheiro de uma flor violada. Fui no corredor pegar gelo e encontrei perto das máquinas umas caixas de papelão vazias mal empilhadas, todas de móveis. "DUAS CABECEIRAS DE MADEIRA", dizia uma delas. "UM ABAJUR". E, eu juro, "UMA TREPADEIRA".

— Não consigo fazer funcionar — você disse quando eu voltei. Você tinha girado a TV ao contrário, como se estivesse cortando o cabelo dela, mexendo com os cabos e buracos e não sei que mais, procurando um conector.

— O que você está fazendo?

— Me preparando para filmar, é óbvio — você disse.

Acho que a minha cara não mostrou que eu entendi que era brincadeira.

— Um filme. Era para eu conseguir rodá-lo do computador. Achei que ia ser legal.

— Que filme?

— *Quando baixa o nevoeiro*. É da coleção da Joan. Parecia, sabe, tipo algo que você ia gostar. E eu também. Tem esses dois, um soldado e uma veterinária que se conhecem na guerra, mas no campo, eu acho, dizia na sinopse...

— É bom — falei rapidinho. Coloquei o gelo na mesa mas fiquei com as mãos nele. Sobre a penteadeira estavam duas garrafinhas pequenas, uma cerveja para você e vinho branco da Austrália, que tinha atravessado o mundo de avião ou de navio, fiquei pensando. *Vindo de longe*.

— Ah, você já viu.

— Só uma parte. Faz muito tempo.

— Bom, a gente pode assistir no laptop mesmo.

— Tudo bem.

— Ah.

— Tipo, talvez.

— Tem morangos também — você disse, tirando uma embalagem que não aguentava mais esperar na sua mochila. Pensei que você tinha pensado em tudo.

— Como você conseguiu encontrar morangos em novembro? — Levei-os para lavar na pia.

— Tem um lugar que vende em Nosson. Só fica aberto dez minutos nas quartas-feiras às quatro da manhã.

— Para!

— Eu te amo.

Me vi no espelho amarelado.

— Também te amo.

Quando voltei, você tinha dado um jeito de mexer na iluminação, mas a coberta ainda era feia, não tinha o que fazer. Larguei os morangos molhados. Os seus ombros foram para cima sob a camiseta, eu estava louca para vê-los de novo, lindos.*Extraordinários*. E olhei nos seus olhos, abertos e iluminados com ternura, travessura, luxúria. Para mim, assim como eu. Eu sentia, você não ia acreditar no feeling que eu tive. Não tinha como filmar, não tinha como ser capturado. Quase não poderia acontecer, mas estava acontecendo mesmo assim. Chutei

os meus sapatos, mordi o lábio porque podia acontecer de eu rir. Estava pensando numa coisa que o treinador sempre dizia para você e para o seu time no treino quando eu assistia. “O.k., pessoal”, ele às vezes dizia, “vamos entrar com tudo.”


PRESERVATIVO
DE LÁTEX
HIPERSENSÍVEL

“CARACAS”, lembro de você dizer. Eu estava sorrindo porque não tive que receber as instruções que achei que fosse precisar, não muitas. Algumas coisas eu sabia fazer. Algumas coisas eu fiz muito bem.


SE UTILIZADO ADEQUADAMENTE, É EFETIVO
CONTRA A GRAVIDEZ.
ANTES DE USAR, LEIA AS INSTRUÇÕES
E RECOMENDAÇÕES NA CAIXA.
PRESERVATIVO DE LÁTEX

— DA OUTRA VEZ FOI MELHOR? — você perguntou.

— Era para doer — falei.

— Eu sei — você disse, e pôs as duas mãos em mim. — Mas acho que o que eu quis dizer foi: foi bom?

— Como enfiar uma laranja inteira na boca.

— Quer dizer que é apertado?

— Não — falei. — Quer dizer que não cabe. Você já tentou pôr uma laranja inteira na boca?

As risadas foram a melhor parte.



COMO SE FOSSE TUDO NORMAL

E AÍ JÁ ERA TARDE e nós ficamos famintos, lembra?

— Serviço de quarto? — falei.

— Não vamos exagerar, vamos pagar em dinheiro — você disse, e achou uma lista telefônica. — Pizza.

— Pizza. — Fiquei furiosa de pensar naquilo. A minha primeira refeição de adulta, eu não conseguia deixar de pensar, e ia comer comida de criança.

Fiquei tímida e me escondi no banheiro quando vieram entregar. Ouvi você falar normalmente com o cara e até rir de alguma coisa, como se fosse normal ficar de camiseta e cueca na porta, pegando a pizza com os trocados sobre ela enquanto eu me apertava perto da pia passando isto no cabelo. Me senti como se estivesse amarrada no poste, como uma bicicleta ou um cachorro, enquanto o dono batia papo, indiferente e despreocupado. Foi a sua tranquilidade, eu percebi, a sua tranquilidade e a sua normalidade que me deixaram passando mal. Peguei o pente, o aviso de papelão sobre o cabide, como se estivesse escondendo evidências da vergonha. Nunca havia sentido uma coisa assim, mas para você não era novidade nenhuma.


27

A MINHA PRIMEIRA MORDIDA NA PIZZA fez o molho esguichar no meu top, e parecia tanto com sangue que eu tive que tirar. Você me deu isto, mais um entre o assombroso número de itens na sua mochila sem fundo, e dormi do seu lado com ela, e depois várias e várias noites na minha casa, ficava tão grande em mim que parecia que eu estava dentro de você, esticada pelas suas longas pernas e aninhada no seu peito onde batia o coração. E acho que aquilo nos deixou quites. A gente se beijou tão gostoso quando acordou, apesar do hálito azedo e do lençol que ficava mais feio de dia. Mas tivemos que correr atrás de café antes que a Lauren ligasse ou alguém descobrisse. Já era tarde, um cinza reprobatório no céu. "Também te amo", lembro de falar, então deve ter sido uma resposta, você deve ter dito primeiro, mas mesmo agora, olhando para esta camiseta, tento não pensar nem imaginar nada. Eu usei a camiseta, Ed, isso que eu penso, como abrigo, como pele, naquela noite sozinha em cima da garagem. A cama parecia grande demais para dormir, então fiquei lá fora na noite acendendo aqueles fósforos, parecia que o Sonho de Maiakóvski tinha sido décadas atrás, os fogos minúsculos morrendo ao vento assim que deixavam as minhas mãos. Frio, sem motivo. Quente, sem motivo. Sorrindo, chorando, nada, esta camiseta, a minha única companhia naquela noite e várias noites depois. Eu usei esta coisa indiferente que você nem lembra de ter tirado da sua mochila. Não foi um presente, isto que estou devolvendo. Mal foi um ato, já quase esquecido, esta coisa que eu usei como se me fosse cara. E foi. Não é a toa que a gente acabou.



O.K., este foi um presente, estava me esperando no armário na segunda. Agora você tinha a minha senha, podia fazer essas coisas. Tão feios, na verdade não feios, mas não eram para mim. Nem gosto de pensar nisso, Eu! Não! Vou! Pensar! Nisso! Porra! em quem ajudou a escolher. Ou o que você estava achando. Olha só para eles, imbecis, pendurados. *O que* você estava pensando?


NÁPOLES-VESÚVIO

FIQUE TAMBÉM COM ESTAS RELÍQUIAS. O Al acabou de me dizer onde conseguiu, foi na Papelaria Bicycle, numa daquelas cestonas que eles põem na rua como se fossem fazer encantamento de serpente. Mas quando ele colocou aquilo nas minhas mãos naquela manhã, não foi o que ele me disse. Tinha muito mais para contar. Ele estava sentado no banco da direita, o nosso lugar de sempre, no qual eu não havia tocado desde que tinha começado a estapear a minha vida. Parecia uma relíquia também, Al-relicário com Lauren-relicário, e o meu lugar vazio como um túmulo saqueado.

Eu me perguntava por que estar lá, tão perdida em pensamentos oscilantes que esqueci de entrar no Hellman pela nova portaria, de acenar para você fazendo as suas cestas e quem sabe até dar uns beijos pela grade como prisioneiros apartados. Mas lá estava eu, e o Al chegou para caminhar comigo. Mesmo depois de dez dias, as meninas caminham diferente quando perdem a virgindade, porque a gente acha que todo mundo sabe.

— O que é isso?

— Jurei para a Lauren que ia falar com você — o Al disse. — E sei que você também jurou.

— Você jurou pelo quê? — falei.

— Gina Vadia em *Os três mentirosos*.

— Muito bem — falei, mesmo que eu soubesse que era só por causa do carro esporte.

— E você?

— *O elevador desce*.

— Boa.

— Pois é.

— Mas você não ligou — ele disse.

— Bom — falei, revirando o fardo nas mãos —, achei que podia me comunicar por cartões-postais, mas não tinha nenhum. Opa, olha só.

— Pensei que podiam ser convites — o Al disse. — Para festa.

— Você ainda... você ainda vai ajudar?

— Acho que a Lottie Carson não merece sofrer só porque a gente brigou. — O Al falava com perfeita inexpressividade, mas o rosto dele estava alerta, quase desesperado. Atrás dele, a Lauren caminhava lentamente para trás, nos assistindo como se estivéssemos fazendo uma escalada arriscada. — Pode olhar.

Fiquei olhando sem desamarrar.

— Uau, vulcões.

— Perfeito, né? Lembra dela em *A queda de Pompeia*?

— Claro.

— Tipo, a gente tem que homenageá-la direito.

— Sim, obrigada. O Ed e eu estávamos falando em convidá-la com antecedência, garantir que ela não tenha outros planos. Quero levar flores para ela, pessoalmente.

— É mesmo?

— Bom, eu fico nervosa só de pensar. Quem sabe só mande um cartão. — Engoli uma grande engolida de nada. — Obrigada, Al. São muito legais.

— De nada. Qual é o sentido da amizade?

— É, o.k.

— Olha, Min — o Al enfiou tanto as mãos nos bolsos que achei que nunca mais fosse vê-las —, não acho que você e o Ed...

A minha mão se fechou sobre os cartões.

— Não, não, *não* diga nada sobre o Ed. Ele não é nada que você acha que é.

— Não é isso. Não tenho opinião formada sobre ele.

— *Por favor.*

— Não tenho. É o que estou falando. O que eu falei, as coisas que falei dele — o que eu quero dizer é que tinha motivo para dizer aquilo.

— O motivo de você não gostar dele — falei, nunca, nunca achando que falaria neste tom com o meu amigo Al. — Já entendi.

— Min, eu não conheço o cara. Não é do Ed que eu estou falando.

— Então o quê...?

— Tem um motivo.

— Bom — falei, cansada daquele papo —, então me conta o motivo. Para com essa de segredinho.

O Al olhou para trás de mim, para o chão, para todos os lados.

— Jurei para a Lauren que ia te contar — ele falou bem devagar, e então. — É *ciúme*, tá, esse é o motivo.

— *Ciúme?* Você queria jogar basquete?

Ele deu um suspiro.

— Não se faz de idiota — ele disse. — Facilita.

— Eu *não estou*. O Ed...

— ...está com você — o Al terminou a minha frase, claro. A escola ficou gigante, tudo ficou maior. Tem tantos filmes assim, em que você acha que é mais esperto que a tela mas o diretor é mais esperto que você, *claro* que é ele, *claro* que era um sonho, *claro* que ela está morta, *claro* que está escondido bem ali, *claro* que é verdade, e você e a sua cadeira não conseguiram ver no escuro. Eu podia ver tudo, cada revelação que já me

surpreendera, mas não consegui ver isso, ou entender como eu não tinha entendido.

— Ah — falei, ou algo assim.

O Al me deu um sorriso tipo, *fazer o quê*?

— Pois é.

— Acho que eu *sou* uma idiota.

— Alguém aqui é — o Al disse, apenas isso. — Não tem nada de idiota em não pensar em mim desse jeito, Min. A maioria das pessoas não pensa.

— Aquela menina de Los Angeles — falei. — Ah. — *Claro*, de novo. — De quem foi a ideia?

— Daquele filme *Beijo de tolo*.

— Mas aquele filme é horrível.

— É, bom, não deu certo inventar aquilo — disse o Al. — Você não ficou com ciúme.

— Ela parecia legal — falei, pensativa.

— Foi porque eu descrevi você.

Então *onde você estava*, é o que eu quis dizer, *em todos os meus momentos de solidão*, mas eu sabia, bem do meu lado, era lá que você estava.

— Por que você não me contou?

— Teria importância?

Suspirei um pouco, no meu limite. Disse uma coisa, fiz um barulho, só para não dizer "provavelmente".

— Bom, então acho que estou contando.

— Agora que eu estou apaixonada.

— Você não é a única — o Al disse.

Ele tinha um coração de verdade, o Al. *Tem*, ainda, agora que ele saiu para virar o caminhão enquanto eu termino. Mas naquela manhã — 12 de novembro — eu não tinha onde enfiar isso, mal conseguia segurar esses cartões de antigos perigos e

desastres. Eu estava piscando demais e já sabia disso. Em um segundo ia tocar o sinal.

— Eu sei que é muita coisa — o Al disse. — E você não tem que, tipo, sentir o mesmo e tal.

— Eu não posso — falei.

— Sim, então, não faz nada. Tudo bem também, Min. De verdade. Mas vamos parar, tipo, de *carranquice* um com o outro e de não conversar. Vamos tomar café.

Eu estava fazendo que não.

— Eu tenho prova — falei, cretina.

— Bom, não agora. Mas *uma hora dessas*. Tipo, no Federico's. Faz uma vida que a gente não vai.

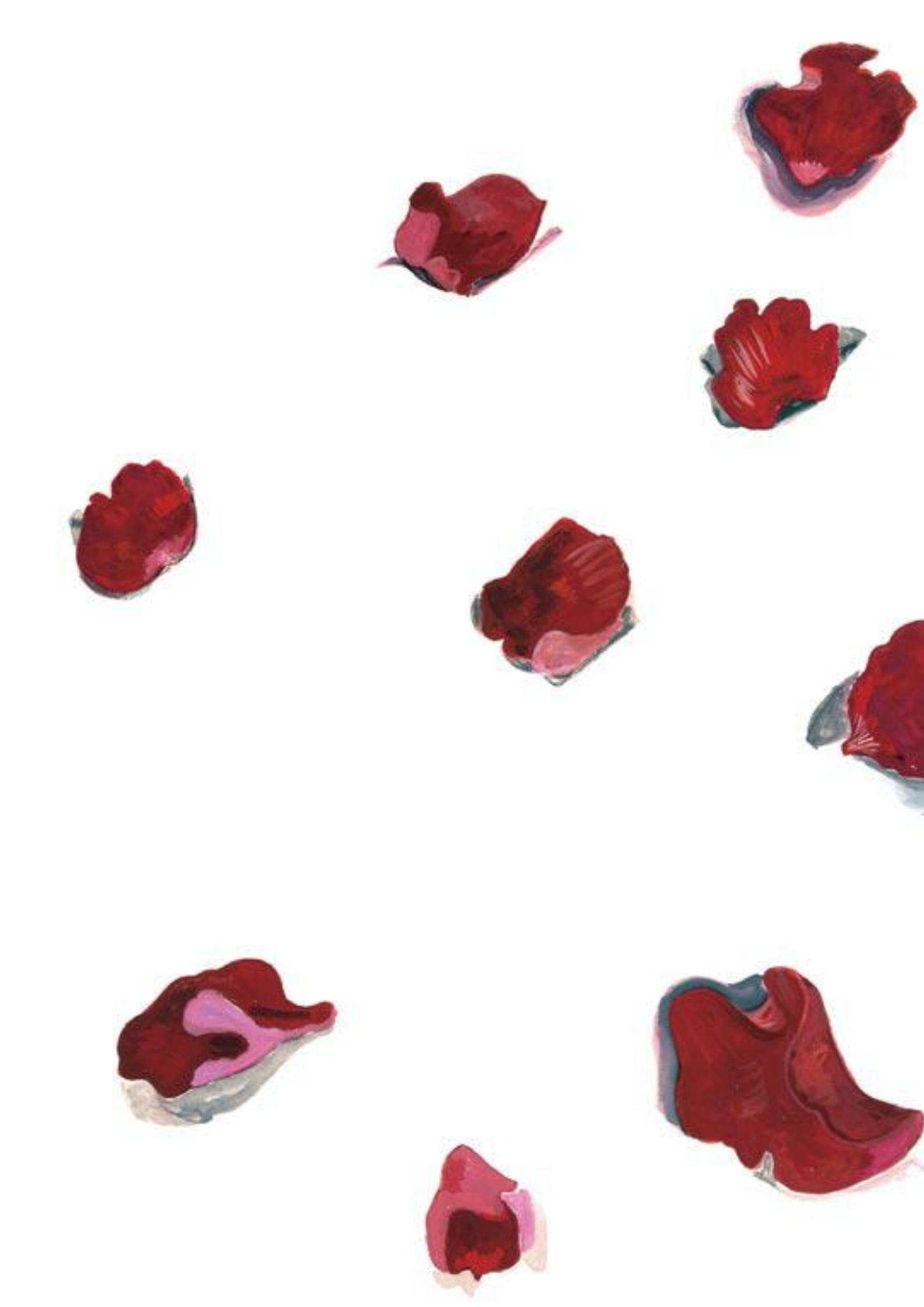
— Uma hora dessas — falei, não exatamente concordando, mas o Al disse "O.k." e eu levantei um pé que nem ele faz, como na trave olímpica, como se houvesse uma parte do caminho onde a gente tinha que ter cuidado.

— O.k. — falei também.

Parecia que ele queria dizer mais alguma coisa. Devia ter dito. Eu não queria que ele falasse. Não teria importância.

— Mas tudo o.k.? Tudo mesmo?

— O.k. — falei de novo, e de novo, e aí falei que tinha que ir.





AGORA CHEGAMOS NO FUNDO, quase vazio. Parecem confetes, aqueles restos ressecados que você encontra na rua de uma festa para a qual não foi convidada. Mas eu reconheço que já tinham feito parte de algo lindo.

A Lauren me disse, quando a gente saiu naquele fim de semana, que você devia estar querendo se entregar, que você queria terminar e foi por isso que a gente acabou parando na Willows depois do treino. Eu penso nisso sem parar. Mas o que eu acho é que você só ficou sem ter o que fazer. Já vi acontecer nos jogos, de repente os outros na sua frente e a bola some naquele instante em que os seus olhos se perdem, no segundo de distração. Às vezes acontecia quando você ficava convencido, ou quando não tinha dormido direito.

— Meu, como eu queria um café — você me disse, saindo do ginásio. — Creme extra, três colheres de açúcar.

Eu, a idiota, acenei para a Annette e te peguei pelo braço para caminhar.

— Estamos indo na Willows — falei.

— O quê? Para casa, não?

— A Joan está se cansando de mim. E eu também quero ir na casa da Lottie Carson. Hoje é o dia de convidá-la.

— O.k., então vamos lá longe — você disse. — Mas por que a Willows? Você disse que nunca ia querer flores.

— São para ela. Aí a gente pode tomar café na Fair Grounds enquanto escrevo para ela num desses.

— Desses o quê?

— Olha aqui. Legal, né? Ela fez um filme de vulcão.

— Onde você pegou?

— O Al que trouxe.

— Então vocês se acertaram?

— É, está tudo bem.

— Bom. Ele deve estar pegando alguém, estava ficando muito pirado, até em aula, disse o Todd. Aquela menina de Los Angeles veio visitar?

— A história é comprida — falei.

Você concordou sem dar muita bola e aí lembrou que devia prestar atenção nessas coisas.

— Me conta no café — você disse.

— Primeiro as flores.

— Min, sério? Flores? Por quê?

— Porque ela é uma estrela de cinema. E a gente é, tipo, criança de colégio.

— Vamos tomar café e discutir isso.

— Não, você disse que a Willows fecha cedo.

— É — você admitiu, o bom na matemática. — Por isso que eu falei café primeiro.

— *Ed.*

— *Min.*

Ficamos um zangado com o outro, mas sabendo, pelo menos eu, que era só mais uma discussãozinha.

— Você ainda não está usando os brincos — você disse, como se aquilo fosse algo a seu favor.

— Eu falei que eles são muito chiques.

— Não foi o que ela disse quando eu comprei.

— Ela quem?

— Sei lá — você gaguejou, maldito. — A moça da joalheria.

— Bom, mas são. Se a gente for num lugar chique, eu uso — foi uma dica, não queria admitir, para você me convidar para o Feriado Formal. Você não tinha me convidado, não convidou, seu cretino. — Mas agora, Willows. Vamos.

Arrastei você, suado e relutante, por aquelas duas ou três quadras, as suas pernas fazendo um pé ante pé agitadiço, como se tivesse que fazer xixi, uma dancinha exagerada que ainda tinha a sua beleza. A sua mão se contorcendo na minha como um sapo preso, o seu cabelo que precisava de cabeleireiro, os seus lábios mordidos e úmidos. Queria que esta fosse a última vez que te achei lindo, Ed. Aí podia ter deixado você ir, empurrado os seus beijos e nos jogado contra os carros, sem ter que lidar com a forma como você assombra os meus corredores agora. Eu devia ter tido aquele feeling na hora, na última faixa de pedestres quando abriu para nós, mas, em vez disso...

A porta da Willows fez um bip e abriu. Lá dentro havia uma estufa de coisas entre as quais você pigarreava e dava de ombros.

— Que significado tem essa aqui? — perguntei. — Você é mais das flores que eu.

— Hã.

— Mas acho que não nos últimos tempos, né? Estas são bonitas. Lírios.

— Hã.

— Tem umas que são tão lindas que eu não devia ter falado para você o negócio das flores. Eu devia ter brigado e brigado e brigado com você só para ganhar.

— Hã.

— Você usa flores naquele código das antigas, tipo narcisos dizem "desculpe pelo atraso", margaridas são "desculpe fazer você passar vergonha na frente dos amigos", estas aqui repartidas dizem "estava pensando em você"? Ou você só mandava fazer um buquê

do que estivesse bonito? — Ali eu era uma marionete tonta, espirituosa e achando que era bonitinha, embora o tempo todo não passasse de uma piada idiota que até uma criança ia achar um saco. — Qual é a de "feliz aniversário"? Ou "por favor venha a nossa festa"? Qual é o código de flor para "você não me conhece mas, se você for quem a gente acha que é, a gente adora tudo que você fez e o meu namorado e eu estamos organizando um evento muito elegante para os seus oitenta e nove anos, venha por favor"? Como se diz "faça dos meus sonhos realidade"?

— Você deve ser a Annette.

Não, não isso.

— Como vai, Ed? — disse o cara das flores, careca e com óculos pendurados num colar de continhas. Falei para mim mesma que ele não havia dito aquilo ou que eu não tinha ouvido ou que eu não estava te ouvindo em silêncio, mesmo quando ele apertou a minha mão. — É muito bom finalmente juntar o rosto ao nome.

— Não, Ambrose — você disse enfim. — A gente só está procurando...

— Sei o que você quer — ele disse num arrulho onduloso, e foi até uma parede de geladeiras. — Quer economizar na entrega, né? Eu tiro dez pratas da conta da sua mãe, Ed. Conhece a mãe dele, Annette? — Ele fechou a porta e veio na nossa direção com um arbusto de forte escarlate. — Ela sempre amou flores — disse ele, e soltou-as na minha mão, cintilantes, um arranjo fantástico, alto e num vaso gelado nas minhas mãos. Rosas vermelhas. Todo mundo sabe o que querem dizer.

— Não são para ela — você falou de repente, e isso, Ed, também foi uma coisa muito errada.

— Você não é a Annette?

Annette, aquilo ainda me tomou um segundo. Era o nome no envelopinho, entregue num alfinete de plástico como um cuspe na

minha cara. Para a namorada, rosas vermelhas são para a namorada, e a namorada sou eu. Então peguei, o envelope também gelado, afiado nas pontas.

— Não — você disse, baixinho.

Ed, elas eram muito, muito bonitas de se ver.

— Eu gostaria de ver — me vi mentindo — o que você escreveu... — Já tinha rasgado para abrir. O soluço na cara, vergonhosamente, deve ter sido o meu.

"Não consigo parar de pensar em você."

Foi um oceano, um cânion de horror. Eu não esperava isso, fazer cena numa floricultura. "Pare de chorar" era o que eu me dizia. A sua expressão de débil mental no reflexo da porta de vidro. E agora, eu preveria com todo desdém assistindo o filme no meu sofá, ela vai dizer "Há quanto tempo isso vem acontecendo"?

E falei.

— Min...

— Quer dizer, parece que já faz *um tempo* — falei, a palavra grudando na boca. — Porque, quer dizer, você não consegue parar de pensar nela. — O atendente tapou a boca com a mão. Todo aquele papo de gay, ainda tive tempo de pensar, e olha quem sabe os seus segredinhos de menino e menina, Ed.

— Min, eu estava tentando te dizer.

— Mas não são para mim — falei, e alguma coisa encrespou na minha mão. Houve um estrondo no chão, o estrondo de quem solta uma coisa.

— Min, eu te amo.

— E não consegue parar de pensar em mim — falei. — É isso que diz no bilhete. — A minha cabeça latejava de tão ruim de aritmética. Você deve ter parado de pensar em mim porque não conseguia acabar com a Annette. Pensei nela de correntes, de machado e fechei os punhos em volta daquelas pétalas malditas ali

mesmo. “Não consegue parar de pensar em quem”, pensei, uma fração que eu não conseguia somar na minha cabeça. Eu precisava de ajuda, mas você é o único bom nessas merdas de trigonometria.

— Min, olha...

— Eu! Estou! Ouvindo! — gritei. Joguei o envelope (“agora ela vai jogar o envelope no rosto dele”) no seu rosto. — Você... quando foi que...

— Olha, em primeiro lugar eu nunca disse que a gente não ia sair com outros.

— *Vai à merda!* — falei. — A gente disse exatamente isso!

— Eu falei que não *queria* ver mais ninguém — você disse naquele ônibus barulhento, por um segundo era o Halloween e eu sentia o ar da noite nos braços. — Não que...

— *Vai à merda!* Você disse que me amava.

— E amo, Min, mas a Annette, tipo, ela mora do lado da minha casa. E você sabe que a gente ainda é amigo. Tipo, você tem amigos homens, você sabe como é, e eu nunca te dei dura porque...

— Ela mora *perto da sua casa*?

— Aí ela vinha umas noites, para fazer lição de casa e essas coisas. Ela nunca se deu com a Joan, então a gente sempre ficava no quarto.

— Ah, meu Deus.

— Ela gosta de basquete, Min. Sei lá. O pai dela já foi amigo do meu. Ela me ouve. E sim, geralmente era só amizade.

— Você... você dormiu com ela? — As noites que eu comecei a somar, quando a gente não se telefonava, ou telefonava, mas rápido. A Joan atendendo louca e evasiva, batendo o pé para subir a escada e te buscar. Eu era boa ouvinte, eu sou. Estava ouvindo tudo. Mas agora, então, você não disse nada. Só a água numa

corrente até o chão, uma resposta que eu sabia, saindo do lindo vaso.

— Olha, Min, sei que você não acredita em mim, mas é que é difícil. Para mim também. É horrível, é estranho, é como se eu fosse duas pessoas e uma delas fosse, sim, a Min, *de verdade* — de verdade verdadeira muito feliz com você. Eu te amei mesmo, ainda amo. Mas de noite a Annette batia na minha janela e parecia uma outra coisa, um segredo que nem *eu* sabia...

A sala tremeu, as portas de vidro da geladeira. Você parou de falar. Acho que eu gritei, pensei.

— Min, *por favor*. Era... a gente... é *diferente*, você sabe. — Você estava com o mesmo olhar da quadra, pensando em uma estratégia rápida. — Tem que ter um... sei lá, tipo um filme, sabe? Não tem um filme onde tem dois caras, acho que são gêmeos, e um faz as coisas certas e o outro...

— Isso não é filme — falei. — A gente não é estrela de cinema. A gente... meu Deus. *Ah, meu Deus*.

Agora eu estava olhando para uma coisa, *fitando*. Quantas, eu me perguntava, quantas coisas terríveis iam ser projetadas diante de mim, cenas ruins de filmes piores, erros imbecis, quantas imitações baratas teriam que ser arrancadas das paredes?

— Ei — disse o atendente. — Espere aí.

Puxei o meu pulso da mão dele e continuei a rasgar. Eu ia rasgar tudo, pensei, destruir qualquer merda que eu quisesse e quem quisesse me deter.

— Pare — o cara disse de novo. — Pare. Entendo que você esteja triste e, bom, *em parte* a culpa é minha. Mas você não pode fazer vandalismo na minha loja. Ela é *minha*, querida. Ela sempre foi tudo para mim e eu nunca vou tê-la de novo se você...

Eu saí correndo com as duas mãos ao ataque. Ninguém na calçada deu bola. Estava muito frio, como se eu tivesse esquecido

o casaco, mas insuportavelmente abafado e quente na minha boca, no meu corpo. Você veio atrás de mim. A minha virgindade de merda, percebi com total desamparo. Você tinha visto tudo, você teve tudo que queria. O banho junto. O seu corpo dentro do meu. Você teve cada pedacinho de pele, e eu tinha um punhado de pétalas numa mão, as flores de outra pessoa, e isto na outra. Quantas vezes você tinha estado na Willows, visto isso preso bem ali no mural do lado de uma foto de gatinhos pendurados na árvore, os olhinhos arregalados de tristes, com aquela legenda imbecil que todo mundo já viu um milhão de vezes?

— Você sabia disso? — Soltei os trovões em você.

Você deu de ombros de novo, de enfurecer.

— Min, eu não sabia...

— *Eu* é que não sabia — falei, tentando *ficar firme*. — Você quis... você me deu o pé na bunda por causa de outra e eu nem notei?

Você piscou como se eu tivesse quase acertado no chute.

— E então, isso? *Isso?* E você nunca...

— É você que eu quero. Min, quem foi que disse, você sempre dizia *mesmo que não seja*! Você dizia que *mesmo que não seja*...

— Você sabia e não me contou?

Você, nada.

— Me diz!

— Não sei — você disse. Lindo naquele pôr do sol. Eu podia tocar em você, queria, não me aguentava. Quem era você, Ed? O que eu ia fazer com você?

— Qual é a outra opção? — gritei. — O que mais tem?

— Min, é diferente — você disse, mas eu fazia que não, violenta. — *Você* que é! Você...

— Não me diz "das artes"! Eu não sou das artes!

— ...diferente — que foi o que me despedaçou. Saí voando pela rua porque não era verdade. Não *era*. Não era e não é. Você é um merda de atleta e podia me alcançar sem nem suar, mas, Ed, você não foi, você não estava lá quando eu cheguei numa esquina tão longe e fiquei arfando com as mãos cheias de tudo que eu tinha deixado. Não era verdade, Ed, eu ia gritar tudo para você quando você chamou o meu nome, mas você se foi, não era você. De todo mundo que podia estar ali, era a Jillian Beach no carro que o pai comprou para ela com os para-choques e a música alta e ruim no sinal vermelho. Ela era a minha melhor amiga, Ed, isso foi o mais baixo que você fez. Ela abriu a porta do passageiro, e eu não parava de chorar. Ela desligou o rádio, quem diria, e não perguntou. Depois me dei conta, ao vê-la evitando me olhar nos armários, que ela já devia saber o que significava me encontrar lá sozinha e chorando, que eu finalmente tinha descoberto. Mas na hora só pareceu mágico e extraordinário e fiquei agradecida de ela não dizer nada e me deixar chorar, desesperada e feia, no carro dela; dirigiu calmamente até onde ela sabia que eu precisava ir e aí parou. Ela se estendeu e abriu a porta. Ela me deu a minha bolsa mesmo com as mãos cheias e, Ed, um beijo, até um beijo na minha bochecha molhada. Um empurrãozinho. Agora eram só soluços, não tinha como ser pior, mas eu a entendia e me arrastei pela porta. As poucas pessoas olharam para a menina chorando, e o Al se levantou da mesa que a gente sempre tenta conseguir no Federico's, o rosto dele lívido e sério enquanto eu chorava e chorava e contava a verdade para ele.

E a verdade é que eu *não sou*, Ed, é isso que eu queria dizer. Eu não sou diferente. Eu não sou das artes como diz todo mundo que não me conhece, eu não pinto, eu não desenho, eu não toco nada, eu não canto. Eu não atuo, eu queria dizer tudo isso, eu não escrevo poemas. Não sei dançar exceto quando fico tontinha nas

festas. Eu não sou atlética, eu não sou gótica nem animadora de torcida, não sou tesoureira nem cocapitã. Não sou gay e não saí do armário, não sou o carinha do Sri Lanka, não sou trigêmea, nem filhinha de papai, nem bêbada, nem gênio, nem hippie, nem crente, nem vagabunda, nem uma daquelas meninas superjudias na gangue do quipá que passa desejando feliz Sucot para todo mundo. Eu não sou nada, foi isso que percebi chorando com o Al e as minhas mãos soltando as pétalas, mas segurando isso com toda força. Eu gosto de filmes, todo mundo sabe que eu gosto — eu amo —, mas nunca vou ficar encarregada de um filme porque as minhas ideias são imbecis e eu sou ruim da cabeça. Não tem nada de diferente nisso, nada de fascinante, de interessante, que valha a pena conferir. O meu cabelo é ruim e os meus olhos são *dã*. O meu corpo é um nada. Sou gorda demais e a minha boca é de débil mental. As minhas roupas são uma comédia, as minhas piadas são forçadas e complicadas e ninguém mais ri. Eu falo que nem uma monga, não sei dizer a coisa certa para fazer as pessoas gostarem de mim, só fico babujando e cuspindo como um bebedor estragado. A minha mãe me odeia, eu não consigo agradar. O meu pai nunca me liga e aí liga na hora errada e manda ou presentes gigantes ou nada, e isso me deixa de cara com ele, e foi ele que me batizou de Minerva. Falo merda de todo mundo e depois fico amuada porque não me ligam, os meus amigos somem como se eu os tivesse jogado do avião, o meu ex-namorado acha que eu sou o Hitler quando me vê. Eu fico me coçando, eu suo por qualquer coisa, os meus braços, eu sou toda desastrada e derrubo tudo, as minhas médias e as minhas ênfases imbecis, mau hálito, as calças que ficam justas atrás, o meu pescoço longo demais, sei lá. Eu sou sorrateira mas sempre me pegam, eu sou esnobe e finjo, eu concordo com quem mente, eu digo não sei que mais e me acho a esperta. As pessoas têm que ficar cuidando quando eu cozinho

para não queimar tudo. Não consigo correr quatro quarteirões nem dobrar um suéter. Eu beijo que nem uma imbecil, troco carícias que nem uma idiota, perdi a virgindade e nem fiz direito, concordei com tudo e fiquei triste e chateada depois, me agarrando a um cara que todo mundo sabia que era um canalha de merda de bosta, amando-o como se tivesse doze anos e aprendendo tudo na vida numa revista com um *smiley* na capa. Eu amo que nem uma tola, uma comédia romântica barata classe Z, uma pirada que usa maquiagem demais dizendo coisas de um roteiro sem noção para um ator lindo que acabou de perder o *sitcom*. Eu não sou romântica, não sou miolo mole. Só os burros acham que eu sou inteligente. Eu não sou alguém que todo mundo devia conhecer. Eu sou uma lunática procurando restos, sou como qualquer imbecil fracassado de quem já desviei e fingi que não conhecia. Sou todos eles, todas as coisas feias numa fantasia feita de última hora. Eu não sou diferente, nem um pouco, diferente de nadinha nesse mundo. Eu sou um defeito defeituoso ambulante, uma ruína arruinada, um desastre, um fracasso tão grande que nem vejo mais o que já fui. Eu não sou nada, nadica. A única partícula que eu tinha, a única coisinha minúscula que me fazia levantar da cama, era eu ser a namorada do Ed Slaterton, amada por você por uns dez segundos, e quem se importa, e daí, e não sou mais, então, oh, que vergonha. Que idiotice pensar que eu era outra coisa, como achar que ficar sujo da grama te deixava lindo, como se ganhar beijos te transformasse em beijável, como se me sentir aquecida te transformasse em café, como se gostar de filme fizesse de você diretora de cinema. Que absurdo de incorreto pensar de outra forma, uma caixa de porcaria é um suvenir, um garoto sorrindo quer dizer alguma coisa, um momento de gentileza é uma vida melhorada. Não é, não era, é uma catástrofe pensar assim, uma criancinha rechonchuda na sala de estar sonhando

com bailarinas, uma menina na cama de olhos vidrados por *Nunca à luz de velas*, uma louca achando que é amada seguindo uma estranha pela rua. Não tem uma estrela de cinema passando por nós, agora eu sei, não a siga achando que é, não seja tão ridícula e errada nem sonhe com uma festa de aniversário de oitenta e nove anos para comemorar a ignorância burra. Já se foi. Ela morreu há muito tempo, essa é a verdade do que me atacou no peito e na cabeça e nas mãos para sempre. Não existem estrelas na minha vida. Quando o Al me deixou em casa, exausta e desconsolada, e eu fui para o telhado da garagem e me dei conta de tudo de novo chorando sozinha, não tinha nem estrelas no céu. O último dos fósforos foi a única luz, tudo que eu tinha, e depois aqueles, aquele que você me deu, seu canalha, aqueles que agora também estavam mortos e eram nada.

LOTTIE CARSON, ATRIZ, MORRE

Hoje não se encontrava um crisântemo nas floriculturas de Hollywood, depois que Lottie Carson, uma das maiores estrelas da Era de Ouro de Hollywood, teve seu descanso final no cemitério privado na propriedade do famoso diretor P. F. Mailer.

O crisântemo tornou-se a flor símbolo de Carson depois de sua cativante estreia num filme feito apenas como sobra de estúdio, *Salteadora dos crisântemos*. Embora Carson tivesse um papel menor, as plateias de todo o mundo foram arrebatadas por seu inesquecível rosto e o número musical, Faro para *Notícia*, no qual Carson e doze Quiglerettes formavam um rosto ao ondular seus corpos de smoking numa dança que acabou virando evidência-chave num famoso caso da Corte Suprema dos Estados Unidos.

Nascida Bettina Vaporetto em Buffalo, Nova York, Carson era filha de dois imigrantes italianos conhecidos nas redondezas pelas brigas domésticas que acabavam na rua com os dois de panelas na mão — tanto Vincent quanto Angelina Vaporetto eram esgrimistas amadores — a qualquer hora do dia ou da noite. cont. D8

AOS SETENTA E CINCO



Fotografia promocional do início da carreira de Carson, com um de seus famosos crisântemos entre os dentes.


1
COLÉGIO
HELLMAN
VS.
COLÉGIO
LINCOLN
20h
1
INGRESSO
ARQUIBANCADA
5,00
SÁBADO 20h

COMPREI ISSO MAS NÃO USEI. O Al e a Lauren me raptaram para fazer lasanha de cogumelos selvagens e chorar na mesa em vez de me esconder nos assentos não reservados para te assistir jogar, como tinha dito para eles que queria.

— Tenha dignidade — a Lauren me disse, e o Al concordou enquanto ralava o queijo. — Você não vai querer ser a ex triste na arquibancada.

— Eu sou a ex triste na arquibancada — falei.

— Não, você está aqui com a gente — o Al disse, resoluto.

— Eu sou só isso — falei. — Ou fico jantando com a minha mãe toda emburrada, ou chorando na cama, ou olhando para o telefone...

— Ah, Min.

— ...ou fico ouvindo Hawk Davies e jogo o CD longe e tiro da lixeira e ouço mais e remexo na caixa de novo. Não tem mais nada. Eu...

— A caixa? — o Al disse. — Que caixa?

Mordi os lábios. A Lauren deu um suspiro.

— Eu sei. Eu sei, eu sei, eu devia ter acabado com ele no Halloween.

— Que caixa? — o Al repetiu.

A Lauren se curvou para me olhar nos olhos.

— Você não me diga que tem uma caixa de coisas, de suvenires Ed Slaterton que fica remexendo — a Lauren disse. —

Não, pelo amor de Deus. Eu não te falei, Al? Não falei que a gente devia ter passado um pente-fino no quarto dela e botado fogo em tudo do Slaterton que a gente achasse? Desde o momento em que a gente ficou sabendo desse comportamento cafajeste, *cafajeste*, a gente devia ter alugado aquelas roupas de radiação e caído de paraquedas no quarto dela...

Mas ela parou porque eu comecei a chorar, e o Al tirou o avental e veio me abraçar. Pelo menos, pensei, pelo menos não estou chorando tanto quanto da outra vez.

— Eu sei que sou imbecil — falei. — Imbecil e desesperada, *eu* sou uma imbecil desesperada. Sou uma *desperado* de ficar com tudo aquilo.

— Quando é menina — o Al disse, me passando um guardanapo —, acho que o termo é *desperada*.

— La Desperada — a Lauren disse, fazendo pose de flamenco. — Ela que vaga pelo deserto destruindo caixas de suvenir que recebe de homens cafajestes, a cafajestagem.

— Não estou pronta para jogar fora.

— Bom, deixa na porta do Ed pelo menos. A gente pode levar hoje à noite.

— Também não estou pronta para isso.

— *Min*.

— Deixa a Min em paz — o Al disse. — Ela não está pronta.

— Bom, pelo menos diz para a gente qual é a coisa mais vergonhosa ali.

— *Lauren*.

— Vamos.

— Não.

— Eu vou cantar — ela ameaçou.

Dei um suspiro breve. O Al voltou para o ralador. Eu não podia dizer que eram as embalagens de camisinha. Não podia. *Os patetões III. Não consigo parar de pensar em você.*

— O.k., hã, os brincos.

— Brincos?

— Brincos que ele me deu.

O Al franziu o cenho.

— Não tem nada de vergonhoso nisso.

— Sim, tem, se você vir os brincos.

A Lauren pegou o bloquinho que a mãe do Al deixa do lado do telefone.

— Desenha.

— O quê?

— Vai ser uma terapia. Desenha os brincos.

— Eu não sei desenhar, você sabe que eu não sei.

— Eu sei, e por isso que para você vai ser terapia e para nós vai ser hilário.

— Lauren, não.

— O.k., então faz de conta que está com eles.

— Hein?

— Faz de conta que está com os brincos, sabe, tipo pantomima. Melhor, dança interpretativa!

— Lauren, isso não ajuda.

— Al, me ajuda aqui.

O Al me viu sentada na mesa da cozinha. Ele via que eu estava hesitando. Ele tomou um longo, longo gole do drinque de limão com menta e disse:

— Acho que teria valor terapêutico.

— *Al. Et tu?*

Mas o Al já estava tirando uma cadeira do caminho para me dar espaço.

— Precisa de música? — a Lauren perguntou.

— Mas claro — o Al disse. — Algo dramático. Pronto, concertos de Vengari, o meu pai adora. Faixa seis.

A Lauren deu play.

— Senhoras e senhores — ela disse. — Palmas, por favor, para a dança *freestyle* de... La Desperada!

Eu soltei o corpo e aí, com os meus amigos, assumi o meu lugar. Então fique com o meu ingresso, Ed. Enquanto o mundo e a plateia estavam dando vivas para você, cocapitão, vencedor do estadual, eu ganhei os meus aplausos.


QUANDO APAGAM AS LUZES:
PEQUENA HISTÓRIA
ILUSTRADA DO CINEMA

DEVOLVA para sua irmã. Já terminei.


M
CASTANHAS
MINERVE

O.K., ÚLTIMA COISA. Esqueci totalmente que estava aí. Comprei na época que a gente estava falando de pratos para o Dia de Ação de Graças, um milhão de anos atrás. Você disse qual recheio tinha que ser feito à moda antiga, com um pote, não havia discussão porque tinha que ser esse, uma marca bizarra que mal se encontra, de castanhas. Você está errado, claro. Castanha no recheio é como se alguém mastigasse um galho de árvore e aí enfiasse na sua boca num beijo de língua. Comprei para fazer para você no jantar de Ação de Graças. Mas o Dia de Ação de Graças já passou. O Al e eu assistimos sete filmes de Griscemi naquele fim de semana no Carnelian, entrando com sanduíches de peru escondidos e os drinques de limão com menta em cantil de plástico. A gente não se beijou, mas limpou a mostarda da boca um do outro, é isso que eu lembro. Aí ele viu isto. "Por que tem isso aqui?", ele perguntou. Falei que eu ia fazer para você, e ele torceu o nariz.

— Castanha no recheio é como se alguém mastigasse um galho de árvore e aí enfiasse na sua boca num beijo de língua — ele disse.

— *Eca*. E aí...?

— Ah, sim. Na minha opinião, os azulões são lindos.

Agora a gente tem este acordo, toda vez que ele emite uma opinião tem que dar mais uma para compensar todas as faltas-de-opinião-formada. Estou cumprindo a minha parte do acordo, enfim, agora que estou pronta para me livrar dessas coisas.

— Acho que li alguma coisa sobre um aperitivo com castanhas — o Al diz agora. — Enrola as castanhas

em *prosciutto*, acho, passa *grappa* nelas, cozinha e põe salsinha em cima.

— Quem sabe gorgonzola — falei.

— Ia ficar bom.

— A gente pode usar castanha de potinho?

— Claro. Quando se enrola alguma coisa no *prosciutto* aí você compensa o pote. Enrolar no *prosciutto* compensa qualquer coisa.

— Sim — falei, e então, Ed, é com isto que eu vou ficar. É isto que você não vai ter de volta. Você nem ia saber se eu não te contasse, do peso do potinho, do rótulo bobo, essa parte de nós que eu não vou deixar. Ela me faz sorrir, Ed, eu estou sorrindo.

"A gente pode tentar fazer no Ano-Novo", o Al vai dizer, eu sei que vai. A gente está planejando uma ceia elegante. Será uma homenagem, decidimos depois de muito, muito, muito papo movido a cafeína, a ninguém. Até agora a maioria dos pratos é cópia de *O banquete dos estorninhos*, que alugamos de novo e ficávamos pausando para discutir o que a IngeCarbonelpõe, inclinada sobre o forno de pedra enquanto o filho cego toca sem parar aquela peça raivosa no violoncelo, o que ela usa para temperar os passarinhos que ficam dias e dias borbulhando no peitoril durante o velório do irmão. Que tipo de vinho é aquele, como se a gente fosse conseguir achar vinho grego mesmo se conhecesse, a câmera se enfiando cada vez mais fundo na garrafa e acompanhando-o até a taça ampla e sedenta. Trufas de alcaçuz, também. Um ovo semicozido com recheio de anchovas. Queijo de cabra derretido sobre beterraba ou talvez estas castanhas, enroladas em *prosciutto*, roubando o sabor de todo o resto. Velas, guardanapos de verdade. Talvez eu compre outra gravata para ele. É só um plano, tem coisas que não vão dar certo. (Aliás, que pena o que houve com a Annette.) Mas é melhor do que essas porcarias

que os atletas põem no recheio, Ed. Os nossos esboços são feios, mas o Al e eu sabemos ler, conseguimos ver a coisa andando. O Ano-Novo vai fazer com que eu me sinta, sei lá, tipo aquelas pessoas felizes apertadas na grande mesa de madeira, não é o meu filme predileto, mas tem alguma coisa, na minha opinião. Você não ia gostar. A gente terminou porque você nunca vai entender, nunca vai ver um filme desses. Os pratos de sopa balançando, aquele pássaro maluco que bica as sementes no pires, o jeito que o par romântico aparece do nada, várias cenas antes de você se dar conta de que ele faz parte da história. Fechando a caixa com um empurrão, expirando como um caminhão que puxa o freio, largando-a na frente da sua casa com um gesto da Desperada. Logo vou estar me sentindo assim, a qualquer segundo, querida ou amada ou contente ou não sei que mais. Eu já vejo. Vejo e sorrio. Estou te dizendo, Ed, e agora estou dizendo para o Al, que é um feeling.

~~Com amor,~~ Min.



